

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

VOZES QUE RECITAM, LEMBRANÇAS QUE SE REFAZEM

Narrativas de descendentes italianas/os. Nova Veneza - 1920-1950

LUCY CRISTINA OSTETTO

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 1997.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

VOZES QUE RECITAM, LEMBRANÇAS QUE SE REFAZEM

Narrativas de descendentes italianas/os. Nova Veneza -1920 -1950

LUCY CRISTINA OSTETTO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Bernardete Ramos Flores.

FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 1997

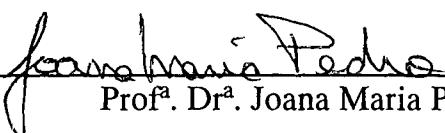
VOZES QUE RECITAM, LEMBRANÇAS QUE SE REFAZEM:
NARRATIVAS DE DESCENDENTES ITALIANOS/AS. NOVA VENEZA.
(1920-1950)

LUCY CRISTINA OSTETTO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

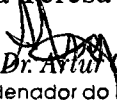
BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Maria Bernardete Ramos Flores (Orientadora)


Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro


Prof^a. Dr^a. Cleci Eulália Favaro

Prof^a. Dr^a Maria Teresa Santos Cunha (Suplente)


Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do RPH/UFSC

Florianópolis, 25 de agosto de 1997

Canção Amiga

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.

No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só-diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças!

Carlos Drummond de Andrade

Um rosto. Marcas da idade. Cicatrizes de uma vida de trabalho. Dedico esses escritos à você "dona Lígia".

AGRADECIMENTOS

Uma “aventura de sensibilidade”. Foi isso o que representou para mim a escrita deste texto. Escrito, lido e falado. Na minha voz/escrita há vozes que se fizeram presentes durante todo o percurso. Vozes insistentes, reticentes e pertinentes. É que me instigavam a seguir em frente:

Luciana, teu exemplo um estímulo, teu zelo um privilégio. Foi bom partilhar contigo destes escritos.

Carla tua amizade e companherismo, um ancoradouro para minhas aflições.

Karen, à você o meu afeto e a certeza de que trilhamos uma longa caminhada, não sem deixar nossas marcas.

Maria Bernardete, minha orientadora pelo carinho e pelo estímulo. Aprendi muito contigo.

Arsele, Luciene, povo do mestrado. Um carinho especial pela troca de experiências, por partilhar alegrias, medos, aflições e por sempre apostar nos nossos projetos.

Paulinha minha sobrinha que sempre me ajudava a botar o “quarto de estudo” em ordem, depois de longas horas de trabalho.

A toda minha família pelo apoio.

Ao Gilson e Murilo, funcionários do departamento de Pós-Graduação em História, pelo companherismo.

Irma Bortoluzzi Crevanzzzi, por me permitir pesquisar os arquivos da Família.

Ao CNPQ que possibilitou a realização da pesquisa.

A todos os descendentes italianos e italianas que partilharam comigo de suas experiências. O meu carinho.

Resumo

A partir da memória dos/as descendentes de italianos/as de Nova Veneza, este trabalho visibiliza o “habitus familiar” através de práticas vivenciadas cotidianamente. Discute a construção social dos gêneros dentro das relações familiares, tomando como local o trabalho na roça, as vivências partilhadas dentro e fora da casa e os espaços de sociabilidade.

Abstract

From Nova Veneza Italian descendent's memory this work shows the "familiar habitus" daily practices. It discusses the social building from the genders inside the familiar relationships, talking place the field work and the livibgs shared inside and outside from the social spaces.

SUMÁRIO

Resumo, VII

Abstract, VIII

Introdução - Das vozes e construções do percurso, 1

I

QUADROS DE FAMÍLIA

1. Mãos que trabalham para o mesmo monte, 17
2. Desnudando relações familiares: a casa como relicário, 32
3. Um olhar oblíquo, 52

II

LUGARES E BUSCAS

1. No primeiro sapato, as marcas de um ritual, 71
2. Participando das festas, buscando o encontro, 79
3. Do namoro romântico à escolha de seus pares, 90

III
NOVOS QUADROS, VELHAS PRÁTICAS

1. No enxoval, laços que se estreitam, 94
2. Casamento: significados e sentidos, 105
3. O eterno recomeçar: da casa da sogra à sua casa, 116

Fontes e bibliografia, 131

Bibliografia geral, 136

Anexos, 143

Introdução

Das vozes e construções do percurso...

Tomei como ponto de partida uma certa curiosidade¹, que me impeliu a seguir um itinerário que levasse em conta as experiências/vivências de homens e mulheres, descendentes de italianos, que vivem na comunidade de Nova Veneza. No intuito de vasculhar o específico em que se encontram, deparei-me com o seu cotidiano familiar repleto de intriga. Pus-me então a destrinchá-las.

Tudo o que possuía no início da pesquisa era fruto da leitura de alguns livros, em especial História de Nova Veneza.² Trata-se de informações sobre a criação da colônia italiana de Nova Veneza, localizada no sul de Santa Catarina, ou seja, uma coletânea de documentos referentes à vinda dos imigrantes italianos, fotografias de época, nomes de padres, etc., onde a Companhia colonizadora Ângelo Fiorita, mais tarde conhecida como Companhia Metropolitana, ganha destaque.

O projeto colonizador de Nova Veneza esteve vinculado à Lei Glicério - Decreto 528 de 28 de junho de 1890 (confira anexo I). Esta Lei fazia parte de uma estratégia da então República brasileira que, estando preocupada em garantir a ocupa-

¹ Cf. VEYNE, Paul. *Como se escreva a história*. Lisboa : Difel, 1987.

² A contextualização da Colônia Nova Veneza será feita a partir das informações contidas em: BORTOLOTTI, Zulmar. *História de Nova Veneza*. Nova Veneza : Prefeitura municipal, 1992.

ção do Sul do Brasil, concede a empresas privadas o direito de introduzirem imigrantes estrangeiros.

A Companhia Ângelo Fiorita não mediu esforços para celebrar um contrato com a União, prevendo a criação de vinte povoações em vários Estados, entre eles Santa Catarina,³ assim: “Nova Veneza começou a existir então em Janeiro de 1891, com trabalhos de medição de lotes, aberturas de estradas e construções de galpões e casas. Ainda não havia chegado nenhum imigrante, mas a colônia já estava sendo desenhada”.⁴

A colônia recém formada possuía 30 mil hectares de terra, divididos em cinco núcleos: Nova Veneza - sede da companhia, Nova Belluno, Jordão, Nova Treviso e Belvedere (confira anexo II).

Roselys Izabel Correa dos Santos em sua tese de doutorado,⁵ constata que o imaginário das famílias italianas, em relação à América como o “país da cucanha”, acende-se a partir da veiculação propagandista da época:

Com tantas narrativas que não poupavam detalhes sobre a América e o Brasil, foi fácil ao imaginário popular europeu conceber o arquétipo do mundo novo, de suas maravilhas e riquezas... Assim sendo, a imagem do “país da cucanha” já era fortemente sedimentada no imaginário popular dos camponeses da Itália do norte, quando dela se reutilizaram os propagandistas da emigração, para difundir a idéia de emigrar para o tão sonhado mundo novo.⁶

Dona Hélia Ghislandi Ghisleri, uma de minhas interlocutoras, recorda que ouviu sua mãe Adeli Ronchi dizer porque resolveram migrar para o Brasil: *Quando lori*

³ BORTOLOTTI, op. cit., p. 17.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida : tese e antítese.** Os jornais do Norte da Itália e a emigração para o Brasil (1875 - 1899). São Paulo, 1995 Tese de Doutorado. USP

⁶ Cf. SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. A gênese do mito. In : **A terra prometida...**p.107-112.

*sentire parlare L'america, L'america, lori pensava che era una grandi ricchezza. Ma, quando rivadi cua, in Venezia era só boscho... Se ga meteste tutti a piangeri di una disisperazione.*⁷

Também as famílias que migraram para Nova Veneza “acenderam” seu imaginário através de um pequeno fascículo intitulado “Breve notizie e condizioni sulla colonia italiana *Nuova Venezia* in Santa Catharina Brasile” (confira anexo III) o qual apontava, para estes imigrantes, uma possibilidade concreta (mesmo que forjada) de conseguirem terras próprias e melhores condições de vida.

Roselys Izabel Correa dos Santos destaca ainda que os jornais, panfletos e propagandas tiveram papel decisivo no sentido de fornecer informações sobre a América, pintada por muitos como “paese d’oro”. No entanto, a autora percebe que houve um investimento muito grande, por parte das companhias, em contratar os chamados “agenciadores”, pessoas do local que se encarregavam de distribuir as propagandas, panfletos sobre as vantagens de emigrarem para a América. Muitas vezes eram denunciados por outros jornais como propagadores das mais falsas ilusões, ou ainda como “traficantes de brancos”, uma vez que, por cartas recebidas, ou por imigrantes que voltaram, em especial do Brasil, este não se parecia em nada com o retrato propalado.⁸ De toda forma, a imigração se colocava então como um negócio da China, comparado às grandes navegações que objetivavam o comércio de especiarias. Era algo lucrativo, tanto para as companhias colonizadoras como para os agenciadores,

⁷ Quando eles ouviam falar, América, América, eles pensavam que era uma riqueza, mas quando chegaram aqui em Veneza era só bosque... E , começaram a chorar desesperadamente. (tradução livre) . GHISLERI, Hélia Ghislandi. 76 anos, Santo Antônio/Nova Veneza, 12 ago. 1992. Para melhor visualização, as falas de minhas/meus interlocutoras/es, serão grafadas em itálico.

⁸ Cf: SANTOS, op. cit., p. 115

uma vez que recebiam do governo uma quantia considerável pela quantidade de imigrantes trazidos.

Pode-se inferir então que as famílias que migraram para Nova Veneza apoiaram-se no discurso positivo da América, enquanto “paese d’oro”. E, em julho de 1891, começaram a chegar os primeiros imigrantes, sendo que a maior leva chegou em outubro do mesmo ano. No dia 22 de outubro de 1891 chegaram 800 imigrantes e, no dia 27, chegaram 1.300.⁹

A colônia de Nova Veneza tornou-se peculiar por ter sido iniciada após a proclamação da República e por marcar o fim da imigração italiana para Santa Catarina.¹⁰ Após a chegada dos colonos, a companhia lhes fornecia um lote, bem como algumas ferramentas, machados, pás, picaretas e enxadas. Os lotes poderiam ser pagos num prazo de dez anos, considerando que chegaram somente com as roupas do corpo, um pouco de dinheiro referente à venda de seus pertences e, quando muito, com um pequeno baú contendo algumas lembranças e quinquilharias do velho mundo.

Desde o início se instituiu a pequena propriedade, voltada à agricultura. Tiveram na nova terra a possibilidade de colocar em prática os aprendizados deixados do outro lado do Atlântico, ao mesmo tempo em que a improvisação,¹¹ principalmente quanto à sobrevivência, impunha-se como tônica diária. A companhia também se comprometeu a fornecer-lhes sementes num prazo de nove meses. Pouco consolador para quem teria que andar pela mata virgem, abrir novas picadas, sem contar com o

⁹ BORTOLOTTI, op. cit., p. 22.

¹⁰ Idem, *ibidem*

¹¹ Cf. BALDESSAR, Mons Quinto Davide. *Imigrantes- Urussanga Nova Veneza- Sua História Costumes e Tradições*. 1991.

inesperado embate com os bugres¹² desta região. É preciso dizer aqui que a colônia de Nova Veneza era habitada inicialmente por índios Xoklengs, que tinham nas matas a sua morada, e o desmatamento, provocado com a chegada do colonizador, fez com que o encontro - bugres e colonizador - não fosse nada amigável. Contam-se várias histórias de imigrantes que foram “raptados”, ou de famílias que “pegaram” índios para criar.

Para a Companhia Metropolitana, a presença destes índios colocava-se como uma ameaça que precisava ser contida a qualquer custo. Conta-se também que a companhia resolveu contratar “bugreiros”, isto é, pessoas encarregadas de matar os índios e, como prova da matança, trariam suas orelhas. O pagamento era feito de acordo com a quantidade trazida.¹³ Desta forma, os índios foram cruelmente dizimados.

Quanto aos colonos, teriam morrido de fome num primeiro momento, não fosse a pesca e as frutas silvestres que abundavam na mata. As dificuldades por que passaram não foram poucas, mas a persistência em trabalhar nesta nova terra lhes garantiu a sobrevivência.

O meu olhar sobre esta colônia concentra-se no desenrolar desta história, principalmente nas décadas de 1920-1950. Eis a “fatia de vida”¹⁴ escolhida para ser historicizada, onde os filhos e filhas, netos e netas destes imigrantes me oferecem um alento, no sentido de dar visibilidade a um momento posterior à criação da Colônia. Seus pais e avós iniciaram-na. Mas como ela se manteve? Como os valores culturais .

¹² Este foi o nome que os colonizadores deram aos índios que habitavam esta região.

¹³ Para saber mais sobre o assunto cf: BORTOLOTTI, op.cit., BALDESSAR, op.cit.

¹⁴ Cf. VEYNE, op.cit.

foram incorporados? Como estes descendentes viviam/experimentavam seu cotidiano? Haveria um modelo a ser seguido? A partir destas questões, vou construindo uma rede de nós de relações, as quais serão iluminadas por um holofote particular: a roça e a casa.

Estes homens e mulheres transformam-se em minhas/meus interlocutoras/es, sujeitos históricos, que comigo vão compor, através de suas lembranças, esta narrativa. Utilizarei na construção desta narrativa a palavra interlocutor/a, apoiada em Bakhtin, isto porque a matéria prima desta narrativa será a palavra, que sempre comporta duas faces, pois:

Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.¹⁵

Meus/minhas interlocutores/as pronunciam palavras carregadas de sentido, as quais se transformam em lembranças que, no dizer de Marina Maluf, estão indissociavelmente ligadas à vida social e à sua historicidade, marcadas por práticas, valores e sistemas de representações.¹⁶ A memória se coloca como uma possibilidade de escrevermos esta história, onde “ a voz do enunciador não é a voz que ‘clama sozinha

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). A interação verbal. In : **Marxismo e filosofia da linguagem** São Paulo : Hucitec, 1992. p.113.

¹⁶ MALUF, Marina. Nos retalhos, a memória da mulher. In : **Ruídos da memória**. São Paulo : Siciliano, 1995. p. 83.

no deserto', não há enunciador sozinho, na sua voz há vozes".¹⁷ Numa polifonia que, pautada em suas "experiências", transforma-se na possibilidade de serem reinseridos na história.¹⁸ Pois:

... em toda memória pessoal estão inscritas as marcas da existência coletiva, cada indivíduo imprime na reconstituição dos eventos pretéritos um significado a partir de seus enquadramentos sociais. O modo como se dá a mediação entre presente e passado feita pela memória depende da situação e condição do sujeito memorizador, assim como de suas idéias e percepções no momento da relembração. São estas circunstâncias que definem a significação que ele vai atribuindo às experiências vividas.¹⁹

Este estudo é uma tentativa de escrever uma biografia social coletiva destes sujeitos, dar-lhes cara, nomes, vida. Criar, enfim, um espaço para que possam falar de si, conferindo historicidade para suas falas. Posso chamar também de histórias de vida, na medida em que, através de suas falas, percebo a concretude das relações sociais enquanto práticas experimentadas em seu fazer-se cotidianamente.

Por não haver documentação escrita sobre os sujeitos desta história, encontro nas entrevistas²⁰ uma possibilidade de historicizar suas experiências. É a trajetória de suas vidas entre infância, juventude e idade adulta que irei percorrer. Não de forma linear, pois suas lembranças passeiam por estes momentos, entrelaçando-os. Não se pode esquecer que, através do exercício da memória eles e elas reelaboram o momento vivenciado: muitas vezes a seletividade da memória não lhes permitiu falar de conflitos, apegavam-se apenas aos momentos de serenidade, dando a impressão de uma certa harmonia. No entanto, a constituição dos sujeitos desta história passa ne-

¹⁷ GERALDI, J. W. A leitura na sala de aula. As muitas faces de um leitor. *Idéias*, nº 5. p.81.

¹⁸ Cf. THOMPSON, E. P. O termo ausente : experiência. In : *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 180-200.

¹⁹ MALUF, op. cit., p. 83.

²⁰ Ao todo fiz 25 entrevistas com 6 homens e 19 mulheres, com idades entre 50 e 95 anos.

cessariamente por esta representação. A narrativa escrita a partir de suas memórias é somente uma forma de escrever esta história. Insisto em ouvir suas “vozes”, pois quando falam se vestem de sentimentos, e “... a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito...”²¹

Permito-me dar uma ordem temporal à sua rememoração, já que nas entrevistas os temas vão aparecendo em diversos momentos. Eis a tarefa desta historiadora, colocar em prática a bricolagem. Sendo assim, percebo e interpreto os significados de como vivenciaram, como contribuíram para a tessitura do social enquanto sujeitos históricos. Seu lembrar flui a partir de “filtros culturais”²², os quais os/as autorizam a falar de seu tempo. Tais filtros podem ser percebidos aqui como os valores e práticas culturais pelos quais se construíram.

Meus/minhas interlocutores/as são filhos de pequenos agricultores rurais. Nas suas vidas o conforto estava distante, somente o indispensável estava a sua volta, ou melhor, sendo construído “giorno per giorno”. Pelas suas lembranças surgem pistas de como era esta existência coletiva, proporcionada por “uma forma artesanal de comunicação”. Não como algo cristalizado, distante: o trabalho da memória reaproxima, encurta a distância entre o ontem e o hoje e traz à tona suas relações cotidianas, transformadas em nós de relações absorvidas de suas lembranças, “coisas”, no dizer de Walter Benjamin, estando indissociavelmente ligadas à sua vida, suas experiências.²³

²¹ BENJAMIM, Walter. O narrador. In : **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 205.

²² Cf: GISBURG, Carlo. **A Micro-história e outros objetos**. Lisboa : Difel, 1989.

²³ BENJAMIM, op.cit., p. 205.

A leitura de Pierre Bourdieu, em especial as obras: Sociologia, A economia das Trocas Simbólicas, O poder Simbólico e Coisas Ditas, proporcionou-me o contato com a categoria habitus. Ao escrever este texto, a partir das narrativas de meus/minhas interlocutores/as, percebi o que chamo aqui de Habitus Familiar. É o habitus que, na visão de Bourdieu, permite desenvolver uma conduta no interior de um campo específico, entendendo que:

Habitus são sistemas de disposições duráveis e transferíveis, estruturas estruturadas pre-dispostas postas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações.²⁴

É na infância de meus/minhas interlocutores/as, no contato direto com seus pais, sem ter a consciência de que estão naquele momento incorporando práticas e valores, que o habitus familiar, seu *modus operandi*, começa a ser interiorizado, o qual tende "(...) a conformar e orientar a ação, mas na medida em que é produto das relações sociais ele tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram"²⁵.

Posso inferir então que o habitus familiar, sua visão de mundo, bem como a representação que fazem de si, foram interiorizados a partir das relações cotidianas que tiveram nas figuras de seus pais, os agentes principais. Mesmo que sem consciência, seus pais acabam por codificar o habitus familiar, seja na divisão de tarefas, nos gestos, nos objetos de uso cotidiano, na moral, na religiosidade, nas relações de vizinhança, nos espaços de sociabilidade e na própria idéia de família. Fundam

²⁴ ACCARDO, Alain. *Initiation à la Sociologie de l'illusion sociale: invitation à la lecture des œuvres de Pierre Bourdieu*. Bordeaux: Macaret, 1983. p. 139-165.

²⁵ BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 15.

uma prática que vai sendo sedimentada a partir da interiorização. Neste sentido,

... A prática pode ser definida como produto da relação dialética entre uma situação e um habitus, isto é, o habitus enquanto sistema de disposições duráveis é matriz de percepção, de apreciação e de ação, que se realiza em determinadas condições sociais. A situação particular que enfrenta um ator social específico se encontra, portanto, objetivamente estruturada; a adequação entre o habitus e essa situação permite, desta maneira, fundar uma teoria da prática que leve em consideração tanto as necessidades dos agentes quanto a objetividade da sociedade.²⁶

Ou ainda:

O habitus completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas.²⁷

De certa forma isto demonstra como meus/minhas interlocutores/as se constroem a partir de uma noção de família, vista enquanto somatório dos esforços. Este foi o aprendizado, que perpassou sua existência, mesmo após o casamento. As filhas vêm na mãe uma matriz, que ganha um reforço quando se casam e sofrem a influência da sogra. Os filhos também vêm no pai a matriz, e assim incorporam sua prática.

Quando utilizo a categoria habitus, incluo também a perspectiva de mudança. No entanto, no decorrer da pesquisa, percebo que o habitus familiar perpassa a sua existência. Ou seja, num primeiro momento eles e elas dão indícios de como o habitus familiar se constrói; num segundo momento, através de suas práticas, demonstram como o habitus foi incorporado. Assim sendo, o habitus familiar se coloca como uma possibilidade de visualizar práticas que configuraram sua percepção de mundo, re-

²⁶ Ibidem, p. 19.

²⁷ MICELLI, Sérgio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectivas, 1974 (Ciências Sociais-Estudos). p. XLI.

velando-se enquanto um mecanismo aglutinador de preceitos e normas, onde os sujeitos desta história foram construídos e ajudaram a construir.

Porém, não paro por aí. O habitus familiar é somente a porta de entrada para este universo cultural. Se o habitus familiar pressupõe uma prática aprendida através do exemplo, o que ele revela da construção social dos gêneros? Como ele acaba definindo os papéis sociais de gênero nesta comunidade?. Incluo então a categoria Gênero.²⁸ Definindo-a, Joan Scott ressalta a sua implicação em dois níveis:

1- O gênero como elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos.

2- O gênero como forma básica de representar relações de poder em que as representações dominantes são apresentadas como naturais e inquestionáveis.²⁹

É no cotidiano vivenciado por homens e mulheres que o gênero se constrói a partir das relações entre homens/mulheres, mulheres/mulheres, homens/homens, definindo papéis sociais que se ligam a esta construção. Por isso:

A relação de gênero remete pois a espaços primários das relações familiares e implica na construção de uma subjetividade sexuada, e de identidades de gênero... Por outro lado, os itinerários de homens e mulheres não podem ser reduzidos a simples efeitos mecânicos de uma identidade cristalizada de uma vez para sempre, ou não haveria história. Daí a importância das análises que têm por objeto as práticas sociais e as instituições, onde os gêneros se constroem.³⁰

²⁸ Sobre a discussão teórica a respeito da categoria gênero, cf: LOBO, Elisabete de Souza. Os usos do gênero. **Relações sociais de gênero X relações sociais de sexo**. São Paulo, Núcleo de Estudos da Mulher e relações de gênero, 1985. p. 76-87. SCOTT, Joan. Uma categoria útil para a análise histórica. In: **Revista da História - nova série**- nº 14, Janeiro/junho, 1983, USP. p. 31-38. PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas uma questão de classe**. Florianópolis : UFSC, 1994. FOSTER, Thomas. History, critical theory and women's social practices: women's time and "housekeeping". **Signs- journal of women's in culture and society**, 1988 v.14. RUBIN, Gayle. A circulação de mulheres: notas sobre a "Economia Política" do sexo. In: REITER, Rayna R. (ed) . **Towards an anthropology of women**. New York: Monthly Review Press. 1975. p. 57-210. BRUSCHINI, Cristina, COSTA, Albertina de Oliveira (org). **Uma questão de gênero**. São Paulo : Rosa dos ventos, 1992.

²⁹ SCOTT, Joan, apud: LOBO, op. cit., p. 80.

³⁰ Idem, ibidem.

As relações familiares de meus/minhas interlocutores/as são permeadas pelo habitus familiar que orienta uma prática que acaba definindo o masculino e feminino dentro desta cultura. Ou seja, é dentro da instituição familiar que o gênero ganha corpo como algo construído, desnaturalizando a suposta “natureza feminina” que via a mulher com uma aptidão “nata” para cuidar da casa, ser a ajudante “fiel” do marido, este, tido como o provedor por “excelência”.

O livro Ruídos da Memória³¹, de Marina Maluf, aumentou o meu entusiasmo pela escrita deste texto. Realmente, muitas de minhas discussões ganharam fôlego a partir desta leitura, seja na construção da narrativa, nas discussões sobre memória ou na preocupação do enfoque das relações de gênero, ressaltando que os:

estudos feministas criticam as abordagens universalizantes e genéricas que constituem categorias fixas e permanentes. Ao mesmo tempo, propõem enfoques que retiram o feminino do plano abstrato através de análises que partem da concretude e da especificidade histórica, sempre de uma perspectiva relativista, que rompe com definições cristalizadas, essência de um sistema ideológico de dominação.³²

Resta-me falar ainda da memória a qual, segundo Halbwachs³³, é a reconstituição de experiências pessoais e sociais que se desenrolam sempre a partir do grupo, de modo a oferecer dele um quadro de analogias no qual seus membros se reconhecem. A história vivida se encontra dentro do conceito de memória coletiva, a qual impõe limites.³⁴ Ao trabalhar com a memória, não busco a precisão, nem tão pouco a reconstituição fiel dos fatos vivenciados. Pois, como nos mostra Ecléa Bosi, “... Na

³¹ MALUF, op. cit.

³² MALUF, Esferas separadas que mito é esse? In : Ruídos da memória. op. cit., p. 199.

³³ Cf. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo : Vértice, 1990.

³⁴ *Ibidem*, p. 84.

maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”³⁵ Pelas suas lembranças, os sujeitos desta história vão formando quadros de memória, que se transformam em pistas, indícios desta existência coletiva. Resignificam, mas assim o fazem banhados em suas experiências.

Compartilho as idéias de Roger Chartier, quando afirma que: “ A história cultural tem por principal objeto identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”³⁶

Na elaboração desta pesquisa precisei da astúcia de uma verdadeira detetive, a exemplo de Carlo Ginsburg³⁷, em seu método indiciário. Com minha lupa fui perseguindo indícios tênues, fragmentos de memória que me levaram a uma documentação que a princípio parecia inexistente. Falo dos livros de registros da Indústria e Comércio Bortoluzzi S.A.³⁸ onde constam informações sobre compra e venda de mantimentos feitos pelas famílias de agricultores. Neles vislumbrei a presença de mulheres viúvas comercializando. Tal descoberta proporcionou-me uma discussão acerca dos papéis sociais para além do âmbito familiar: num primeiro momento discuto a construção social dos gêneros dentro das relações familiares, tomando como local o trabalho na roça, as vivências partilhadas dentro e fora da casa e os espaços de socialização. E, num segundo momento, entrecruzo as entrevistas e os documentos, visi

³⁵ BOSI, op. cit., p.17.

³⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre prática e representações*. Lisboa : Difel, 1990. p. 16-17.

³⁷ Cf. GINSBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo : companhia das letras, 1990. p. 143-180.

³⁸ Livro K, com mil páginas, referentes à compra de mantimentos dos colonos, bem como ao registro da quantidade de suínos ou sacas de arroz comercializados pelos colonos, entre os anos de 1925 e 1928. Livro de registros dos empregados ou operários da firma Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A. decreto 19808 de 28 de março de 1931. Livro de registros de compra de arroz e suínos do ano de 1948.

bilizando os papéis sociais de mulheres que permaneciam sem história.

Este trabalho foi, então, estruturado em partes: Quadros de família, o primeiro capítulo, discute a construção do habitus familiar a partir das práticas vivenciadas cotidianamente. É na infância que começam a ser internalizados os valores dos quais tornar-se-ão guardiãs/guardiões. Revisitam com a luz da memória seu ambiente de trabalho - a roça -, entram em suas antigas casas desnudando relações familiares.

Como já foi citado, Nova Veneza constituiu-se em uma comunidade agrícola, baseada na pequena propriedade. No período pesquisado, a agricultura deixou de ser uma economia de sobrevivência para tornar-se uma atividade lucrativa. A venda de porcos e a colheita de arroz à Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A. abria-se como uma possibilidade de aumentar os negócios. As transações comerciais estabelecia-se como atividade masculina, sendo atribuído ao pai o papel de provedor da família. Contrapondo-se a esta situação havia viúvas que assumiam o mesmo papel. Começo então uma discussão sobre os papéis sociais, redimensionando o papel da mulher, tida como doméstica por excelência. No trabalho familiar percebo que havia uma mescla de tarefas exercidas por homens e mulheres. No entanto na divisão sexual do trabalho, às mulheres cabia serem “ajudantes” e não agricultoras, dificultando a construção de uma identidade como trabalhadoras.

Da sua adolescência falam-me da primeira comunhão, onde percebo, um ritual de passagem. Este ritual traduz-se em significados construídos culturalmente: seja no fato de poderem freqüentar a missa aos domingos onde ao seu término podia acontecer o namoro, ou sendo referencial para poderem ganhar as “roupas de festas” já que podiam participar das festas de São Marcos (padroeiro local) ou das domingueiras

(bailes com gaitas que reuniam a comunidade inteira). Assim, trocavam experiências, freqüentavam espaços de sociabilidade, deleitando-se com Lugares e Buscas...

Pelo enxoval, vai sendo criada uma relação entre mães e filhas, bem como um imaginário sobre o casamento. O casamento das jovens, e o começo de suas vidas junto à sogra, fazem parte da teia que permeia o terceiro capítulo, onde percebo como o habitus familiar foi incorporado, bem como quais os valores e preceitos que se sedimentaram ao longo de suas vidas, formando Novos quadros, velhas práticas...

Como um “romance verdadeiro”, esta narrativa nos conduz à leitura...

I



Quadros de Família

Mãos que trabalham para o mesmo monte³⁹

Num quadro, tantas podem ser as cores, tantos podem ser os elementos representados, tantas podem ser as formas... depende de quem o pinta. Quando penso em quadros de família, no contexto da comunidade italiana de Nova Veneza, penso nos homens e mulheres, com os quais conversei, como pintores. Ao me falarem de seu passado, ao remexerem suas recordações, ao refazerem suas memórias, estavam compondo quadros, sim. Quadros do passado no presente, pois, como escreveu o poeta Quintana “(...) o passado é uma invenção do presente (...) a memória tem uma bela caixa de lápis de cor.”

Um dos temas centrais nos quadros pintados aqui é o trabalho, que aparece interligado a outro tema igualmente central, a família. Dona Alzira, uma entre tantas descendentes italianas de Nova Veneza, ao falar do trabalho na roça, desenha uma família incorporada a partir de sua vivência cotidiana, por isso se inclui quando, à luz de sua memória diz: *nós fazia um monte e todos*

³⁹ Este título foi inspirado nas lembranças de FORMIGONI, Alzira. 77 anos. Linha Minerva- Caravaggio/Nova Veneza. 22 abr. 1995.

comiam naquele monte que se fazia. Sua percepção, um tanto perspicaz, revela a família enquanto uma unidade produtiva, que envolve todos os membros sem distinção de sexo; da mesma forma descortina a roça enquanto um lugar de unidade familiar. É a sua vivência enquanto membro atuante, enquanto sujeito de uma construção cultural, que tem no trabalho agrícola um sentimento de pertença e que lhe permite pintar este quadro familiar, com tais tonalidades e elementos. Ao falar de um tempo vivido, na memória evocada, parece vestir-se, ou invocar um capital cultural herdado de seus pais, imigrantes italianos, que sempre se dedicaram à lavoura, ao pedaço de terra que compraram com a “cara e a coragem”. As dificuldades por que passaram seus pais não foram poucas! Desde a compra do lote, o desmatamento da região, até o seu estabelecimento enquanto unidade produtiva, foi na pequena propriedade, no trabalho coletivo que conseguiram garantir a sua subsistência. Anos de dedicação para comecem a tirar seu sustento da terra! Assim a vida destes colonos e colonas⁴⁰ girou em torno do trabalho na lavoura, giorno per giorno. É desta prática/sentimento, interiorizada pela socialização primária desde os idos tempos de criança, que minhas/meus interlocutoras/es falam. Pelo caminho que as/os leva até a roça, vão sendo formado quadros da memória que os acompanharão pelo resto de suas vidas. *Desde que me conheço por gente já tava na roça.*⁴¹

Tudo começa a ser descortinado a partir dos sete anos de idade, quando se vêem com muita responsabilidade: ajudar a construir “o monte” que garanta a manutenção da família. E é em nome da família que se privam. Não há tempo

⁴⁰ Os italianos que migraram para o sul do Brasil, e dedicaram-se à atividade agrícola recebem esta denominação.

⁴¹ Dora Wamerlati Ronconi, 57 anos, São Bento Alto- Nova Veneza 10/09/94.

durante a semana para as brincadeiras , ou espaço para diversão: *a nossa diversão era o trabalho na roça.*⁴²

Quando crianças, percebem-se como “ mão que trabalham para o mesmo monte”, sem tempo para o lúdico, para as brincadeiras. A infância é perpassada, enfim, pelo trabalho na roça; mas, então, que infância era essa, cuja marca estava no trabalho, lado a lado com os adultos? Que infância era essa, que não pode se deleitar com o jogo, num espaço separado ou diferenciado do adulto? Será que esses homens e essas mulheres viveram a infância? Cabem aqui algumas considerações sobre a historicidade da infância.

Quando se pensa na criança, é comum imaginá-la como um “ser em desenvolvimento”. Desta forma ressalta-se, basicamente, sua dimensão biológica e etária. Em outras palavras, ela é caracterizada, de hábito, segundo uma determinada natureza que se encontra em todas as crianças e que deve evoluir conforme atinja idades avançadas. Ela é, assim, o “vir a ser”, o futuro adulto; e, por isso mesmo, um organismo frágil, inábil e incompleto. Um “ser em falta” em oposição a aquele ser que é.⁴³

Esta concepção de criança, que leva em consideração somente a sua maturação e o biológico, faz parte de uma corrente evolucionista que despreza a sua vinculação com o social. Neste sentido, propaga-se “um modelo único de uma criança ideal, sem corpo, sem rosto, sem classe social, perdida no tempo e no espaço, ou melhor, sem história.” Onde “basta o homem ser criança para ser infante.”⁴⁴ Porém a infância e a criança possuem um caráter histórico e não puramente biológico. Nas palavras de Luciana Esmeralda Ostetto, “uma criança

⁴² GHISLERI, Hélia Ghislandi.. op. cit.

⁴³ OSTETTO, Luciana Esmeralda. Natural Versus Social: A Historicidade da Infância. In : **Imagens da infância no Brasil : crianças e infantes no Rio de Janeiro imperial**. São Carlos, 1992. Dissertação de Mestrado. UFSCAR. p. 17.

⁴⁴ OSTETTO, Luciana Esmeralda, op. cit., p. 19.

nunca é simplesmente uma criança e, sim, uma certa criança, vivendo certa condição, num contexto definido.” A pesquisa de Philippe Ariès contribuiu para esta nova abordagem, que se convencionou chamar de “história social da criança.”⁴⁵

Procurando indícios da infância durante a Idade Média, o historiador francês percebeu que neste longo período a criança vivia em completo anonimato, perpassado pela completa indiferença por parte dos adultos. Somente a partir do fim do século XVI e durante o século XVIII, novas atitudes indicam o aparecimento do que se chamou de “sentimento de infância”, revelado através da representação da criança pela arte (o retrato), a adoção de vestimentas próprias à idade, a regulamentação de jogos e brincadeiras, a preocupação com a educação e a moralização de costumes (valorização da escola). A criança, meiga, frágil, doce, pura, compõe a especificidade do projeto burguês de infância, portanto fruto desta sociedade. É esta a imagem que passa a ser propagada, é este o modelo que se tem ainda hoje em nossa sociedade. Mas, se verificarmos o contexto histórico das sociedades em geral e do Brasil em particular, perceberemos que muitas delas não se enquadram dentro deste modelo.

Fica claro, então: as crianças que fazem parte desta narrativa fogem ao modelo dominante. São crianças (porque tem pouca idade), mas não infantes (pois não podem viver o tempo social da infância). Sobretudo constroem-se através do trabalho familiar, o qual se impõe como um traço cultural marcante. Neste sentido suas narrativas afloram numa riqueza de detalhes, onde se vis

⁴⁵ Cf. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

lumbram as minúcias de quem realmente se construiu a partir do habitus familiar, o qual desvela, no trabalho, o próprio significado de família. Sendo o cotidiano encarregado de corporificar esta prática, há, então, uma cumplicidade entre aquele que ensina e aquele que aprende. Por isso cada menino e menina contribuiu com uma parcela significativa de seu tempo em prol do “trabalho”.

(...) *Sempre foi trabalho, só pra família, tudo pra família.*⁴⁶ *Olha, eu com a idade de nove anos, se não era na roça era em casa, eu fazia tudo com nove anos, passei mais trabalho criar meus irmão do que meus filhos, desde que aprendemos a pegar no cabo da enxada tava todo mundo na roça.*⁴⁷ Nos meandros de tais lembranças, escuto palavras pronunciadas de maneira diferenciada, com uma sonoridade que não poderia passar despercebida. Palavras, como “mão” e “braço”, que me dão uma impressão de leveza, de completa harmonia entre o lembrar e o executar as tarefas cotidianas. Percebo, no pronunciamento daquelas específicas palavras, um significado construído a partir de seu contexto social, agindo como um signo, como um código⁴⁸, autorizando-as/os a falarem de um tempo específico, o seu tempo, o tempo de sua infância, da “lida” na roça.

Ao falarem do trabalho (de suas mãos e braços no trabalho da roça), colocam-se como sujeitos de suas histórias. *Não é como hoje em dia que tem os trator, as máquinas, a máquina de cortar o arroz, ensacar, tudo com máquina! Naquele tempo lá era tudo abaixo de mão!*⁴⁹ *Quando era a hora de queimar a*

⁴⁶RONCONI, Dora W. 57 anos. São Bento Alto/Nova Veneza. 10 set.1994.

⁴⁷ SCARSI, Josephina Vitalli. 76 anos. Caravaggio-Rio Cedro Médio/Nova Veneza. 23 abr. 1995.

⁴⁸ Sobre a discussão do significado das palavras, cf: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

⁴⁹ GHISLERI, Hélia, op. cit.

roça, queimava, depois, eles iam na frente fazendo um buraquinho assim com pau, né? E nós atrás deles botando os grãozinho de arroz, pegava um punhadinho de arroz com a mão e botava em cada covinha, o dia inteiro! Quando chegava a noite nem podia se levantar. E agora tudo com trator, com máquina. Nós era tudo a braço e quando era para cortar o arroz no meio daquela coivara que às vezes era mal queimada, quantos tombo que nós caía por cima dos paus pra poder levar o arroz lá na pilha. Eu digo agora vocês (seus filhos) não passam trabalho, é tudo com máquina. Nós, o dia inteiro na roça, da casa pra roça, da roça pra casa, porque o pai não deixava ficar em casa.⁵⁰ O milho era quebrado com a mão e colocado no paiol, levado com o derlo. O arroz cortado com o segueto, depois juntava, batia e colocava no paiol.⁵¹ Naquele tempo lá, no meu tempo era trabalhar na roça de manhã noite, braçal, quer dizer, só no braço com as mãos, não tinha negócio de trator, máquina, nada. Então a gente tinha aquela junta de boi pro arado, a carpideira com o cavalo e o resto era tudo a braço.⁵² Pra fazer os balaio, pra colocar os produtos, o milho principalmente, nós apanhava as taquara do mato, umas taquara que era toda cheia de espinhos, limpava bem ela com uma faca, depois fazia umas taquarinha bem fininha, primeiro nós trançava o fundo, pegava umas cinco seis taquarinha fina e depois ia trançando, ia enrolando (gestos), até que fazia o fundo. E depois ali a gente levantava pra cima, quando no fim o balaio tava feito.⁵³ O derlo era um tipo de balaio, era altinho, era todo trançado de taquara e botava duas alças de corda, e botava nas costas pra carregar, pra juntar o milho, estas coi-

⁵⁰ MONSANI, Irma Amboni. 81 anos. São Bento Alto-Rio Cedro Médio/Nova Veneza, 19 abr. 1995.

⁵¹ DUMINELLI, Guerino 71 anos, Rio Cedro Médio, 23/04/95.

⁵² CORAL, Batista, 78 anos, São Bento Alto- Siderópolis, 28/09/1994.

sas. Então, primeiro nós apanhava as espigas, e ia enchendo o derlo que tava nas costas. Quando tava cheio nós despejava o derlo no carro de boi. Já facilitava o nosso trabalho, levar as espiga com quê? Com a mão era muito pouco, e o carro de boi tava longe, ele não ficava no meio da roça. Então usava aquele derlo (risos)!⁵⁴ Usava enxada, foice, machado quando era pra derrubar o mato. E os braços, que era o principal!⁵⁵

Mãos que colocam os grão na cova, que cortam com o segueto, que colocam os produtos no derlo. Mãos que pertencem a um corpo, o seu corpo, onde “a alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática, (...) a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.”⁵⁶ Desta forma encontram no trabalho da roça um lugar de reconhecimento, de pertença. Vão criando um sentimento de identidade, onde ressaltam “(...)o sentido da imagem de si para si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação(...)”⁵⁷

Ao falarem de seu tempo, o uso das mãos e dos braços no trabalho da roça torna-se um fator de diferença em relação ao tempo presente, onde a maior parte do trabalho é feito pelas máquinas. Somente quem vivenciou “aquele”

⁵³ MONDARDO, Francisco. 83 anos, São José- São Bento Alto - Nova Veneza, 20/05/1995.

⁵⁴ GHISLERI, Hélia Ghislandi ., op.cit.

⁵⁵ RONCONI, Dora Warmellatti ., op.cit.

⁵⁶ BENJAMIN, op.cit., p. 220-221.

⁵⁷ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In : **Estudos Históricos**. 1992/10.

tempo se identifica, consegue se encontrar e dizer aquele era o meu tempo. O trabalho de rememorar vai tendo um traçado que, por ser seletivo, não é linear mescla o ontem e o hoje. Tais “imagens” encontravam-se somente em suas memórias e, através da interlocução, passam a ser história. História das famílias de descendentes italianas e italianos que tomaram Nova Veneza como seu chão.

Ao desenvolver uma sensibilidade com o trato destas histórias, vou deslindando-as, pois os valores, os preceitos, “os contornos” não se fizeram presentes naturalmente. É no habitus familiar que esta cultura se fundamenta, o qual acaba por definir os papéis sociais de homens e mulheres. É portanto, tendo como referência a família, que os gêneros vão sendo construídos, evidenciando, desta forma, a divisão de papéis tendo como local a roça, seu ambiente de trabalho. Por isso, como nos aponta Christiane Klapisch-Zuber:

(...) Parece mais urgente deslocar o olhar, suscitar um outro esforço de leitura dos “fatos” históricos, uma leitura que apele à idéia ainda nova de que a diferença dos sexos e as relações que eles mantêm intervêm no jogo social, de que eles são criação e efeito ao mesmo tempo que motor. Nascer homem ou mulher não é em nenhuma sociedade um dado biológico neutro, uma simples qualificação “natural” que permaneça como que inerte. Pelo contrário, este dado é trabalhado pela sociedade: as mulheres constituem um grupo social distinto, cujo caráter lembra-nos Joan Kelly-, invisível aos olhos da história tradicional, não depende da “natureza” feminina. Aquilo que se convencionou chamar “gênero” é produto de uma reelaboração cultural que a sociedade opera sobre esta pretensa natureza: ela define, considera- ou desconsidera-, representa-se, controla os sexos biologicamente qualificados e atribui-lhes papéis determinados.⁵⁸

Ao adentrar na roça, cenário comum de homens e mulheres, percebo então que as mulheres se representam como ajudantes, uma vez que se percebem mais como do-

⁵⁸ ZUBER, Christiane Klapish. Introdução. In : PERROT, Michelle & DUBY, George. (org.) **História das mulheres na Idade Média**. São Paulo : EBRADIL, 1990. p.11.

nas de casa, mães e cozinheiras do que colonas,⁵⁹ mesmo que a maioria de suas lembranças estivessem imbuídas do trabalho na roça, na construção social do gênero, este não era seu papel normativo. Por isso não criaram uma identidade como agricultoras, reforçando os papéis normativos. Estou falando aqui de relações de trabalho de cunho familiar e, tal qual nos coloca Elisabete Lobo, ao nos remetermos aos espaços primários das relações familiares, vamos percebendo a construção de uma subjetividade sexuada e de identidade de gêneros.⁶⁰ Nesta comunidade, quanto aos papéis normativos, o lugar de mulher era a casa. Quando podiam, “davam uma ajuda” para o marido. Esta auto-imagem guarda nas entrelinhas de suas falas uma certa ambigüidade, pois quando me falam do trabalho na roça, fica implícito que não há uma divisão rígida de tarefas, homens e mulheres convivem lado a lado na roça. *Naquela época não tinha homem, não tinha mulher, nada! Todo mundo tinha que enfrentar a roça.*⁶¹ *Nós todos, homem e mulher, usava carpir com a enxada, usava a foice, o machado principalmente para derubar o mato, o arado, a carpideira, tudo com boi.*⁶² *Tanto as mulheres como os homem era tudo parelho, o peso na roça era igual pra mulher e pro homem. O arado, quanto que eu fui de arado lavrar a terra!. Fui quantas vezes com os bois, tanto ia os homens como ia as mulheres. Era a mesma coisa.*⁶³

Porém, se por um lado estas falas revelam uma ação compartilhada no trabalho, se “todo mundo tinha que enfrentar a roça”, outras lembranças indicam uma inserção diferenciada na roça. *Se fazia tudo junto bela! Se fazia tanto*

⁵⁹ Este capítulo fala da infância dessas mulheres. No entanto tal observação caracteriza também a sua fase adulta. Não daria para separar, quando falam de suas mães e de si mesmas. Elas, na idade adulta também conservam esta auto-imagem.

⁶⁰ Cf. LOBO, Elisabeth de Sousa. **Relações sociais de gênero X relações de sexos**. SP. Núcleo de Estudos da Mulher e relações Sociais de Gênero. 1989. p.80.

⁶¹ SCUSSEL, Deolinda Coral. São Bento Alto- Nova Veneza, 28/09/94.

⁶² CORAL, Batista, op.cit.

*o homem como a mulher, mas o homem fazia sempre mais, ele lavrava a terra, roçava capoeira, ai depois a gente plantava, carpia, ia colher era sempre assim.*⁶⁴

Poder-se-ia dizer, pelas falas de dona Regina Trombim de Mattia, que os homens se ocupavam de tarefas que as mulheres não podiam fazer. Como se pelo fato de serem do sexo feminino e serem portadoras de uma certa fragilidade feminina não o fizessem. No entanto, esta é uma leitura por assim dizer apressada. Para tal análise, vamos conhecer um pouco mais sobre sua família. Ela é formada pela mãe Angelina, pelo pai Abramo, pelos irmãos, Irio, Santo, Nereu, Érico, Rafael e Aroldo, e pelas irmãs Assunta, Maria, Maria de Lurdes, Dolar, Adelaide e ela, Regina, que era a mais velha. As outras irmãs ocuparam-se de outras tarefas que não a roça (lavavam roupas para fora, trabalhavam de empregada). Portanto, na sua infância e adolescência, seu convívio maior foi com os irmãos. Há que se supor então que, na divisão de tarefas, coubesse a ela, por ter permanecido com os pais o controle da casa. Não pela sua incapacidade no trabalho braçal, ou pelo fato de ser mulher. O motivo era bem outro. *A mãe ensinava tudo pra mim, eu fazia polenta, cuidava das crianças, eu tinha a nona Trombim, que era a mãe do meu pai, ela estava enferma, eu cuidava dela e fazia tudo o serviço da casa. Ai a mãe e o pai podiam trabalhar na roça.*

Com o trabalho doméstico constrói-se a esposa em potencial, mulher que terá como afazeres a comida, os filhos e a roça. São responsabilidades que pas-

⁶³ GHISLERI, Hélia Ghislandi, op.cit.

⁶⁴ MATTIA, Regina Trombim de. 74 anos. Centro/Nova Veneza, 10/01/95.

sam pelo cunho da mãe, é ela que proporciona às filhas mulheres a continuação do seu papel, justamente pelo trabalho, pela casa, pela cozinha.

Fica clara a definição dos papéis normativos, a partir de uma prática, ou seja, “Na medida em que fixou-se na cultura uma representação de mulher/mãe como sujeito responsável pelos cuidados com os filhos e isso foi também profundamente interiorizado(...)”⁶⁵, se auto-representam segundo tais preceitos.

A construção das mulheres a partir da cozinha, dos afazeres domésticos, da lida com a casa foi apontada com muita pertinência por Cleci Eulália Favaro em sua tese de doutorado.⁶⁶ Ao tratar de uma região também colonizada por imigrantes italianos, a autora utiliza o exemplo da “mama”, que, exercendo poderes (portanto investida de uma autoridade máxima dentro de casa) delega tarefas para suas filhas, as quais tinham por obrigação executá-las. Houve, então, um ensinamento (mesmo que inconsciente) para que estas mulheres aprendessem a ser “donas de casa”, incluindo aí saber fazer comida, pilar o arroz, cortar lenha para fazer o fogo, cerzir as roupas, tratar as galinhas, vacas e porcos, lavar roupas, etc...

Vejo que o mesmo aprendizado também ocorreu com as mulheres de Nova Veneza, onde a necessidade de contribuir para a manutenção da casa se impõe como uma prática incorporada cotidianamente; por isso, além da roça (sim, porque dona Regina também trabalhava pra roça), cabia a ela a manuten

⁶⁵ MALUF, op.cit., p. 203.

⁶⁶ Cf. FAVARO, Cleci Eulália. *Moglie, donna, femmina*. In: **Imagens femininas : contradições, ambivalências, violências** - Região colonial italiana do Rio Grande Do sul - 1875-1950. Porto Alegre 1994. Tese de Doutorado. PUC. p.240-254.

ção da casa. Até aí nenhuma novidade, pois na sociedade ocidental, via de regra, a mulher é responsável pelo trabalho doméstico. Porém resta-nos perguntar se, nesta comunidade, o trabalho exercido pela mulher no seio do lar seria um fator de desqualificação frente ao trabalho masculino, exercido na roça, ou, por assim dizer, a nível de peso e medida, se caberia ao trabalho feito pelo homem o fiel da balança.

Nestes termos, faz-se necessário aqui, tecer algumas reflexões acerca do trabalho. Principalmente porque nas entrelinhas da fala de meus interlocutores não percebia esta desqualificação, porém isto já estava posto enquanto fator cultural, enquanto fator de diferenciação entre o homem e a mulher, enquanto gênero. Fora portanto interiorizado pelas mulheres que aos homens cabia a maior parcela maior de importância, visto que só se dedicavam à roça e era da “roça” que provinha o sustento da família. Tiveram como exemplo seus pais, tidos como provedores. Mesmo que os relatos das mulheres denunciem que muitas vezes a elas eram atribuídas tarefas iguais às executadas pelos homens, prevalece a imagem da ajudante.

Em se tratando de perceber se o trabalho feminino (afazeres domésticos) era motivo de desqualificação frente ao trabalho masculino (roça), interessante perceber que, como afirmou Cleci Eulália Favaro :

O uso do termo não diferencia as tarefas desenvolvidas na “roça” daquelas no interior da casa: tratar os animais, lavar os pratos, cozinhar, tecer e fiar, cuidar da horta ou acompanhar os demais membros da família nos trabalhos da “colônia” tem peso equivalente.⁶⁷

⁶⁷ Sobre esta discussão, cf, FAVARO, Cleci. In: *Imagens femininas... em especial o capítulo IV, intitulado Sorelle diseguali - a voz e a “fala” feminina.* p. 299-374.

Eu diria que também em Nova Veneza o peso pode ser equivalente , mas perguntaria : como estas mulheres se percebem em relação a este serviço? Preferiam ficar em casa ou ir para a roça? Aceitavam a condição imposta por suas mães, sem resistência?

Atentemos para o que nos diz dona Josephina: *Eu trabalhava, que a mãe me deixava sempre em casa e ela ia para roça. Mas depois chegou um tempo ali que eu virei a pensar em todo aquele trabalho que eu passava em casa com meus irmãos. Aí, um dia eu me lembro, eu ainda disse, se é pecado eu tenho esse pecado, mas de certo não é! Um dia eu levantei , botei o chapéu na cabeça e disse, hoje eu não fico em casa não! E ela ficou em casa, porque sempre tinha que ficar alguém, né? Fiz isso porque eu achava que era muito trabalho pra mim, eu já tava cansada e ela queria que eu ficasse em casa, porque ela sabia que na roça vai levando aquele serviço . Em casa corre fazê uma coisa, corre fazê outra, porque era lavá roupa, aprontar o almoço, era varrer a casa, limpá tudo, ainda me tocava ir na roça, botá o derlo nas costas pra buscar os pratos pras criação. Às vezes não dava conta e, quando ela chegava em casa, virava falar. Agora eu digo, eu é que vou pra roça, você quer fazer o serviço faça!*⁶⁸

As colocações de dona Josephina reforçam que as mulheres tiveram que seguir o exemplo de suas mães, isto é, houve uma construção cultural quanto aos papéis femininos, pois dona Josephina preferia a roça e não os afazeres domésticos. A roça era por excelência o local de trabalho masculino, pois os homens não se dedicavam aos afazeres domésticos. Fica clara a resistência, ao mesmo tempo que suas falas nos revelam que havia conflitos em torno das divi-

sões de tarefa. São indícios de que estas mulheres foram sendo construídas culturalmente, através do exemplo, da insistência, da repetição, onde a figura da mãe como ditadora das regras é o que prevalece. Se, as tarefas das mulheres (entenda-se o trabalho doméstico) precisava ser aprendidas, interiorizadas, fica implícito que os afazeres da casa não eram inerentes as mulheres, como se todas as mulheres já tivessem uma pré-disposição para tais tarefas. Por outro lado, o aprendizado está posto. Deste aprendizado, dona Josephina faz referência: *passsei mais trabalho criar meus irmãos que meus filhos*,⁶⁹ evidenciando de onde retirou as “lições” e o exemplo para colocá-los em prática com sua própria família, constituída a partir do casamento. No entanto esta interiorização acaba por naturalizar os papéis femininos.

Aliás, esta associação das mulheres com os afazeres domésticos fez com que elas não se identificassem como agricultoras. Ser mulher de agricultor era ser doméstica, ser sua colaboradora. Isto porque:

É o lugar social destinado à mulher que confere a ela uma identidade de sexo. Não é a diferença biológica que a torna, “por natureza”, mais apta para esta ou aquela tarefa. Assim, quando a sociedade como um todo expressa a concepção que tem do “lugar da mulher” dentro das relações matrimoniais, transforma-a em colaboradora do chefe da “sociedade conjugal...”⁷⁰

Quando vasculhei as certidões de casamento⁷¹, percebi que, quanto à profissão, as mulheres recebiam a designação “do lar” e “doméstica”. Mesmo con-

⁶⁸ SCARSI, Josephina V., op.cit.

⁶⁹ SCARSI, Josephina V., op.cit.

⁷⁰ MALUF, op. cit., p. 206.

⁷¹ Pesquisei no cartório de Nova Veneza certidões de casamento das décadas de 1920 até 1950, e em todas estava escrito, quanto à profissão das mulheres, “do lar” ou “doméstica”. A maioria das mulheres eram analfabetas e não assinavam o seu nome na certidão.

siderando que a agricultura para as mulheres não era vista como profissão até a constituição de 1988, o trabalho doméstico fora tão bem internalizado por minhas interlocutoras que, ao falarem de si, exteriorizam a roupagem de doméstica. O fato de se auto-representarem como domésticas faz efetivamente parte da construção cultural de gêneros da sociedade na qual estavam inseridas. Sua representação demonstra que o habitus familiar foi internalizado e o que fazem é reproduzir esta prática, uma vez que é a noção de habitus que articula a mediação entre a estrutura e o ator social. Portanto, como já vimos, é desde criança que este papel passa a ser incorporado e, neste momento colocam em prática todo o seu aprendizado. Há que se dizer, no entanto, que esta “imagem” de mulher/reprodutora não diminui a sua importância na unidade produtiva que é a sua família. Como falou dona Alzira, *eu sabia dos meus negócios, do que faltava em casa, do que tinha que comprar. Parece que se não era eu a casa não andava.*⁷² O que, de certa forma, reforça a família como o somatório do trabalho feminino e masculino, vistos como complementares, por isso estavam sempre com um pé na roça e outro na casa...

⁷² MARGOTI, Alzira Formigoni, op.cit.

2

Desnudando relações familiares: a casa como relicário

Tudo ficou mais leve no escuro da casa. As escadas pararam de repente no ar... Mas os anjos sonâmbulos continuam subindo os degraus truncados. Atravessando os espelhos como se entrassem numa outra sala, o sonho vai devorando os sapatos, os pés da cama, o tempo. Vovô resmunga qualquer coisa no fim do século passado.

MÁRIO QUINTANA

Tal qual os anjos alegóricos de Quintana, sou convidada por minhas/meus interlocutoras/es, a visitar suas casas onde atravessam salas, passeiam por seus quartos, deliciam-se na cozinha. De olhos arregalados, dão ênfase a cada particularidade, vêm-se num ambiente que já lhes pertenceu, o qual é o invólucro das marcas de convivência com pais e irmãos.

Começo então a seguir seus rastros, e sou conduzida ao “relicário transparente da família”⁷³, ambiente inspirador, para que os fios da memória possam ser tecidos, possam ser, através de suas palavras e gestos, carregados de sentido.

Como o poema sugere, tateiam o ambiente familiar e, tal qual “anjos sonâmbulos”, se vêem num ambiente outrora todo seu. Não por acaso seus relatos vão ter como cenário a casa paterna. Pois a casa, este cenário da vida privada, “guarda” as aprendizagens mais pessoais.

Vou percebendo que a casa se torna um tópico das recordações de infância, ou ainda, o sítio de uma memória fundamental que o imaginário habita para sempre⁷⁴ por isso lembram-se dos pormenores, da simplicidade, de como viviam. E, de repente, as imagens aparecem, vão sendo formadas diante deles/delas, embora já com outros olhos, olhos de quem prestou muita atenção, de quem a cada pincelada vai trazendo à tona detalhes e minúcias que vão sendo corporificadas com o exercício de lembrar, ou melhor, de relembrar.

Na composição de suas narrativas/relatos, o espaço é tido como um lugar praticado.⁷⁵ Fazem-na como que mapeando, como que percorrendo uma viagem, pois:

⁷³ Cf. A substância Social da Memória. In : BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 346.

⁷⁴ PERROT, Michelle. Maneiras de morar. In : **História da vida privada V. IV**. São Paulo : Cia da Letras, 1991. p. 321.

Todo relato é um relato de viagem - uma prática de espaços. (...) Essas aventuras narrativas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um “suplemento” dos enunciados pedestres e das retóricas caminhatóricas. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam.⁷⁶

Desta maneira, seus pés caminham por entre uma casa, sem assoalho, vão pisando o chão da cozinha, ou como costumam dizer no “chão batido”, o qual era limpo com vassouras de mato “piaçaba” que suas mães faziam. As telhas também não existiam. Por isso, usavam uma palha especial para cobri-la. Percorrem o caminho, fazem a viagem: *A gente ia no mato, colhia uma palha que era especial para cobrir as casas. Depois a gente pegava um ripa de madeira amarrava esta palha que era comprida na ponta, e trançava: era esse o nosso teto.*⁷⁷ Suas casas eram feitas de madeira ou de pedras. Aliás, até hoje existem três exemplares de casas feitas de pedra, as quais constituem-se num cartão postal de Nova Veneza. Cartão postal no sentido figurado, porque foram conservadas como um vestígio do tempo da colonização, sendo portanto um local de memória desta cultura ao longo de mais de um século de existência. As casas eram construídas dentro de um padrão: de madeira bruta, contendo uma sala grande para a qual se abriam os quartos. Quartos com poucos móveis: as camas que eram feitas de “madeira bruta” e o “comó”, que a mãe trazia como dote de casamento. O “comó” era um baú usado para guardar as poucas roupas que tinham.

⁷⁵ CERTEAU, M.ichel. Relatos de espaço. In : *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro : Vozes, 1994. p. 202.

⁷⁶ Ibidem, p.200.

⁷⁷ RONCONI, Dora Wamerlati, op. cit.

Suas roupas muitas vezes eram penduradas numa vara, como relembra seu Hermínio, *nós não tinha móvel nenhum, a roupa era colocada numa vara assim (gestos), e dobrava, botava as roupinhas que a gente tinha, pouco se saía, pouca roupa boa tinha, então a roupa de serviço a mãe lavava, depois botava em cima desta vara pregada assim (gestos) num canteiro da casa, numa parede e outra.*⁷⁸ A sala geralmente servia como depósito dos produtos da roça. Aproveitavam também o forro para guardá-los. *Cada roça que vinha adiantada, assim como o feijão, ia batendo e ia guardando dentro de casa na sala, a casa era grande, um salão, então botava aquele monte de feijão até dentro do forro. (risos)*⁷⁹ Havia espaço na casa também para o abrigo de animais. *A nossa casa tinha quatro quartos, e tinha uma sala no meio, era de madeira, mas de dois andares! O pai fez uma escada por fora pra gente subir para os quartos, e embaixo até as vacas dormiam. É, embaixo da casa!*⁸⁰

Estas casas guardam certa similaridade com as habitações encontradas no vilarejo de Montaignon, França, entre os séculos XIII e XIV,⁸¹ onde:

A casa rural não era apenas uma construção aonde reside um grupo familiar. O mais das vezes abriga também os animais que lhe pertencem, as reservas alimentares e as colheitas armazenadas, os instrumentos de trabalho. É ao mesmo tempo uma unidade de residência e uma unidade econômica de produção, a domus de que fala Emanuel Le Roy Ladurie...⁸²

⁷⁸ MARGOTI, Hermínio. 79 anos. Linha Minerva- Caravágio/Nova Veneza, 22/04/95.

⁷⁹ LAVEZZO, Júlia Buzzanelo. 70 anos. São Francisco/Nova Veneza, 20/05/95.

⁸⁰ MONDARDO, Francisco, op. cit.

⁸¹ Cf. COLLOMP, A. Famílias. Habitações e coabitações. In : *História da vida privada V. III*. São Paulo: Cia das letras, 1991. p. 501-541.

⁸² *Ibidem*, p. 507.

Através de suas falas fiquei sabendo que as casas, ou a *Domus* como quer Ladurie, também podiam ser encontrada em Nova Veneza no começo do século XX. Muito provavelmente seus pais já estavam familiarizados com este tipo de habitação, sendo portanto uma permanência cultural italiana. Num primeiro momento, no começo da unidade familiar de seus pais, quando não tinham dinheiro para fazer as estrebarias, ou os paióis para guardar os objetos e os produtos recolhidos nas safras, a casa tornava-se o local apropriado. A partir de uma necessidade cotidiana, tiveram que improvisar um local para guardar os grãos e os animais, sua própria casa. No mais das vezes, quando já conseguiam juntar algum dinheiro, faziam os paióis bem perto da casa, isto porque também precisavam de um local para guardar o pilão (com o qual pilavam o arroz) e os instrumentos que usavam na roça (machados, foices, os derlos, o arado, as pás, os balaios), como também para armazenar a lenha e guardar os produtos da roça que já eram em maior quantidade. Faziam também as estrebarias para as criações e, o que era mais importante, os chiqueiros para a criação de porcos que, como veremos a seguir, constituía-se, no período estudado como uma, se não a única atividade lucrativa.

Ao revisitarem suas casas com a luz da memória, ela transforma-se, por assim dizer, num relicário, num “recinto especial”, ou ainda numa coisa preciosa. A casa vai assumindo significados para além de, simplesmente, um lugar de dormir ou guardar os produtos da safra. A importância da casa é ressaltada como um “lugar” de encontro, de reunião familiar, mesmo que fossem encontros noturnos, já que passavam a maior parte do tempo na roça. A presença da mãe e do pai os acompanhava por todos os cômodos. Suas lembranças são im-

pregnadas por situações cotidianas, das quais posso destacar os momentos em que seus pais se reuniam para tomar algumas decisões sobre comprar mais terra, aumentar a casa, sobre como economizar dinheiro para a compra de porcos que se tornaria uma fonte de renda.

As estratégias a serem seguidas para alcançarem suas metas, eram discutidas em conjunto. Mesmo que os pais estivessem à frente dos negócios, as mães davam suas opiniões, era comum que fossem consultadas. Poderiam até discordar do marido. Num primeiro momento, a representação do casal é tida como a somatória do esforço coletivo, onde não há espaço para o “eu”, somente para o “nós”, para a “nossa família”, para “lá em casa”. Porém o pai cumpre o papel normativo de provedor e a mãe de fiel ajudante. A figura da mãe, na representação dos sujeitos desta história, está sempre em segundo plano, como se somente ao pai coubesse a decisão/execução de seus projetos. Como se a ela estivesse destinado o lugar de ajudante sem voz ativa, uma simples penumbra, como que à parte dos negócios da família.

Mas, afinal de contas, se a mãe também participava do gerenciamento dos negócios da família como alguém que era consultada, que acompanhava o pai na hora das transações, que contribuía inclusive com o seu trabalho para aumentar a renda da família, por que ela era representada como alguém que estava subordinada às ordens do marido, sem voz ativa? Mais uma vez os papéis sociais estavam postos, e, “ao feminino foi dado como centralidade a maternidade e a responsabilidade pelas coisas da casa”.⁸³ Por isso suas filhas reprodu-

⁸³ As reflexões que se seguem inspiram-se no livro de Marina Maluf, *Ruídos da memória*, em especial o capítulo intitulado *Esferas separadas: que mito é este?* p. 197-211.

zem o discurso normativo dos papéis sociais de gênero: aos homens cabia o gerenciamento, o cuidar de “fora” da casa, da comercialização dos porcos, da compra de terras, da venda dos produtos agrícolas, e às mulheres cabia cuidar de “dentro” da casa, cuidar dos filhos, fazer a comida, alimentar os porcos, cercar, cuidar do quintal, lavar roupas. Fica explícito que “o legado da domesticidade comprometeu fortemente a opinião que as mulheres acabaram desenvolvendo a respeito de si mesmas e do trabalho que desempenham...”.⁸⁴ O exemplo que as acompanhou na trajetória de suas vidas, corporificado pela prática, a qual legitima a autoridade de seus pais, se revela na construção desta imagem que coloca a mulher na esfera doméstica. Compreensível, na medida em que o gênero é a primeira maneira de dar significado às relações de poder, ou ainda, o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual o poder é articulado.⁸⁵ Estava em jogo a manutenção do poder do pai como um poder instituído, normativo. Um poder decisório sobre o qual a mãe não poderia intrometer-se, pois, afinal, não era esta a sua função.

Assim, a maioria de meus/minhas interlocutores/as reforçam e referendam este modelo, ao mesmo tempo em que realçam a ambigüidade entre discurso e prática. *Pra isso eles eram muito unido, tanto era ele, como era ela.*⁸⁶ *Quando precisava comprar alguma coisa, era sempre o falecido papai. Ele tinha miolo para isso, não sei como é que não estudou, mais tinha cabeça pra isso, porque ele sempre dirigiu desde pequeno, né? Ele tava junto com o pai que era italiano, mas ele que determinava, que era o mais velho da casa. Então*

⁸⁴ Ibidem, p. 205.

⁸⁵ SCOTT, Joan. Gênero : uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2): jul/dez, p. 16.

*ele sabia cada vez que ia fora um carro de boi, sabia o que tinha de trazer. A falecida mãe não, porque ela ficava longe da venda, ela não ia.*⁸⁷ *Era tudo conversado junto, decidia tudo junto. A mãe decidia também. Ele esperava a noite, quando todos estavam reunidos, depois do jantar. Era decidido até as coisas da roça. Era tudo decidido o que cada um ia fazer no outro dia.*⁸⁸

Na prática havia uma cumplicidade entre marido e mulher. Esta cumplicidade dava-se no cotidiano, em papéis concretos. No entanto não foram suficientes para romper com o prescrito. Por isso, Maria Odila Leite da Silva Dias reforça a importância de:

... perseguir trilhas do conhecimento histórico concreto que, reduzido o espaço e o tempo a conjunturas restritas e específicas, permitem ao estudioso a redescoberta de papéis informais, de situações inéditas, atípicas, que justamente permitem a reconstituição de processos sociais fora do seu enquadramento estritamente normativo”. Em sendo assim poderemos “ ... encontrar um caminho de interpretação que desvende um processo importante até ali invisível, por força da tonalidade restrita das perguntas formuladas tendo em vista estritamente o normativo.”⁸⁹

Numa de minhas entrevistas, minha interlocutora diz que, em sua casa, a “cabeça” era a mãe. *A mãe sempre foi, o pai coitado trabalhava e dava o dinheiro pra mãe, ela que administrava tudo, comprava roupa, dizia pra ele falta isso, falta aquilo tem que comprar. Mas era a mãe a cabeça, e isso ela sempre*

⁸⁶DUMINELLI, Guerino, op. cit.

⁸⁷LAVEZZO, José. 71 anos. São Francisco/Nova Veneza, 26/05/95.

⁸⁸ Deolinda Coral Scussel, op.cit. Quando dona Deolinda relembra sobre sua família, vai logo dizendo “Naquela época na minha opinião as famílias se ajudavam mais que hoje. O marido era muito amigo, camarada. A mulher fazia de tudo para ajudar ele na roça. Ele quando chegava também ajudava a mulher, era tudo os dois juntos numa amizade. Na minha época nunca vi meus pais discutiram. Eram muitos amigos, batalhavam junto prá poder sobreviver.”

⁸⁹DIAS, Maria Odila da Silva. Mulheres sem história. In: *Revista da história* (nova Série) nº 114, janeiro-junho, 1983 -USP. p. 40.

*passou pra nós.*⁹⁰ Este exemplo serve para mostrar que algumas mulheres podiam, mesmo sendo casadas, gerenciar os negócios da família. É interessante perceber que esta família era composta somente por filhas mulheres, que trabalhavam lado a lado com o pai na lavoura e podiam, para conseguirem mais dinheiro, trabalhar de diarista, principalmente na época da colheita, ou ainda roçar o terreno de quem precisasse. É bom salientar também que esta mesma família não tinha um terreno que fosse seu, eles eram arrendatários, das terras de outrem. A forma de pagamento deste arrendamento era a terça, como fala dona Dora: *A gente trabalhava mais era a terça, então comparação quatro partes, três pra nós e uma tinha que dar pro dono.* Posso inferir então que dentro desta comunidade houve uma concentração de terra por parte de algumas famílias. Por isso não se pode generalizar, afirmando que todas as famílias venezianas tinham obtido um lote de terra. Desde o assentamento, quando cada família de imigrante comprou um pedaço de terra, até a década de 40, muita coisa se modificou. Aliás, é prática comum, hoje em dia, famílias viverem em terras arrendadas.

Sem terra, a sobrevivência se tornava ainda mais difícil. Por isso dona Maria Zanelatto Wamerlatti, mãe de dona Dora, trabalhava junto com a senhora Ângela Amboni fazendo acolchoados de Lã de carneiro. *A mãe vinha trabalhar aqui no centro (eles moravam em São Bento Alto), na casa da dona Ângela, a mãe trabalhava mais de mês, no inverno ela tava lá fazendo acolchoado. Assim ela recebia um dinheiro pra gente poder sobreviver com o que faltava. Ela deixava nós em casa e vinha!*

⁹⁰ RONCONI, Dora Wamerlatti, op. cit.

Percebo por esta fala que houve uma mescla de papéis exercidos por dona Maria, são indícios que apontam para a desconstrução de papéis sociais prescritos: o de que lugar de mulher era em casa, de que o gerenciamento era feito pelos homens, do poder institucionalizado e o da própria maternidade, pois a mãe se ausentava, ficando longe de suas filhas por um certo período, demonstrando na concretude do cotidiano que as mulheres poderiam transgredir os papéis sociais prescritos.

Era na casa também que se dividiam as tarefas para o dia seguinte, geralmente em torno da mesa da sala, onde também se aprendia a ser um bom cristão, repetindo juntamente com a mãe o terço e as orações, tudo em italiano! Não passavam uma noite se quer sem que as orações fossem feitas: *Nós rezava o terço de noite, ao redor da mesa, botava um santo, às vezes era o Sagrado Coração de Jesus, ou o crucifixo. A minha mãe chamava tudo os filho na sala, era sempre ela que puxava as orações.*⁹¹ *Nós rezava, o meu falecido pai gostava de rezar o terço de noite, sempre na sala.*⁹² *Toda noite nós rezava o terço em italiano antigamente, hoje está meio esquecido. Me lembro ave-maria, Reche me eterno eu ainda sei. Está esquecido hoje, mas toda noite a falecida mãe fazia nós rezar. Tudo ao redor da mesa da sala, todos os filhos. Por isso que nós acostumamos com a reza. Hoje, se eu não vou à missa ou o terço no domingo, domingo não é domingo.*⁹³

Suas falas, quanto às relações travadas cotidianamente em suas casas, podem ser vistas como um ato culturalmente criador, sobre o qual se inserem,

⁹¹ DUMINELLI, Guerino, op.cit.

⁹² MONDARDO, Francisco., op.cit.

se movimentam, transitam, se percebem como sujeitos. Ao tatearem os lugares da casa, lugares que remetem a uma ação que está ligada a um coletivo, desnudam as relações familiares onde percebo uma ritualização mais acentuada das relações sociais. É como se invadissem o seu privado, revelando algo, que, por assim dizer, não pudesse ser revelado, visto que íntimo. O trabalho de rememoração permite que eles/elas ressignifiquem suas vivências. Sim, porque o trabalho da memória sedimenta valores, não é somente uma seletividade; é um momento em que se auto-representam, banhados no aprendizado de suas experiências. Mais do que um jogo de mostra-esconde, utilizam o momento de sua rememoração para reforçar valores incorporados.

Há em suas rememorações uma “(...) fusão do trabalho com a própria substância da vida.”⁹⁴ Revelam acerca de seus pais uma “(...) imagem mais espontânea e sensível, sempre em construção.”⁹⁵ *Ela era muito bondosa, ela falava sempre pra nós, ela aconselhava muito. O pai era mais retirado dos filhos, o pai não é tanto introduzido, a mãe sempre tá mais por dentro. Ele era trabalhador, mas aconselhar os filhos ele não fazia muito não.*⁹⁶ *Meu pai não tinha vício nenhum, não tomava, não jogava, era um homem cem por cento, cuidava do serviço dele, tudo assim. Agora minha mãe me mandava fazer tudo. E se eu não fizesse direito me sovava. Eu lavava roupa e se não tivesse limpa ela me jogava na cara mesmo. Ela era braba, a minha mãe!*⁹⁷ *Ah! Ela era uma mãe que outra igual eu acho que não é fácil, tratava bem os filhos, queria bem, se*

⁹³ LAVEZZO, José, op.cit.

⁹⁴ BOSI, op.cit., p. 393.

⁹⁵ Ibidem., p.347.

⁹⁶ MARGOTTI, Hermínio, op.cit.

⁹⁷ MARGOTTI, Alzira Formigoni, op.cit.

*nós trocava uma conversa, vamo dizer se nós brigava, ela já acalmava, fazia nós pedir perdão, pra isso ela foi uma mãe número um!*⁹⁸ *O meu pai era um santo, fez uma morte que era um passarinho nem se mexeu! Eu digo que era um pai bom, só que ele tomava uns traguinho, sabe todo homem toma. Mas o meu pai foi um pai, pelo amor de Deus! Eu digo que nunca peguei um tapa dele. A minha mãe era ruim, que se nós chegava em casa com o sol descido assim meio escurinho..., ela mas cuidava das filhas tava com 'medo', não queria que nós ficasse fora, que demorasse, quando tivesse uma domingueira, vim tarde. Mas o meu pai nunca disse filha aqui, filha lá, hora de vir. O meu pai não tinha boca para nada! A minha mãe, sabe, pra filha assim, tava com medo, ela não queria que casasse "grávida" (baixa o tom de voz). Ela dizia olha se vocês não me chegar em casa com um pedacinho de sol, a vara está ai atrás da porta, já prometia antes! (risos) E nós imagina, sempre olhava o sol. Nós nunca dissemos nada pra mãe, Deus me livre dizer merda, que o dia de hoje um filho chama de tudo para um pai e uma mãe, é de se arrepiar. Mas nós não dizia nada em contra o pai e a mãe. A mãe me criou assim, dizia que era pecado chamar alguma coisa pro pai e a mãe.*⁹⁹

Diante de tais colocações, começo a perceber qual era o campo de atuação das mães quanto ao fato de exercerem alguns poderes. Não era somente a preocupação com os ensinamentos da lida doméstica. Havia também uma preocupação moral, onde passavam valores que seriam seguidos. Por isso não podiam chegar tarde, não podiam responder, desobedecê-la. Como diz Michelle Per-

⁹⁸ DUMINELLI Guerino, op.cit.

⁹⁹ LAVEZZO, Júlia Buzzanello. 70 anos. São Francisco/Nova Veneza, 20/05/1995.

rot (1992), a mulher não tem poder, tem poderes, os quais, por não serem normativos, acabam por ocultar-se. Mas a mãe está o tempo todo exercendo estes poderes seja no trato e educação das filhas, nos afazeres domésticos, nas próprias decisões dos maridos, ela sempre se fazia ouvir.

Notem que dentro desta cultura, além do trabalho como algo positivo, a religião também o é, juntamente com a moral e os bons costumes, cabendo à mãe referendá-los. É ela que nas noites se encarrega de juntar a família para rezar o terço, onde começa a ser passada a importância de ser um bom cristão, tanto para meninos como para meninas. Quanto à moral e aos bons costumes, a mãe se preocupa mais com as filhas, principalmente quando estas já são mocinhas, e freqüentava as domingueiras.¹⁰⁰ Elas sabiam que não podiam chegar em casa tarde, isto porque, segundo suas mães, o fato de chegarem em casa tarde poderia ser sinônimo de estar fazendo algo “errado” com seus namorados, o que poderia resultar numa gravidez indesejada. E se a filha ficasse “mal falada”, a culpa seria da mãe, que não a vigiou o quanto devia. E estariam na “boca do povo”, não só a filha mas a mãe (e a rigor toda família) o que seria muito vergonhoso. Por isso as mães faziam o que podiam para isto não acontecer. Se acontecesse, haveria uma pressão por parte da família da moça para que o rapaz “reparasse o erro”.

Até agora não entramos na cozinha. É que ela era “especial”, separada da casa. Segundo contaram minhas/meus interlocutoras/es, era assim porque o fogo ficava aceso o dia todo e podia causar incêndio. Esta cozinha separada da

¹⁰⁰ Espécie de baile que era realizado no domingo à tarde. Farei uma discussão mais detalhada sobre as domingueiras no item intitulado: “Participando da festa, buscando o encontro”

casa era típica das famílias italianas que vieram para o Brasil, sendo portanto um traço cultural de permanência entre os descendentes. Ao mesmo tempo que assim o era por uma questão de segurança, também constituía-se num suporte cultural, na medida em que fora incorporada pelas futuras gerações. O mesmo acontecia com o fogão. O fogão utilizado pela maioria das famílias era o “fogolaro” ou “cilarim”¹⁰¹, uma corrente onde penduravam as panelas para cozinhar sobre o fogo que era feito num quadrado de terra. *No começo foi aquela corrente. Olha eu não tenho aqui, acho até que a minha irmão jogou fora! Mas nós temos ainda os ganchos. Vamo dizer o fogão era ali* (gestos). *A chapa não, a chapa não tinha. Era o quadro feito de tábuas, um quadro cheio de terra e depois uma corrente que vinha de cima, o cilarim, como nós chamava. Então conforme que estava fervendo podia puxar pra cima, ia levantando, e quando ela não fervia, pra manter a bóia quente, ia puxando pra baixo. Até aquele pedaço de ferro que era preparado foi jogado fora. Mas toda vida um quadrado de terra, quatro esteio, quatro palanque* (gestos) *e um quadradinho de terra, porque o assoalho era de terra, depois a corrente em cima amarrando uma corrente que era de ferro, era quase tudo igual, tinham até famílias que trouxeram da Itália. Ah, tinha argolinha pra puxar. Então a panela, se queria botar na primeira, na segunda, ia levantando, né? Me lembro bem, acho que no começo quando vinham pros matos, quando vinham de mudança era tudo assim.*¹⁰² Não

¹⁰¹ Estas palavras são homônimas em italiano e significam fogão.

¹⁰² LAVEZZO, José, op.cit.

havia forno, por isso cozinhavam a “fuaça”¹⁰³ na brasa, e era quase um ritual seu preparo, pois tinham que ir buscar “no mato” o caité no qual era enrolado.

Como falou seu Batista ... *a polenta era sagrada, todo dia polenta!*¹⁰⁴ Nesta comunidade, a polenta¹⁰⁵ era o alimento que compunha o seu café da manhã e seu almoço, havendo inclusive um recipiente especial, um “panaro”, uma espécie de tábua de cortar carne, onde se virava a polenta depois de pronta. Igualmente providenciada era a “méscula”, uma madeira que se usa ainda hoje para mexer a polenta. Costumavam também, depois de pronta, cortá-la com um fio de linha. Junta-se ao cardápio costumeiro a famosa minestra, que era comida à noite. No começo não comiam arroz, porque era difícil de ser cultivado, no entanto, mais tarde ele torna-se um componente que se juntamente com o feijão da minestra, e a famosa salada de radiche temperada com azeite e toucinho. Pouco se comia o macarrão, somente na páscoa, Natal ou no “dia de Santo Grande”, como no dia do padroeiro de Nova Veneza, São Marcos. *O macarrão só se comia em dia de Santo Grande, no Natal ou na Páscoa!*¹⁰⁶ *Se comia macarrão quando era festa, não é como o dia de hoje que ou compra macarrão ou faz em casa, até enjoar de tanto comer aquele macarrão. Nós comia era polenta! Naquele tempo lá só quando era festa de São Marcos, uma vez por ano!*¹⁰⁷ *Nem existia macarrão, inventaram o macarrão depois que eu me senti grande, quando eu tinha dez, doze anos. Ai, a mãe comprava uns seis quilos de farinha de trigo por ano, dia de São Marcos dois quilos, dia de Páscoa dois quilos, e*

¹⁰³ Espécie de pão de farinha de milho.

¹⁰⁴ CORAL, Batista, op.cit.

¹⁰⁵ Assim como Urussanga é conhecida como a capital do vinho, Criciúma como a capital do carvão, Nova Veneza é conhecida como a capital da polenta.

¹⁰⁶ MARGOTTI, Alzira Formigoni, op. cit.

*dia de Natal dois quilos, então era seis quilos de farinha de trigo por ano e em oito pessoas pra comer!*¹⁰⁸

O fato de não comerem o macarrão todo dia poderia estar relacionado com o fato de o trigo não ser cultivado, tendo que ser comprado. Como o dinheiro era escasso, visto que em sua unidade doméstica o que predominava era a economia de subsistência, era um desperdício comê-lo todo dia. O que me faz deduzir que o macarrão é incorporado à culinária italiana a partir da “invenção da tradição”¹⁰⁹, pois hoje a macarronada tanto quanto a polenta são sinônimos da culinária italiana. No entanto ela foi sendo incorporada ao longo do tempo, e não era vista como algo que lhe fosse primordial, insubstituível, como transplantado da cultura européia, tendo em seus avós e pais os responsáveis pela travessia do Atlântico. Somente entre as décadas 50 e 60 a macarronada aparece com mais frequência nas casas italianas e, a partir de então, passa a ser servida aos domingos tornando-se uma tradição. Porém, como vimos, nem sempre foi assim! No tempo pesquisado a macarronada era sinônimo de riqueza, de fartura. Era baseado no calendário cristão - Natal, páscoa, festas de Santos Grandes - que comiam o macarrão. Como estas festas aconteciam uma vez por ano, fica evidente que sua cultura vai sofrendo a influência direta da igreja. Ao saber da incorporação do macarrão no hábito alimentar, fiquei sabendo que os Santos Grandes eram guardados o que demonstra uma criação de valores em torno das datas religiosas. Eles e elas sabiam porque estavam comendo naquele dia o macarrão! Era portanto símbolo, de respeito às datas religiosas, um momento de

¹⁰⁷ MORO, Irene de Bona. 84 anos. São Martinho/Nova Veneza, 13/02/95.

¹⁰⁸ DUMINELLI, José. 70 anos. São Bento Alto-Rio Cedro Médio/Nova Veneza, 19/04/95.

confraternização da família, onde todos se sentavam na mesa da cozinha com o pai sentado à cabeceira. Era uma grande festa, onde não podia faltar o vinho caseiro, a galinha ensopada. Como eram momentos raros, ficara gravado em suas memórias de maneira especial, ressaltando a alegria e a reunião da família.

Vê-se que os objetos de uso comum, como o lavandim, as gamelas, o panelão, a méscula, tornam-se símbolos, que passam a ser incorporado por esta cultura, sendo portadores, também eles, em contato com os diversos usos, de suas histórias. Posso afirmar com Ecléa Bosi que:

...Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na nossa velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. (...) Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.¹¹⁰

Estes objetos, que Violette Morin¹¹¹ chama de objetos biográficos, acabam por trazer consigo uma experiência vivida. Algo peculiar a estas famílias que coletavam a madeira no mato, transformando-a em objetos de uso diário. Pelo trabalho de talhar a madeira para que tomasse forma, tornavam-se quase artesãos. Ficando pronto o utensílio incorporavam-no ao seu cotidiano, mesclando práticas e usos.

O fato de lembrarem sobre os espaços e usos de suas casas, em especial agora da cozinha, tida como um espaço eminentemente feminino, merece algumas reflexões, principalmente quanto à especificidade de lembrar. Me pareceu

¹⁰⁹ Cf. HOBSBAWN, E. & RANGER, T. (org) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

¹¹⁰ BOSI, op.cit., p. 360.

¹¹¹ MORIN, Violette. Apud: BOSI, Idem., *Ibidem*.

no mínimo curioso o fato de que os homens também se lembrem com nitidez, com uma clareza bastante verossímil, como quem de fato tivesse vivenciado este espaço: a cozinha. Se há uma especificidade no ato de lembrar, se ela se situa no âmbito das relações sociais entre os sexos, evidenciando a posição que homens e mulheres ocupam no conjunto de uma sociedade, sendo, portanto, uma determinação essencialmente social e histórica,¹¹² posso deduzir que na sociedade estudada, ou seja na comunidade italiana de Nova Veneza, o fato de os homens lembrarem-se destes espaços “tão femininos” pressupõe que a incorporação do habitus familiar e da noção de família que se constrói cotidianamente, fez com que também eles se identificassem com a cozinha.

Houve então uma fluidez de lembranças, de espaços, demonstrando que não havia uma linha divisória, mesmo que imaginária, quanto aos espaços do interior da casa. E as fronteiras do dentro e fora de casa estavam aproximadas. Os homens também estavam presentes nos afazeres da casa, através da confecção de objetos, da colocação do feijão colhido no chão da sala. Suas lembranças, evocando a cozinha, também revelam que estavam de certa forma sob os cuidados da mãe, a qual poderia vigiá-los.

Quanto as tarefas, visto que ninguém ficava parado em casa, começavam muito cedo, desde a preparação do café, chamado de “mata bicho” (era tudo o que colocavam no estômago antes de irem para a roça). A manhã de quem não ia à roça girava em torno da lavação de roupas no riacho próximo da casa, mas a atenção especial era a preparação da comida. Esta era uma tarefa primordial

¹¹² MALUF, op.cit., p. 86.

que, de alguma forma, conferia um certo “status” às mulheres, principalmente porque conseguiam improvisar com o pouco que tinham. O tempero fazia a diferença. Usavam muito o “percemulo” e a “ceula”, que não podiam faltar no quintal. Dentro das divisões de papéis, o de cozinheira acabou sendo como que inerente às mulheres. Vejamos o que nos diz uma pequena historinha contada pelo senhor Luiz Ostetto. *Uma família de italianos ia todo dia para roça, mas la mama ficava em casa porque tinha muitos filhos pequenos e, principalmente, para fazer “il cibo”. Como a roça não era muito longe de casa, para saber quando il cibo ficava pronto, la mama portava una tovalha en la finestra. Ma un giorno, no ho visto. Il pupà ho deto a sua figlia: Va vede que cosa ho successo a casa que la mama non meteno la tovalha in finestra. Quando arriva in casa ho incontrato la mama morta. E, quando ritorna dice: Pupà, pupà, la mama le morta! E pupà rispose: Se la mama le morta andemo mangiar que ora!*¹¹³

No entanto, além da comida, as mulheres cuidavam da casa, confeccionavam os colchões de palha, (tendo toda uma técnica para desfiarem a palha) e, geralmente, ensinavam suas filhas, as quais mais tarde teriam que fazê-los para suas futuras casas. Também confeccionavam os travesseiros, que eram feitos de “marcela”; colhiam-na no mato, deixavam secar e depois enchiam os travesseiros, usavam como tecido a “chita”, sendo os mesmos costurados com uma máquina manual. Esta máquina, é importante ressaltar, fazia parte do legado das mães, que geralmente a ganhavam de seus pais, como presente de casamento. O travesseiro podia ser feito também de penas de ganso, uma vez que havia cria-

¹¹³ Conversa informal realizada em 20/03/94.

ção em casa e, assim, era fácil encontrar penas em abundância. Os acolchoados também eram confeccionados por elas. Sem contar que elas cuidavam da horta, do chiqueiro, das criações e iam para roça, quer dizer, mesmo ficando em casa, cabia às mulheres muito mais do que fazer comida. Elas eram, por assim dizer, “peças” importantes para todo o gerenciamento da *domus*. Se o simples fato de não fazerem mais a comida (como demonstrou a historinha do senhor Luiz Ostetto), já era motivo de desespero, imaginem se os homens tivessem que assumir o lugar de suas mulheres! No entanto, dentro desta cultura, era assim que as mulheres se representavam e eram representadas: como ajudantes, cozinheiras ou donas de casa.

Mas havia mulheres exercendo outros papéis ? Em que situações? Havia diferença entre o discurso e a prática?

3

Um olhar oblíquo

Até agora minhas reflexões pautaram-se nos diálogos com minhas/meus interlocutoras/es. Neste momento, faz-se necessário entrecruzar fontes orais e fontes escritas¹¹⁴. Ao entrar em contato com os dados do censo estatístico realizado em Santa Catarina, no ano de 1920, fiquei sabendo que em Nova Veneza, então distrito do município de Araranguá, residiam 4.021 habitantes, sendo 2.089 homens e 1.934 mulheres.¹¹⁵ Eram todos imigrantes e entre eles estavam incluídas as famílias de minhas/meus interlocutoras/es,¹¹⁶ seus pais ou avós. A economia, baseada na cultura de subsistência, propiciava uma agricultura diversificada, com o feijão, o arroz, o milho, o fumo a mandioca e a batata doce. Os colonos plantavam para o “gasto”, contando somente com o uso das mãos para puxarem o arado, para manejarem a foice, o

¹¹⁴ Cf. OSTETTO, Lucy Cristina. Por entre “fontes orais” e fontes escritas : a tessitura das relações de gênero. In : *Esboços*, nº 3, 1º semestre, curso de Pós graduação em História, Ufsc. 1996. p.53-64

¹¹⁵ Cf. BORTOLOTTI, op. cit.,p. 162. Neste livro consta também o censo de 1940, 1950. Revelando como peculiaridade o fato de ter uma concentração rural maior que a urbana.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 271-331, especifica o número de imigrantes por ordem de chegada.

machado, a pá, a enxada . As condições precárias de trabalho, a dura realidade a ser enfrentada na lavoura são condicionantes no sentido de demonstrar porque precisavam do empenho de toda família¹¹⁷, dificultando a plantação em grande escala. Haveria então uma possibilidade de comercializarem seus produtos? De conseguirem enfim uma atividade lucrativa? Pois, mesmo sendo pequenos agricultores, precisavam comprar os produtos de primeira necessidade, como o sal, o “assucar” (sic), a farinha de trigo, a “sardinha”, os tecidos de riscado para confeccionarem suas roupas e o querosene, já que no interior da colônia não havia energia elétrica, diferindo do centro da cidade o qual já em meados de 1925 contava com este avanço. E, depois, queriam aumentar sua propriedade, o que implicava na compra de terras, ao mesmo tempo que precisavam de instrumentos para a lida com as pás, as enxadas e o arado.

Abre-se uma possibilidade de lucro com a criação de porcos, e com o cultivo de arroz, produtos que possibilitarão a economia de trocas simples. Há que se dizer que vários fatores contribuíram para entrarem no ramo da suinocultura. Entre eles o fato de que esta atividade não precisava de muitos cuidados. A alimentação dos animais era garantida com a plantação. *Nós plantava sempre coisa pra tratar os porco, porque a única coisa que nós vivia era dos porcos. Então plantava batata doce, aipim, estas coisas e milho à vontade pra engordar os porcos, depois levava lá, vendia e comprava os mantimentos pra casa. Trazia o café, o açúcar e levava os porcos, lá pros Bortoluzzi, lá em Ve-*

¹¹⁷ Cito como exemplo o número de irmãos/ãs de alguns/as de meus/minhas interlocutores/as. Deolinda Coral Scussel (12 irmãos, 8 homens/4 mulheres), Francisco Mondardo (10 irmãos, 7 homens/03 mulheres), Alzira Formigoni (14 irmãos, 9 homens/5 mulheres), Guerino Duminelli (8 irmãos, 6 homens/3 mulheres), Selma Amboni Mondardo (16 irmãos, 9 mulheres/7 homens).

neza.¹¹⁸ Podiam então, paralelamente, continuar com a lavoura, pois cabia às mulheres “cuidar” do trato dos animais. Eram elas que na maioria das vezes limpavam os chiqueiros e cuidavam para que os “coxos” estivessem sempre cheios de comida. Esta atividade constituía-se numa atividade a mais para as mulheres¹¹⁹ que, tendo os filhos pequenos, podiam permanecer em casa e ao mesmo tempo dedicar-se a uma atividade produtiva.

Talvez o fator decisivo para que as famílias optassem pela criação dos porcos residisse na certeza de que sua venda era garantida. A criação de porcos transformava-se assim numa atividade lucrativa. Isto porque no centro de Nova Veneza havia a “Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A.”, a qual contava com uma fábrica de produtos suínos onde produziam salame, banha, torresmo, toucinho, além do preparo da própria carne, que era salgada e colocada num “jacá”, uma espécie de caixa de madeira, na qual a carne acomodada era transportada. Este procedimento era uma rotina na “fábrica de banha” que exportava sua carne até para o Rio de Janeiro. O trajeto até Criciúma era feito de carro de boi (mais tarde com um caminhão), de Criciúma até Laguna, de trem e até o Rio de Janeiro, de navio. Havia ainda um beneficiador de arroz, chamado Arroz Dora e uma atafona de moer o milho para fazer farinha. A Bortoluzzi S. A. atuava como exportadora, importadora e também contava com uma casa de comércio.

Encontrei no “ Livro de Registros dos Empregados ou Operários da Firma Indústria e Comércio Bortoluzzi S.A,”¹²⁰ o nome do senhor José Bortoluzzi

¹¹⁸ LAVEZZO, José, op.cit.

¹¹⁹ É interessante perceber que o trato dos animais era tarefa considerada feminina, também na colônia alemã de Blumenau. Cf. WOLF, Cristina Scheibe. **As mulheres da colônia Blumenau - Cotidiano e Trabalho (1850-1900)**, São Paulo:1991. Dissertação de mestrado. PUC. p. 20.

¹²⁰ Este livro baseia-se no decreto 19808 de 28 de maio de 1931.

exercendo o cargo de diretor-presidente, tendo como data de admissão o dia cinco de maio de mil oitocentos e noventa e nove, com o senhor Humberto Bortoluzzi exercendo o cargo de diretor, sendo admitido na mesma data. Isto, de certa forma, me faz deduzir que seja esta a data em que se estabeleceram, ou seja, passaram a existir como sociedade anônima, tendo reconhecimento jurídico. E, desde então, começam a atuar como líderes no comércio e na indústria, abastecendo toda a região¹²¹, transformando-se ao longo dos anos em uma empresa bem sucedida, edificando um acúmulo de capital, de modo a não ter concorrente. Os colonos ficavam desta forma submetidos ao “poder” desta família, inclusive porque a venda de novos lotes, bem como o empréstimo de dinheiro para novos investimentos, passava por eles.

Na realidade, criou-se uma relação de dependência entre os colonos, que precisavam vender os porcos para conseguirem comprar os suprimentos de que necessitavam, como tecido, querosene, sal, outros e a fábrica, que precisava de sua matéria prima. Através de uma conversa informal com o senhor Orlando Crevanzzi, um antigo empregado da fábrica, fiquei sabendo que entre os colonos e os Bortoluzzi eram feitos contratos verbais, onde era decidido o preço da arroba, e determinado o período em que os colonos trariam os porcos mortos. Seu Humberto Bortoluzzi era um dos encarregados de ir ao interior conversar

¹²¹ Quando vasculhei o arquivo da família Bortoluzzi, encontrei uma caderneta, pertencente ao senhor Giovanni Sartor, usada entre 1914 -1917. Servindo para mostrar o que poderia ser encontrado no comércio. Entre eles o senhor Sartor comprou entre 1914-1915, um masso de pregos, uma serra, um par de meias, dobradiças, um chapéu de pano, cinco metros de algodão, uma dúzia de garfos, uma gravata, um calderão, pimenta, óleo e uma lata de soda. Em final de 1915, traz 54 kilos de porcos, mais 365 kilos de porcos, mais 53 kilos de toucinho. Podemos inferir então que o comércio entre colonos e os Bortoluzzi, já tinha como moeda os porcos.(falaremos disso a seguir). Encontramos registrado também que o senhor Sartor pedia dinheiro emprestado.

com os colonos, fazer o preço e determinar a data da entrega. Segundo seu Orlando, eram somente os homens e seus filhos que faziam as transações. Como os colonos sabiam que a fábrica precisava de porcos, também vinham oferecer sua mercadoria. Na entrega dos porcos, o centro ficava cheio de carros de boi, uns trinta carros ou mais.

Os colonos achavam vantajoso comercializar com os Bortoluzzi, pois podiam fazer suas compras e pagar somente depois de um ano, quando da entrega dos porcos. *Era bom negociar com os Bortoluzzi, porque eles vendiam a fiado, até nós levar os porco ou até as colheita, porque tinha colono que plantava arroz. Eles não cobravam nem um tostão de juro. Vendiam com o mesmo preço, vamos dizer, comprava hoje e pagava daqui um ano.*¹²² Porém, quando traziam porcos a mais, deixavam o dinheiro guardado com os Bortoluzzi, ou levavam-no embora. O que de certa forma me faz deduzir que os Bortoluzzi funcionavam também como uma espécie de banco. *Nós vendia ou depositava nos Bortoluzzi. Nós o que precisava pra família nós comprava lá, e deixava o dinheiro lá colocado por eles, e o dia que precisava comprar um terreno, um boi, qualquer coisa, então ia lá avisava eles prá depois eles arrumar o dinheiro.*¹²³ O comércio se estabelecia pela troca, tendo como moeda corrente os porcos, o qual lhes garantiria crédito, seja para a venda a prazo ou para pedir dinheiro emprestado.

Mais uma vez encontro indícios de que os depósitos eram recorrentes, pois muitas contas eram pagas através da “transferência da conta depósito”.

¹²² LAVEZZO, José, op.cit.

¹²³ DUMINELLI, José, op.cit.

Obtive estas informações no livro caixa,¹²⁴ ao qual tive acesso vasculhando os arquivos da família. Tais registros servem de baliza para historicizar as relações comerciais, na medida em que permitem intercalar os depoimentos orais com os escritos e, mais que isso, funcionam aqui como uma espécie de “fissura”, a qual permite dar visibilidade a mais uma faceta do trabalho feminino na colônia para além do espaço doméstico que, de outra forma, permaneceria invisível.

No livro-caixa que mencionei, encontramos o que os colonos consumiam, além da quantidade de porcos que vendiam. Trago aqui o exemplo do senhor Luiz Scandolaro¹²⁵, pai de uma interlocutora, a senhora Armida Scandolaro Corral. Na página 128 existe uma referência de que sua conta foi transferida do livro J, p. 982. Assim sua conta começa a ser registrada a partir do mês de julho de 1927, quando já traz 11 sacos de arroz. Vou descrever o que a família de dona Armida Scandolaro consumiu entre 1927 e 1928, servindo de exemplo sobre o que podia ser encontrado no comércio dos Bortoluzzi, como também o que os colonos compravam. Vejamos:

Julho : Linha, pregos; **agosto**: lenço de lã, um rolo de arame, cartuchos, grampos, uma antartica, café, linha; **setembro**: um caderno, creolina, botões, café, fósforos e pregos, (receberam 10 sacos de arroz), dinheiro que pediu em prestado(2000), pão, café, queijo serrano, vinho; **outubro**: (receberam 88 sacas e meia de arroz), importância que passa para a compra de um lote (1.500000); **novembro**: uma lata de café, um maço (sic) de fósforo, óleo, pão, serveja (sic),

¹²⁴ Livro K, número 589, com mil páginas.

¹²⁵ Livro k. Op.cit. p. 128, correspondente ao ano de 1925, p. 129-469, correspondente ao ano de 1926, p. 469-677- 760-761, correspondente ao ano de 1927, p. 943 correspondente ao ano de 1928. Nesta página há uma indicação de que sua conta será registrada no livro L- 15, p. 102. No entanto não encontrei este livro.

linha, permicida; **dezembro**: um par de tamancos, um chapéu, dinheiro que pediu (100000). O balanço foi feito em janeiro de 1926, pago com a venda de arroz, que fora trazido em julho e outubro. Em março de 1926, trouxe 190 quilos de fumo, em dezembro trouxe 255 quilos de assucar (sic), 10 sacas de arroz. Sua venda resultaria no pagamento de suas dívidas no comércio em janeiro de 1927. Também em janeiro de 1927, trouxe 67 quilos de fumo, em fevereiro, 154 quilos de fumo, 10 sacas de arroz, 20 sacas de arroz, em abril 537 quilos de fumo, em julho 46 sacas de arroz, 2 sacas de milho, em setembro 882 quilos de suínos. Sua conta seria saldada em janeiro de 1928, pois era comum as famílias agricultoras saldarem as contas do ano somente em janeiro do ano seguinte, quando a quantidade de porcos trazidos liquidaria o saldo devedor.

A família de seu Luiz Scandolaro vendia, além do porco, o arroz e o fumo. Dona Armida nos fala um pouco de como era o preparo do arroz e do fumo: *primeiro tudo no terreno, arava a terra com o arado. Depois limpava e cortava com aquela foicinha o seguete, tudo o arroz, deixava secar uns três dias quando era tempo bom, e pegava, amontoava tudo, fazia um monte bem grande e depois fazia uma roda de terra bem socada né (gestos), e quando ficava pronto botava o arroz tudo ao redor viga pra dentro e depois botava o cavalo, batia tudo o arroz a cavalo, depois espanava e limpava e botava no saco. Depois quando era pra come em casa (usado para a minestra), nós tinha aquela pila de madeira, com o pilão, aí socava em casa. Todo dia nós pilava, a minha mãe e uma moça que ficava em casa. O café também, só que dava pouco. Nós colhia os grãos, torrava em casa e socava no pilão, peneirava e ia socando,*

*fazia aquele café! Era as mulheres que ficava em casa que fazia esse serviço.*¹²⁶

Quanto ao fumo, *plantava o fumo, depois de grande e bonito então colhia, todas as folhas, e botava naquele estaleiro para amadurar, apanhava verde depois pendurava tudo assim (gestos) numas ripas. Pendurava tudo o fumo, quando tava amarelo, estalava ele, fazia aquele talo tinha uma madeira comprida, ai botava tudo o fumo e fazia a corda e depois tinha os preparo com a máquina, tocava até que ficava bem preto. A máquina era tocada tudo a mão. Trabalhava tudo junto.*¹²⁷

Cada “chefe” de família tinha a sua conta nos Bortoluzzi, a qual recebia o seu nome onde ficava registrado o consumo, bem como a quantidade de porcos, arroz ou fumo que traziam, donde posso inferir que esta atividade se constituía numa atividade eminentemente masculina. Ou seja, quem se deslocava até o centro da cidade eram os homens, o que, de certa forma, justificava a divisão dos papéis normativamente instituídos. Aos homens cabia negociar. Se aos homens cabia o comércio, estando o produto final em sua mãos, há que se dizer que o processo de preparação do porco, o qual contava com o trabalho feminino (desde o seu trato) e o envolvimento de toda família, inclusive das crianças ficava invisível. Pois o que aparece é o produto final - o porco morto e limpo - só os homens recebem os méritos! É o que fica registrado, inclusive na memória de meus/minhas interlocutores/as: *Quem levava os porcos era os meus irmãos e o meu pai. Eles faziam dois carro de boi pra leva os porco morto. E as estradas eram muito ruim, a maioria era picada mas sempre dava pra passa os car-*

¹²⁶CORAL, Armida Scandoloro, op. cit.

¹²⁷ Idem.

ro. E ainda quando chegava no centro de Veneza, que tem um rio, primeiro nem tinha ponte, então tinha que matá os porco quando não chovia, quando o rio não tava cheio, quando era baixinho, porque tinha que atravessá o rio. Era bastante trabalhoso aquele tempo lá!¹²⁸ Vendia os porco pros Bortoluzzi, nós só tirava a cabeça, a buchada e levava daqui lá de carro de boi, ia sempre o pai e nós.¹²⁹ O transporte era o carro de boi. E as vezes estragava tudo. Porque sempre escolhia um tempo bom, se não parava nas estradas, ponte quebrada, tinha que descangar o boi, passa o carro pro lado de lá, depois cangava de novo. Sem contar os atoleiro, porque estrada era pouca, mixaria, nem tinha estrada. E nós ia com o carro de boi, subia aqueles morro, era alto, e puxava os porco lá pros Bortoluzzi. Era sempre uma festa quando nós ia entregá os porcos. Me lembro daquela varanda que tinha do lado, e um dia um camarada que eu não vou falar o nome apanhou lá (risos). Porque o falecido pai quando chegava lá e às vezes nós ia junto com dez, doze carros lá nos Bortoluzzi e depois quando pesava os porcos, descangava os bois, tudo amarrado e depois eles botavam vinho e lingüiça de porco à vontade pra nós comer. Ai veio este fulano. Ele veio lá e o Bortoluzzi deu uma coça nele, porque ele era chupim, e ia e entrava na mesa, comê junto com nós e ele não era nada nosso. A gargalhada foi geral.¹³⁰

Apesar deste referencial aparentemente irretocável, encontro nos registros da fábrica pistas que me ajudam a dar visibilidade a algumas mulheres que, sendo viúvas, passavam à frente dos negócios da família: o comércio de porcos,

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ DUMINELLI, José, op. cit.

¹³⁰ LAVEZZO, José, op.cit. Ele também diz que seu pai vendia porcos para o Berto Búrigo, o qual também trabalhava neste ramo. Aliás era bem mais perto de sua casa que era no São Francisco. Teriam que se deslocar para Mãe Luzia, pertencente ao município de Criciúma.

a lavoura, e também alguns estabelecimentos comerciais. Quando necessário então, as mulheres se ausentavam da esfera íntima do lar para garantirem a sobrevivência da família. Estas mulheres freqüentavam o centro da cidade com a “liberdade” tão peculiar aos homens, e nem por isso eram menos dignas de respeito e confiabilidade. Elas ganhavam inclusive no caderno - índice, onde ficaram registrados os clientes, a página da letra “V” de viúva. Este ir e vir por entre os caminhos até então masculinos invisíveis para meus/minhas interlocutores/as pressupõe uma circularidade de mulheres, principalmente quando encontro também mulheres de localidades vizinhas como Beluno (hoje Siderópolis), ou ainda de Mãe Luzia (pertencente ao município de Criciúma), ou seja, mulheres de localidades próximas, que tinham no comércio de porcos o ganha-pão garantido, como também de viúvas, que desciam a Serra para vender queijo, o qual ficou conhecido como queijo serrano, que ainda hoje se come com polenta. Foram mulheres que até o presente momento não passavam de nomes, seres anônimos, esquecidos num canto escuro, como que sem importância. Nomes que trazem consigo os papéis sociais desempenhados por elas.

Estas mulheres me possibilitam uma outra forma de escrever esta história, uma “ (...) história do implícito resgatada das entrelinhas dos documentos, beirando o impossível de uma história sem fontes(...)”.¹³¹ Ajudam-me a desconstruir o mito, nas palavras de Marina Maluf, do “dentro” e do “fora”, a partir do momento em que os espaços historicamente construídos pelas mulheres, ganham publicidade, mostrando que “(...) progressivamente, a experiên-

¹³¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo : Brasiliense, 1984. p.10.

cia concreta das mulheres, enquanto agentes sociais, vai se constituindo e adquirindo nitidez, expondo a tensão e a incompatibilidade entre o discurso normativo e a vida vivida (...).¹³² Onde se viam somente nomes, eu vejo mulheres, vejo a concretude de papéis sociais, como nos alerta Maria Odila, “os papéis propriamente históricos das mulheres podem ser captados nas tensões, mediações, nas relações propriamente sociais que integram mulheres, história e processo social e que podem ser resgatado nas entrelinhas das fissuras e do implícito nos documentos escritos”.¹³³ Este documento me permitiu construir uma história do não dito, pois:

... examinar a realidade exclusivamente através de esferas separadas pode significar o confinamento da mulher a certas funções que são sempre como alheias àquilo que é socialmente valorizado. Confiná-la exclusivamente ao espaço da domesticidade, ou uma visão que se tem da porta para dentro, pode redundar no não-reconhecimento de seu trabalho (e do tempo socialmente gasto nele), de sua influência, seu poder não formalizado e suas pressões sobre o conjunto do grupo social.¹³⁴

As mulheres viúvas traziam para si a responsabilidade de proverem suas famílias¹³⁵. Este era portanto um papel normativo, mesmo que inaudito por minhas/meus interlocutoras/interlocutores, como falam de suas experiências, era sempre a figura do pai que se sobressaía em relação ao comércio, denotando a interiorização do habitus familiar, enquanto prática. Ao mesmo tempo incrustada nesta prática está a definição dos papéis sociais masculinos: o de mantenedor da família.

¹³² MALUF, Marina, op. cit., p.200.

¹³³ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op. cit. p.31.

¹³⁴ MALUF, Marina, op.cit, p.201

¹³⁵ Em conversa informal com o senhor Luiz Ostetto, hoje com 71 anos, ele me colocou que era comum as mulheres viúvas assumirem os negócios da família, inclusive ele me ajudou a localizar estas mulheres,

O que me fez inferir que estas mulheres eram de Nova Veneza ou das suas redondezas, foi o fato de seus sobrenomes serem conhecidos, pois para indicar uma pessoa estranha, eles (os que anotavam no comércio) colocavam no lado do nome alguma referência. Tentei procurar outras informações sobre estas mulheres no cartório de Nova Veneza. Vasculhei os atestados de óbitos e só obtive dados de uma das mulheres a viúva Elisa Pesolato, a qual era imigrante. O fato de seus nomes não constarem no cartório, segundo a escritã Natércia Damiani Destro, pode estar ligado ao costume local das primeiras décadas deste século, onde as pessoas que moravam longe não registravam os óbitos. Ou ainda, porque várias famílias chegaram justamente no começo do século, e, sendo migrantes de localidades vizinhas, poderiam estar registradas em outro cartório. No entanto, considero um indício relevante o fato de seus nomes constarem no livro de registros, na medida em que ajuda a dar visibilidade aos papéis sociais desempenhados pelas mulheres italianas ou descendentes. Isto sugere que as mulheres também se deslocavam até o centro da cidade, passando por todas as dificuldades na preparação dos porcos, juntamente com seus filhos/as, até a aventura que era trazê-los de carro de boi à fábrica dos Bortoluzzi, inclusive negociando o preço do porco.

Somente quando juntei os depoimentos com o registro, pude visibilizar o cotidiano, não como algo estático, mas como algo contínuo que se compõe e se refaz.¹³⁶ E não sem a participação das mulheres!

no sentido de perceber aonde elas se localizavam. Muitas delas eram de Nova Veneza, mas também algumas do Jordão, de Siderópolis, do Rio Maina, de Mãe Luzia.

¹³⁶ Cf. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. op.cit, p. 146.

Pelo seu “nome”, encontro uma possibilidade de historicizar o trabalho feminino, cujos indícios não foram encontrados em nenhuma outra parte. Percebo agora um outro universo, composto por homens e mulheres, um universo-mesclado, sem a supremacia de apenas um sexo. No cotidiano esta fluidez de papéis se torna mais nítida. Não como algo oposto, bipolarizado, antagônico, mas como um espaço privilegiado para que homens e mulheres se construam juntos, partilhando das mesmas atividades, que aqui traduz-se na venda dos porcos. Rompe de certa forma com a linha divisória que separa mulheres do espaço público. Se estas mulheres estavam ausentes dos negócios do marido quando ele era vivo, como elas aprenderam tão rápido? Posso inferir que as mulheres estavam a par dos negócios. O que talvez acontecesse é que todo o seu trabalho, inclusive em torno das decisões, ficassem invisíveis. Por outro lado, se elas não tivessem nenhuma experiência quanto ao comércio, como venderiam seus produtos?

Faço a seguir a transcrição dos registros mostrando o produto final sendo entregue pelas viúvas:

V^a Henriqueta de Menech, 1925 - recebemos suínos em Belluno (hoje Siderópolis), não especifica a quantidade.¹³⁷

V^a Elisa Pelosato, 1926 - recebemos (não especifica); 1927 - recebemos (não especifica); 1928 - recebemos 246 quilos de suínos, 4 sacos de arroz, 176 quilos de suínos.¹³⁸

¹³⁷ Usarei sempre o livro K, nº 589, correspondente aos anos de 1925-1928. p. 21-641. A partir de 1928, sua conta estará no livro 15, na p. 176, o qual não tive acesso. Na p. 19, consta o nome da viúva Augusta Macarini.

¹³⁸ p. 116-626.

V^a Luigia Scussel, 1926 - recebemos 393 quilos de porcos, 117 quilos de toucinho (em agosto ela comprou um arado). 1927 - recebemos 4 sacas de arroz.¹³⁹

V^a Minotto e cia. Esta mulher muito provavelmente tinha um comércio. E devia ser da redondeza, muito provavelmente de Criciúma. Por isso vou detalhar suas compras:

1925 - **maio**: 80 quilos de sal; **junho** : (emprestamos 4 cubetes folhas de litoga).

1926 - **janeiro**: um par de perneiras; **julho**: duas latas de kerosene (sic); **agosto**: dois quilos de sal grosso; **setembro**: uma dúzia de chicaras; **outubro**: 2.000 espoletas fogo central; **dezembro**: (passagem caminhão filha).

1927 - **abril**: (forneceu trabalhadores), um galão de kerosene; **julho**: 5 latas de kerosene, (recebemos emprestado 8 quilos de sal, mas devolvemos); **setembro**: duas lata de kerosene;

1928 - **fevereiro**: 3 latas de kerosene; **abril**: 3 latas de kerosone, 3.50 metros de crepe da china; **maio**: 5 latas de kerosene; **junho**: meio quilo de asucar, recebemos 100 sacas de feijão; **setembro**: (recebemos 1k estanho, devolvemos).¹⁴⁰

V^a Carolina Duminelli. 1926- recebemos 350 quilos de suínos e 13 sacas de arroz.¹⁴¹

¹³⁹ p. 174-620.

¹⁴⁰ p. 318-653.

¹⁴¹ p. 649.

V^a Maria Coral, que não vendia nenhum produto, pelo menos não ficou registrado neste livro. Mas algo me chamou a atenção: o pagamento de suas dívidas era feito através do “transpasse de sua conta depósito”¹⁴²

V^a Margarida Spillare, 1927 - **maio**: Transpasse da c/c de seu falecido marido Antônio Spillare. (Com a morte do marido, a conta fica agora com o seu nome); **junho**: trouxe 270 quilos de suínos; **julho**: foi cobrado um imposto (não especifica qual); frete de 10 latas de banha, frete de 650k (não especifica), frete de 13 sacos de arroz, frete de 12 sacos de sal fino. Este frete era pago pelos Bortoluzzi. Mas os produtos não eram vendidos, pelo menos não consta no livro. Era como se pudéssemos imaginar que alguns colonos morassem longe, e não pudessem trazer seus produtos, então a viúva Margarida trazia-os. Esta foi uma das explicações que encontrei. Este negócio de frete podia ser uma propícia forma de ganhar dinheiro. Pelo que pude deduzir, a viúva Margarida, em 1927, vai trabalhar junto com João Fregulia, pois a conta agora tem o nome dos dois (o nome dele vem antes).

1927 - **agosto**: recebemos 2 sacos de feijão; **setembro**: frete de 797 k (não especifica), frete 14 sacas de arroz; **dezembro**: frete de 9 latas de banha, frete de 744 k (deve ser de porcos).

1928 - **junho**: frete 560 k, frete 10 sacas de arroz, frete 507 k, (maior importância frete Turvo). Recebemos Margarida, 9 sacas de arroz. Em **junho** de 1928 a sociedade (se posso chamar assim) se desfaz, pois o saldo positivo, referente ao frete, é dividido entre os dois. Assim, novamente dona Margarida

¹⁴² p. 322-337 e 346.

recebe o seu nome na conta. E, entre junho e julho, a viúva Margarida não fez frete, mas vendeu arroz e porcos :

1928 - **junho**: recebemos 9 sacas de arroz; **julho**: 476 quilos de suínos, 11 quilos de toucinho e oito sacas de arroz.¹⁴³

Estas foram algumas viúvas italianas que encontrei no livro de registro¹⁴⁴. Mas percebi que algumas mulheres que não recebem o “viúva” na frente, também fazem o comércio, entre elas:

Itália Scussel, 1926 - **junho**: recebemos 349 quilos de porcos;

1927 - **fevereiro**: pagou em Belluno;

1928 - recebemos 19 sacas de arroz.¹⁴⁵

Elisabetta Remor, 1925 - **maio**: recebemos 137 quilos de porcos.¹⁴⁶

Catharina Búrigo, 1928 - **março**: recebemos (não diz o que); **maio** : imposto terras Dario;

1929 - **janeiro**: Um bahú ao filho Dario.¹⁴⁷

Eva Romagna, 1926 - **agosto**: frete 100 quilos, frete 798 quilos, frete três jacás 285 quilos, frete 11 quilos de sal, frete 9 latas de banha; **outubro**: frete de volta, frete 890 quilos, recebemos 285 quilos de porcos, 32 quilos de banha; 1927 - **fevereiro**: compra de alianças; **maio**: frete 11 sacas de arroz, 2 sacas de arroz, frete 640 quilos; **setembro**: frete 850 quilos, frete 15 sacas de feijão, 15

¹⁴³ p. 742, 798, 832, 939. A partir de agosto vai para a folha 141 do livro L, nº 15, do qual não tive acesso.

¹⁴⁴ No livro também podem ser encontrado nomes de viúvas serranas que comercializavam queijo.

¹⁴⁵ p. 316, a partir de julho vai para a folha 241, do livro L, nº 15.

¹⁴⁶ p. 157-788.

¹⁴⁷ p. 410.

sacas de arroz, 14 sacas de arroz; **outubro**: frete 10 sacas de arroz, 2 jacás 838 quilos, 172 quilos, 13 sacas de arroz, frete de Criciúma 697 quilos;

1928 - **maio**: recebemos 16 quilos de cera. Junho frete 663 quilos, frete de 700 quilos.¹⁴⁸

Angela Bonfanti, 1926 - **janeiro**: recebemos 17 sacas de arroz;

1928 - **junho**: recebemos 10 sacas de arroz, um quilo de feijão, (transferência João Bonfante); **agosto**: recebemos 5 sacas de milho; **setembro**: recebemos 2 sacas de arroz; 1929 - **setembro**: recebemos 21 sacas de arroz.¹⁴⁹

Joana Búrigo, 1926 - **julho**: recebemos 320 quilos de porcos.

1927 - **agosto**: recebemos 9 sacas de arroz.¹⁵⁰

Maria Cúnico, 1925 - recebemos 230 quilos de porcos. Em 1929 está escrito, transferência para conta do pai.¹⁵¹

Augusta Milanesi, 1926 - **maio**: frete 988 quilos, frete 781 quilos, frete 800 quilos; **Junho**: frete 817 quilos.

1927 - **fevereiro**: recebemos 8 sacas de feijão; **Julho**: recebemos da cooperativa agrícola 5 sacas de feijão.¹⁵²

Estas mulheres (viúvas ou não) podem até parecer poucas diante das mil páginas que o livro possui. Porém sua existência, contrariando a “voz e o uso do costume”, demonstra, pelo exercício de papéis concretos, a possibilidade de

¹⁴⁸ P. 481, 513. Depois de junho sua conta é transferida para a folha 172 do livro L n° 15.

¹⁴⁹ p. 500. Após setembro de 1929 sua conta se transfere para a folha 148 do livro L n° 15.

¹⁵⁰ p. 379. Após maio de 1928 sua conta é transferida para a folha 168 do livro L n° 15.

¹⁵¹ p. 20-771.

¹⁵² p. 403. Após janeiro de 1929, sua conta é transferida para a folha 153 do livro L n° 15.

ganharem rostos, de se fazerem notadas. É no cotidiano que o trabalho feminino ganha visibilidade...

II



Lugares e Buscas

1

No primeiro sapato, as marcas de um ritual

Primera comunhão. Um rito de passagem que dá acesso ao mundo da adolescência. Pode ser vista também como um “degrau” na transformação/construção do menino/menina em homem/mulher. Trata-se de um ritual embebido por uma forma simbólica na qual a encenação está posta e que pese o fato de trazê-la engendrada por mecanismos que permitem neste momento uma teatralização da vida social.

A primeira comunhão será tomada aqui como uma amarra aglutinadora de nós de relações, uma espécie de baliza norteadora, no sentido de proporcionar visibilidade aos processos de construção de subjetividades femininas e masculinas para além do espaço íntimo familiar. Foi na primeira comunhão que percebi um marco divisório entre o antes/criança e o depois/adolescente. São comportamentos que se modificam, e que trazem em si o embricamento de vivências perpassadas pela construção de um significado que os une, ao mesmo tempo em que os tornam diferentes. Se imaginarmos, como supôs Joan Scott, que o gênero vai sendo construído em várias esferas, codificando padrões de comportamento femininos e masculinos, e mais que isso, que esta construção se

dá numa relação que não é binária, visto que mulheres se constroem também a partir do intercâmbio de suas próprias experiências, o mesmo acontecendo com os homens, torna-se imprescindível perceber as relações se sobrepondo, ou seja, homens e mulheres se construído mutuamente. Portanto, nada mais justo que percorrermos os caminhos que nos ajudam a identificar este processo. É o que buscamos ao historicizarmos o momento da primeira comunhão. São fragmentos que possibilitam perceber como a experiência deste dia vai ficar marcada em suas memórias, carregadas de significado ou, ainda, revisitadas/refeitas através da interlocução presente.

Por este ritual, os meninos e meninas vão participar da missa ativamente, ou seja, não serão meros espectadores, visto que tomarão a eucaristia pela primeira vez. Tomando para si os olhares, afinal são novos rebentos que passam a integrar o grande rebanho da igreja católica, vão formando um coletivo, mas separados: meninos de um lado, junto com seus pais, meninas de outro, junto com suas mães. A divisão só acentua o novo lugar a ser ocupado por eles e elas, podem até chegar na igreja juntos, mas, ao adentrá-la, a divisão é certa. Os “lugares” já existiam para seus pais e irmãos mais velhos, só foram internalizados por eles e elas, quando participam deste ritual. O exemplo parte do externo para o interno, e logo vai ser socializado, isto é, quando vão para a primeira comunhão sabem que têm que ficar separados, porque é regra da igreja, porque já acontecia com seus pais e avós. É uma tradição que precisa ser continuada, ou ainda é preciso que segundo a igreja católica, a diferença entre os sexos permaneça, refletindo inevitavelmente na vida destes agora homens e mulheres.

A primeira comunhão pode também ser comparada ao prelúdio do casamento. Quanto ao seu significado, Anne Martin-Fugier¹⁵³ nos mostra através dos escritos de Elisabeth Arrighi uma menina que aos doze anos de idade fez sua primeira comunhão na igreja de Saint-Germain-des-Près, aos 15 de maio de 1879. Elisabeth Arrighi deixou registrado em seu diário, todo vislumbamento, toda a expectativa da espera do dia da primeira comunhão, perpassado por todo o ambiente criado para este ritual, uma espécie de marca para que ele fosse enfim “o mais belo dia de sua vida”.

... Já alguns dias antes do começo de 1879, ela escreve: “ano de minha primeira comunhão”. Ela comenta regularmente o catecismo, onde obtém excelentes resultados: conquista o “grande sinete” e os cumprimentos dos sacerdotes. Em 8 de maio, uma quinta-feira, ela recebe alguns presentes: um missal branco, uma caixinha de marfim, um crucifixo, livros de orações. No sábado, dia dez, Elisabeth confia a seu diário o desejo de que seu pai comungue com ela no dia da sua primeira comunhão. Passa o dia 11, 12 e 13 de maio em retiro. O pregador fala da morte, do céu e do inferno. Em 14 de maio, faz-se uma confissão geral. Elisabeth se sente cheia de escrúpulos: censura-se por ter implicado com sua irmã mais nova e pede perdão a Deus. No domingo, 18 de maio, ela relata detalhadamente a cerimônia da quinta-feira. Cânticos, órgãos, a multidão, a procissão das jovens de branco se somam à intensidade da oração e criam uma exaltação: “Oh! Vou me lembrar por toda a minha vida a emoção que senti naquele momento.”¹⁵⁴

Os registros de Elisabeth demonstram o quão significativo era para os filhos/as da burguesia, a primeira comunhão, a qual está diretamente ligada ao fato de receberem presentes, realçando também os valores prescritos pela igreja como a preocupação em não fazer o mal, bem como a certeza de que Deus será piedoso e, certamente, concederá seu perdão.

¹⁵³ FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In : PERROT, Michelle (org) . *História da vida privada* V. 4 . São Paulo : Cia das Letras, 1992. p. 194-261.

Transportando para Nova Veneza, percebo que a primeira comunhão acontecia nesta comunidade também como um ritual ligado à instituição católica, podendo ocorrer entre 12 e 13 anos de idade. E isto não era uma peculiaridade de Nova Veneza, pois a maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil trouxeram consigo um apego muito grande à religiosidade. Este valor, esta crença, é permanentemente passada às futuras gerações como um bem, como algo solidificado, sendo reforçado cotidianamente. Pode-se dizer que pelo sacramento da eucaristia, no ritual da primeira comunhão, o primeiro passo na distinção dos gêneros era consolidado. Assim provavelmente pensassem seus pais. Este ritual permitia que seus filhos e filhas fossem apresentados à comunidade religiosa, sendo motivo de orgulho. Afinal, seus filhos estavam, enfim, sendo, para além do espaço íntimo da casa, bons cristãos. Não haviam sido à toa as noites que passavam após uma longa jornada de trabalho, em volta da mesa fazendo orações, rezando o terço, e depois repetir as orações juntamente com suas mães, ao deitar.

A partir de então, tornavam obrigatórias as missas aos domingos, isto em pleno centro da cidade, o que é a mesma coisa que dizer quilômetros de distância, por caminhos tortuosos, picadas, lama em dia de chuva. Levantar muito cedo, de madrugada. Era também a descoberta da cidade, da igreja e da possibilidade de saírem de casa, encontrar com os amigos, ver gente, se divertirem. Estavam já com 15, 16 anos. Era uma vida nova, pois durante a infância não saíam de casa, só ouviam falar do centro da cidade, quando seus pais iam fazer as compras, vender os porcos, os produtos agrícolas, ou quando os irmãos mais

¹⁵⁴ Idem. p. 251.

velhos iam à missa aos domingos. Sempre ficava alguém em casa com os menores para que os pais pudessem se ausentar. Portanto, mais do que poderiam supor seus pais, este ritual assumia um significado pontual, na vida destes meninos e meninas, pois significava uma conquista que quase os igualava aos adultos. Tratava-se do direito de possuírem roupas melhores, as tais “roupas de domingo”¹⁵⁵, de usar sapato, que até então eles e elas não possuíam. *O nosso sapato era uma tamanca, feita de madeira, com o couro por cima, que nós ganharmos quando fizemos a primeira comunhão.*¹⁵⁶ *O primeiro sapato que usei na minha vida foi o do dia da minha primeira comunhão, o sapato era daquela tal de canoinha que nós calçava (risos).*¹⁵⁷ *Fiz a catequese, depois fiz a primeira comunhão com uns doze anos, e não sabia caminhar de sapato, porque nunca tinha botado um sapato e eu fui na primeira comunhão com o sapato da minha irmã Gentile, porque nunca tinha botado um sapato, só imagina.(risos)*¹⁵⁸ Com estas roupas e sapatos ficavam à altura dos meninos e meninas da cidade, que, por não serem filhos de agricultores e sim filhos de comerciantes, principalmente a família Bortoluzzi, sempre andavam arrumados. As meninas que moravam no interior da colônia usavam o sapato e os vestidos de domingo somente para irem à missa, sendo que a maior parte do percurso que as levariam ao centro era percorrido descalças, com o sapato na mão e os vestidos erguidos para não sujarem, ou para não grudar pega-pega do mato, já que passavam por picadas. No entanto, no centro eram de uso diário e nos domingos, mais re-

¹⁵⁵ Michelle Perrot, fala que “os italianos mais pobres da Bacia da Lorena têm o cuidado de “ficarem bonitos” aos domingos. Podemos até supor que na região Vêneta de onde vieram os imigrantes de Nova Veneza, isto também acontecia, sendo portanto uma permanência cultural. p.191.

¹⁵⁶ SCARSI, Josephina V., op. cit.

¹⁵⁷ DUMINELLI, José, op. cit.

¹⁵⁸ MONDARDO, Francisco, op. cit.

quintados ainda. O mesmo acontecia com os meninos quanto ao uso do paletó, da gravata e do chapéu de feltro, vestimentas só para ocasiões especiais, e não de uso rotineiro. Isto, aliás, era um luxo, *só os Bortoluzzi que mais usavam*.¹⁵⁹ Ao se compararem com os moços e moças do centro, constatavam estes sempre possuíam as melhores roupas, estavam mais “prontos”. Pelo menos em seu imaginário estas diferenças de classes desapareceriam no momento em que, ao usarem as roupas de domingo, proporcionada pela primeira comunhão, sentiam-se iguais. É bom frisar que Nova Veneza era uma comunidade rural, onde não havia luxo, e muitas vezes, os pais não tinham na ocasião da primeira comunhão, recursos para a compra de roupas ou de sapatos. Apelvavam então para os vizinhos, que se solidarizavam e sempre ajudavam no que fosse possível: *Quando fiz a primeira comunhão, tinha a comadre da mãe que não tinha sapato pro filho, e o meu pai tinha trazido um sapato de Laguna. Então a mãe deu o sapato pro filho dela, e em troca ela deu um sapato pra mim. Era difícil sapato, naquele tempo lá era só tamancão que o Bepi Gava fazia, uma cepa com um pedaço de couro na frente*.¹⁶⁰ *Olha nos fomos fazer a primeira comunhão de sapato emprestado, meia emprestada, e roupa, tudo emprestada dos vizinho. Porque imagina, era em sete pra fazer a primeira comunhão aqui em casa. O pai não tinha dinheiro na época pra comprar pra nós. Agora, depois que nós fizemos a primeira comunhão nós dizia, não temo sapato nem chinelo, o pai e a mãe tem que dá um jeito. Ai, o pai foi lá nos Bortoluzzi, e trouxe. Ele tirava a medida com um barbante, conforme o pezinho que tinha, e foi e comprou, trouxe um par de chinelo cada um, depois mais adiante ele comprou um sapato pra*

¹⁵⁹ DUMINELLI, José, op.cit.

*nós, depois então comprava pros mais novos. Não é que nem agora que tem cinquenta par de sapato pra cada um. Era com muito sacrifício que nós tinha um sapato.*¹⁶¹

Dentro da teia do simbólico, tendo como símbolo o sapato e as roupas que vestiam, eram amalgamados valores prescritos por esta geração, que podemos classificar de classe popular, ou não pertencentes à camada privilegiada concentradora do capital¹⁶², os comerciantes do centro da cidade. Estes valores simbolizavam então um pensamento desta classe menos abastada, concretizado a partir deste ritual.

Em suas lembranças há um lugar especial para a catequese, que era dada ou por uma irmã mais velha, ou por algum conhecido que se interessava pelos assuntos da catequese. Depois iam na igreja, onde o padre fazia algumas perguntas e pedia para dizer algumas orações em italiano. *Che cia creato? Che mia creato é il Dio. Che é Dio? Dio é lessero, perfetissime creatore e segnore del cielo e della terra. Quem é Deus como que diz agora! E depois nós rezava Pa-ter nosso, siano em cielo, santo ificieto nome tuo, ti vegno aregne tu, sia fato lá voluntá tua come in cielo cosi in terra , datre oggi nostre pane cotidiano, re-mete noi, nostre debite finche me noi nostre debite, nunche tentazione librano male, amém. O pai nosso. Eu me lembro também agora Ave-Maria piena di*

¹⁶⁰ MONDARDO, Isola Amboni. 83 anos. São Bento Alto/Nova Veneza, 12/02/94.

¹⁶¹ MONSANI, Irma Amboni, op. cit.

¹⁶² É o caso específico dos irmãos Bortoluzzi, que a exemplo de outras regiões do estado, foi uma família que através do acúmulo de capital, trabalhou em vários ramos, sendo pelo poder que exerce um modelo de progresso. Neste sentido os Bortoluzzi, ao para venderem terras, ao emprestarem dinheiro entre outras atividades se destaca dos demais, uma vez que para os colonos restava sobreviver. Por isso ela se preocupava com a educação de seus filhos, e com a aparência.

*grazie, signore convosco benedicto entre as mulheres.*¹⁶³ No sábado faziam a confissão, e no domingo iam, em jejum para as celebrações da eucaristia. Na maioria das vezes não tinham nem um almoço mais caprichado, e visto que moravam longe, só iriam comer à tarde, quando chegassem em casa. Ou, quando muito, como nos coloca seu José Duminelli: *No dia da minha primeira comunhão, nós fomos ali no hotel da Dona Armida Búrigo, que ficava lá no centro da cidade, era um hotel que ela tinha. Então nós comemo um bolinho de carne, com molho, pão e um copo de vinho. Foi a maior festa que teve na minha vida, com aquela canoinha no pé(risos) . Nunca tinha comido tão bem.*

Como pude perceber, as lembranças da primeira comunhão vêm à tona envoltas de um sentido simbólico, construído ao longo dos anos. Agora, na velhice, experimentam a primeira comunhão de uma nova forma, mais do que um ritual religioso ou o cumprimento de uma etapa da vida cristã: a primeira comunhão se assemelha ao “mais belo dia de suas vidas”, afinal era o dia em que ganhariam sapatos, roupas novas. Conquistariam o direito de freqüentar a missa aos domingos, comungar e confessar. Não eram mais vistos por seus pais como crianças. Novas experiências iriam acontecer desde então...

¹⁶³MONDARDO, Selma Amboni. 76 anos. São Bento Alto/Nova Veneza, 11/09/93.

2

Participando da festa, buscando o encontro

A primeira comunhão, como rito de passagem, marcava a entrada dos/das jovens em novos espaços de sociabilidade. Que espaços eram esses? A rua, os bailes? Havia uma data especial? O que significava para estes meninos e meninas? Eis, o que precisei investigar. Neste sentido, fui percebendo, por um lado, os figurantes sociais distribuídos por espaços que não são só físicos, como também sociais e, por outro, as relações de gênero sendo construídas a partir de suas próprias experiências.

A partir da primeira comunhão os/as jovens passavam a freqüentar regularmente as missas aos domingos. E, como bons cristãos, também não perdiam as festas do padroeiro da cidade, as festas de São Marcos. *Se soubesse, em Veneza nós ia o dia da festa de São Marcos, dia 25 de abril. Nós ia com aquela lamparina de querezone, porque era escuro, e nós saia daqui as vezes meia noite. Depois chegava lá no centro, que tinha um rio pra passar, dai nós escondia a lamparina, e na volta levava pra casa.*¹⁶⁴

¹⁶⁴LAVEZZO, José, op.cit.

No tempo pesquisado, a festa era comemorada no dia do padroeiro, e muitas vezes caía no meio da semana. *Nós vinha aqui no centro da Veneza, a maioria das vezes era nas festas de São Marcos, podia cair qualquer dia da semana“ os colono”*¹⁶⁵ *guardavam feriado, era o santo que eles guardavam. Ninguém trabalhava e se era época de cortar o arroz, que às vezes a gente plantava, se caísse naquela temporada pra gente cortar o arroz, aí a gente trabalhava até dia de domingo. Mas tinha que terminar antes da festa de São Marcos.*¹⁶⁶ A festa era portanto um motivo para reunirem-se os fiéis de toda a paróquia. Era um espaço de encontro, de amizade, de muita alegria. E, mais que isso, a festa (e sua missa) poderia tornar-se um pretexto para “paquerarem”, como nos coloca dona Alzira: *eu ia à festa de São Marcos, junto com as minhas amiga, chegava lá, a missa já tinha terminado. Porque morava longe. Ficava lá paquerar um pouco.*¹⁶⁷ Esta era uma prática muito comum entre os participantes da festa, ou seja, após o final da missa esperavam pela procissão, e, até a hora do baile, ficavam passeando pelo centro da cidade, entre a margem esquerda do rio, onde tinha uns bancos para descansarem e ficarem apreciando o movimento, vendo onde estavam os pretendentes, bem como em torno da ponte coberta que dividia a cidade ao meio, local preferido dos namorados. (ver foto)

Eram estes os espaços ocupados, espaços pequenos que reuniam todos os participantes. E tinham até a hora da dança para conseguirem informações sobre os pretendentes. Como esta comunidade era uma comunidade pequena, facilitava as amizades entre os moços e as moças. Era comum uma moça gostar do

¹⁶⁵ Nesta palavra o sentido de pertença é muito forte, como que define uma classe.

¹⁶⁶ SCUSSEL, Deolinda Coral, op. cit.

primo ou do irmão da amiga, e aproveitavam esta amizade para saber se a moça ou o moço estava interessado nela ou nele. Quer dizer, uma rede de informações era aberta através dos laços de amizade, o que facilitava o encontro dos pretendentes. Abria-se a possibilidade de conhecê-los, vê-los, olhá-los, para então, na dança, se aproximarem.

Se não ficavam apreciando a festa, tinham a companhia de seus pares até o portão de casa. (risos) *Domingo, ia à missa, depois, na volta, ia acompanhado do namorado até em casa.*¹⁶⁸ A partir das festas, vista enquanto um espaço sagrado, criava-se um espaço profano: as domingueiras. Um espaço onde iam dançar nas tardes de festa. Era nestes dias de festas de Santos que se podiam ir às domingueiras, dançar ao som de um gaiteiro. Vejam que este baile à tarde era chamado de domingueira, porque, mesmo não havendo a festa, existia aos domingos um baile à tarde, só que nem todos participavam. Mas, nas festas do padroeiro, era comum a presença de pessoas de todas as localidades. Vou percebendo a domingueira, sob a perspectiva das relações de gênero, como uma possibilidade de trabalhar as múltiplas subjetividades experimentadas a partir do encontro com o outro.

Michelle Perrot observou que, na França do século XIX, os bailes eram o “ponto alto da sociabilidade - popular, burguesa, aristocrática.”¹⁶⁹ Podiam ser públicos, privados, improvisados, permanentes, temporários, etc. O baile assu-

¹⁶⁷ MARGOTTI Alzira Formigoni, op. cit.

¹⁶⁸ CORAL, Armida Scandolaro, op. cit.

¹⁶⁹ PERROT, Michelle. A dona-de-casa no espaço parisiense no século XIX. In : *Os excluídos da história- mulheres, operários e prisioneiros*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p.220

mia, na Paris do século XIX, múltiplas funções, como reagrupamento de comunidades étnicas, profissionais ou de bairro. Na realidade, constituía-se num:

Local de encontro entre os sexos separados pela cidade, o baile é um lugar de busca e desejo, carregado de desafio, de paixão que muitas vezes geram rixas e explosões de brutalidade. Nos bairros populares, as saídas de baile são momentos de temida violência.¹⁷⁰

Assim começava o grande dia. Saíam de casa às quatro horas da manhã para se confessarem, assistiam à missa, comungavam. Passeavam cidade, comiam algo para enganar a fome, geralmente os homens, pois os pais só davam dinheiro para os homens, porque era uma vergonha, como nos coloca dona Júlia, se os homens não tivessem dinheiro para pagar a entrada nas domingueiras. Por este gesto os filhos já internalizavam um modelo de homem, aquele que tem dinheiro, que vai prover a família. Como as mulheres não pagavam, não recebiam dinheiro. Aqueles trocadinhos que por ventura recebiam eram economizados. *As vezes o pai dava alguns trocadinhos, miudinho, mas nós se guardava para comprar o ruge pra bota no rosto. E o dinheirinho que nós ganhava, se guardava pra comprar aquela caixinha de ruge, pra passa no dia de festa. Vê que pecado? (risos) Aquele tempo lá, dizia esses troquinho aqui não vamo gastar, vamos guardar não era gastado um tostão!*¹⁷¹

Por esta fala, podemos deduzir que o preparo para a festa se dava muito antes, principalmente para as mulheres. Pois irem às festas significava ficarem bonitas, viçosas. Exigia então um vestido melhor, que poderia ser feito por uma costureira, uma tia ou irmã mais velha. Era, portanto, um momento de distinção.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 222.

Afinal, um namoro poderia começar aí. No seu dia - a - dia, no trabalho da roça, suas roupas eram feitas do mesmo tecido que as roupas dos homens: era o riscado que a mãe comprava uma vez por ano, uma única peça e com a qual toda a família se vestia. Escolhiam este tecido por ser barato e muito resistente. As roupas não eram no uso diário, um fator de diferença entre o homem e a mulher. Claro que as mulheres usavam vestido, até o joelho, e os homens, calça e camisa, mas com o mesmo tecido. Não havia durante a vida diária, uma preocupação em dizer que o tecido era diferente, porque eram mulheres ou homens. Não isto não era uma realidade: *A mãe sempre costurava à mão, oh! pensa que fazia vestido? Fazia um buraco aqui (gestos), reto, amarrava um cinto.*¹⁷² No entanto, quando saíam de casa para irem às festas, sentiam a necessidade de se arrumar, visto que se mostrariam para um público seletivo, ou seja, seus pretendentes. Assim, faziam parte de um jogo de sedução, sendo ao mesmo tempo objeto de desejo e sujeito desejante. Aliás, a festa era aguardada com muito entusiasmo pelas mulheres, pois era a existência da festa do padroeiro que possibilitava ganhar um vestido novo. Todo o ano, no mês de abril, quando acontecia a festa de São Marcos, exibiam os vestidos, que geralmente eram feitos de algodão, estampados com bolinhas. Durante as décadas analisadas, inclusive adentrando a década de sessenta, a festa de São Marcos punha-se como o referencial para ganharem roupas novas. Depois já teriam vestido para ir às missas, e algumas Domingueiras, durante o ano todo!

¹⁷¹ LAVEZZO, Júlia Buzanello, op.cit.

¹⁷² MONDARDO, Selma Amboni, op. cit.

Seu José Lavezzo fala como eram estas domingueiras: *Tinha os tocadores, que tocavam gaita. Nós ia tirar as moças para dançar, se elas negava apanhava!* (risos) *Tinha muitas vezes que as moças não queriam dançar com aquele rapaz, então se dava a encrenca, começava ali as brigas! Porque as moças às vezes dançavam uma vez, mas duas não queriam, porque ela não queria ele né? Então começava as brigas. Mas tinha a “marca da dama”. Então de tempo em tempo botava a marca da dama, então ai os rapazes não iam tirar as moças; as moças que tiravam os rapazes. Aquela marca que ia tocar, aquela era das moças. Então elas escolhiam quem que queria tirar, era feito o gosto dela*¹⁷³ Percebam que nesses momentos as mulheres podiam escolher seus pares, e, mesmo que a regra fosse dançar com todos, pois, se não o fizessem, a “encrenca” estava armada; elas subvertiam, diziam não! Quer dizer, o conflito se fazia presente. Mas, pela “marca da dama”, sua vontade seria respeitada. Seu Luiz Ostetto nos coloca em conversa informal que esta marca ou esta dança da dama acontecia devido ao fato de que alguns pretendentes preteridos por algumas damas se encontravam no bar bebendo vinho ou cerveja, e que por ficarem com vontade de dançar com eles, estas damas iam conversar com os gaiteiros dos quais podemos citar seu Pierim Frigo e o seu Abel Zanelatto. Era feita então sua vontade e, com a “desculpa” da “marca da dama”, elas iam buscá-los. Era um jogo de interesses mútuos, os desejos de homens e mulheres eram parecidos: conseguir, além de um par para dançar um/a pretense/a namorado/a. Tinham então que jogar estes jogos de sedução, que de forma dissimulada os iam envolvendo. Porque, segundo eles e elas era tudo com “muito respei-

¹⁷³LAVEZZO, José, op. cit.

to”. Quando referem-se ao respeito muito provavelmente estão ressaltando a ética de respeito e as normas de conduta sexual, onde tudo era muito insinuado, nada escancarado. Os homens tinham que esperar o sim das mulheres, e em contrapartida, o mesmo ocorria com elas.

Esta era uma festa que reunia toda a comunidade e era, dentro da sua temporalidade, uma possibilidade de começar a namorar. Como esta cultura estava em constante transformação, outras festas regionalizadas, de cunho familiar, começaram a pulular pelo interior, por estas comunidades locais, como São Bento Alto, Cedro, Rio Morto, Vila Maria, entre outros. Eram elas os filós e as festas de aniversário. *Quando tinha um aniversário, algumas famílias faziam uma festa grande, convidavam as moças. À meia noite faziam um baile, depois café pra todo mundo. Dançava até o sol raiar. A nossa música era de gaita e pandeiro. Mesmo que o aniversário fosse de uma moça, eram convidados rapazes e moças. Naquela época, nos aniversários só iam rapazes e moças solteiras. Porque era assim, tinha uma marca de dança, onde as moças iam tirar os rapazes para dançar, era três marcas que nós podia escolher um par pra dançar. Quando eles, os músicos colocavam um lenço pendurado, então, a gente sabia que tinha que tirar pra dançar. E, no resto da noite era os homens que vinham nos tirar pra dançar. E, não podia dizer não. Tinha que dançar com quem fosse, sabendo ou não dançar, porque se nós não dançasse era uma desfeita muito grande! Mas como era divertido! (risos)*¹⁷⁴

¹⁷⁴ SCUSSEL, Deolinda Coral, op. cit.

Nas festas de aniversário, abria-se outro espaço para que os “moços” e as “moças” desta comunidade rural pudessem se encontrar. Eram festas de cunho familiar, significa dizer que as famílias se conheciam, mantinham laços de amizade, a ponto de deixarem seus/as filhos/as compartilharem de um ambiente privado, ou seja, juntar-se a outra família no seio de seu lar. Era muito difícil os pais deixarem seus filhos saírem de casa, principalmente as filhas, que eram vigiadas mais de perto pelas mães, visto que a possibilidade de engravidarem era motivo de muita preocupação. Como já nos colocou dona Júlia.¹⁷⁵

As festas são lembradas com muito prazer, por isso as minúcias os detalhes ficaram tão presentes na memória e, portanto, tão significativos na vida destas mulheres e homens. Estas festas regionalizadas, ocorriam nas comunidades interioranas e constituíam-se numa possibilidade de as moças saírem de suas casas. Iam com os irmãos ou com as amigas. Como me disseram, sempre que saíam de casa, saíam numa “turma”, o que facilitava a volta, já que os caminhos por onde passavam, eram picadas no meio do “mato”. Serem convidadas para uma festa era sempre um motivo para se alegrarem, para aguardarem este grande dia com muita expectativa. Isto porque, provavelmente, encontrariam seus pares. Notem que só era permitido nestas festas a presença de moços e moças solteiras, o que de certa forma traduz seu objetivo: uma estratégia para que novos namoros pudessem acontecer. Estavam em um ambiente íntimo, familiar e, portanto, permitido pelas regras que esta cultura vai construindo para si.

¹⁷⁵ LAVEZZO, Júlia Buzanello, op. cit.

É criado, então, uma espécie de signo em torno das festas, compartilhado por todos os participantes, inclusive por seus pais. Quando havia uma festa de aniversário, já sabiam que esta se constituiria em um espaço de encontro entre homens e mulheres, todos aptos a entrarem no mundo adulto. Era, portanto, a festa, o local escolhido para que exercessem a troca de experiências. Através das conversas, da dança, das gargalhadas. Havia também o momento das “marcas de damas”, aliás uma réplica das domingueiras. Podiam convidar os pares que lhe atraíssem. Estas festas não tinham um cunho meramente masculino, onde as mulheres ficavam submetidas à vontade dos homens. Por estas marcas, abria-se uma possibilidade para que seus desejos fossem colocados em prática, dando a estas mulheres uma certa autonomia, quer dizer, quando o lenço era pendurado, por certo elas pensavam: “agora eu escolho quem eu quero”. Assim, provavelmente, acontecia uma disputa porque procuravam aqueles que melhor soubessem dançar, ou aqueles com quem durante a festa, estivessem “flertando”, com olhares tímidos, ténues. E, ao tirar os rapazes para dançar, poderiam ser confirmadas suas suspeitas, ou no mínimo poderiam divertir-se enquanto bailavam ao som da gaita e do pandeiro. Além do mais, ao longo da festa podiam dançar com todos, visto que “era uma desfeita muito grande negar uma dança”. Estava posta a socialização de conhecimentos quanto à dança: dançava-se com quem soubesse, e ensinava-se a dançar quem não soubesse. Na verdade estas festas podem ser vistas como um grande ensaio para as festas maiores, que englobavam toda a comunidade, onde o dançar era um requisito básico que era treinado nestas festas de cunho familiar. Assim, quando se expusessem ao pú-

blico, teriam maior variedade de pares, poderiam escolher quem melhor lhe conviesse.

Havia também reuniões entre os vizinhos. Estas reuniões eram chamadas de “filó”, e tinham no mínimo duas funções: a primeira eram para os pais (algumas vezes as mães também participavam) colherem informações sobre o que se passava na cidade, como não tinham rádio, era uma forma de socializarem as informações. Falavam sobre a lavoura, contavam piadas, tomavam vinho. Era, enfim, um espaço de sociabilidade entre a vizinhança. Este filó era feito à tarde, aos sábados ou durante a semana à noite, e a sua regularidade estava diretamente ligada à necessidade de informações. A segunda função era reunir os jovens, homens e mulheres. As mulheres ficavam uma parte do tempo na cozinha, falando dos bordados, dos vestidos, dos namorados, e na sala ficavam os homens, conversando, tomando café ou um copo de vinho. Estes filós aconteciam de semana em semana ou de quinze em quinze dias. Dependia da quantidade de trabalho na roça, pois se estivessem muito cansados não tinham disposição para saírem de casa. O filó era uma oportunidade de “chiacherare”, de falarem sobre o que tinha acontecido na domingueira, na última missa, sobre seus encontros. Poderia ser momento de rever seus pares, de acontecerem flertes, ou mesmo uma oportunidade para começar um namoro.

Pelo que pude perceber, as festas de aniversário e o filó se constituíam em uma possibilidade de sociabilizarem conhecimentos, informações, era um local privilegiado para a troca de experiências. O que, de certa forma, explicita os momentos lúdicos vivenciados em torno da família e da vizinhança, reforçando os laços de amizade. Já as festas religiosas se constituíam num espaço

privilegiado para vivenciarem suas experiências em relação aos encontros amorosos. Eram nestes momentos que afloravam os sentimentos em relação aos seus pares. Permitiam-se sonhar com o encontro e, mais que isso, nas dominieiras tinham a mulher/homem escolhida/do entre seus braços no momento da dança. Voltavam para casa com um sorriso entre os lábios e ansiosos para o próximo encontro. Ou, ao contrário, iam embora tristes por não terem encontrado ninguém do seu agrado. Mais um motivo para aguardarem o próximo encontro...

3

Do namoro romântico à escolha de seus pares

De repente, aconteciam os namoros! Primeiro até a porta da casa, depois os moços iam conhecer a família, a futura sogra. Era este um ritual, pois, quando entravam em casa, era “pra casar “, afirmam as mulheres com um sorriso entre seus lábios. O final da missa de domingo era aguardado com muito entusiasmo. Mais do que a cerimônia em si, o término da missa se constituía no momento mais importante: estariam, enfim, lado-a-lado com seus pares. Significava para muitos a confirmação de suas suspeitas, ou seja, podiam ter a certeza se estavam realmente namorando. Dona Armida diz que precisavam três missas para confirmar se realmente iriam namorar. Ela mesma passou por esta experiência: *Eu tinha ido dois domingos para casa com um moço, mas no terceiro domingo eu já fui com o Batista, que é o meu marido. O moço ficou tão triste. Mais, fazer o que, eu não tinha gostado dele, e ele sabia que naquele domingo, se eu não voltasse para casa com ele era porque eu não queria namorar com ele.*¹⁷⁶

¹⁷⁶CORAL, Armida Scandolaro, op. cit.

O término da missa se colocava como uma oportunidade¹⁷⁷ de encontrarem seus pares quando iam juntos até a porta de casa. Este ritual ia perdurar até o momento em que o namoro se tornava sério, quando então, os moços frequentavam a casa de suas namoradas. O namoro passava a ser oficial, precisando do consentimento dos pais da namorada. *No nosso tempo o namoro era sério, principalmente com o meu falecido sogro. No primeiro domingo que ficava junto ia até o portão, depois ia para dentro de casa, falar com ele se estava de acordo.*¹⁷⁸

Minhas interlocutoras não fizeram rodeios para dizer que não tinham namorado os primeiros moços que apareceram: *Tinha vários que queria namorar comigo, eu não quis nenhum, porque me parecia sem respeito.*¹⁷⁹

Pelo que pude constatar, ao falar de seu namoro as mulheres se colocaram como sujeitos capazes de decidir, de escolher, ou seja, imaginaram-se no centro de suas histórias. Porém, deve se ressaltar que nesta comunidade o namoro era pré-requisito para o casamento, era algo cultural, como que inevitável. A memória é seletiva e se revela em fragmentos, por isso lembram principalmente do namoro que antecedeu ao casamento. De forma alguma aparece aspectos trágicos, comoventes. O que ficou para ser lembrado foram os momentos da conquista, dos galanteios, sempre ressaltando que não se fazia nada, nem pegar na mão, muito menos beijar!

¹⁷⁷ Como vimos no item “Participando da festa, buscando o encontro”, as domingueiras, as festas de São Marcos e as festas de aniversário também constituíram-se em espaços de sociabilidade, nos quais o namoro podia acontecer.

¹⁷⁸ DUMINELLI, José, op. cit.

¹⁷⁹ MONDARDO, Isola Amboni, op. cit.

Quando nós estava aqui na praça o Augusto só olhava para mim, onde nós ia, ele ia. Mas eu nem ligava! Quando nós voltamos para casa o namorado da Lídia deu o cavalo dele para mim, porque os homens sempre vinham à missa de cavalo, e nós não. Eu montei no cavalo e fui, depois ele (o Augusto) veio e ficou do meu lado e começou a falar. Eu olhei para trás para ver se a minha irmã estava vindo. Ai ele disse assim: Se guardato in drio para ver se vem o teu moroso? Ho ditto che moroso non ancha un! Ai que bom, ho detto.¹⁸⁰ Ai eu desconfiei. Viemos junto até São Bento. Depois que eu tava namorando com o nono, o Augusto nós sempre vinha à festa de São Marcos, as missas. Porque tinha que vir nas missa para se encontrar.¹⁸¹

Posso inferir que os encontros amorosos, misturavam-se ao seu cotidiano, vivenciados com muita expectativa. Pelo que sua memórias revelam, e são memórias femininas e masculinas, o que mais interessava era compartilhar estes momentos agradáveis, com o intuito de que “se desse certo” casaram-se. As moças preocupavam-se, então, com os preparativos do enxoval...

¹⁸⁰ “Tu estás olhando para trás para ver se o teu namorado está vindo? Eu disse que não tinha namorado! Ai que bom ele disse.”(tradução livre)

¹⁸¹ MONDARDO, Selma Amboni, op. cit.

III



Novos Quadros, velhas práticas...

1

No enxoval, laços que se estreitam

Enxoval, uma palavrinha que, no rememorar de minhas interlocutoras, desvela a representação de um momento crucial de suas vidas: as vésperas de seu casamento. O que suponho ser perfeitamente compreensível, pois falam-me de suas perspectivas, as quais estão imbricadas no contexto histórico em que viveram, ou seja, uma sociedade rural onde o ápice para as adolescentes era, sem sombra de dúvida, as núpcias. Fazia parte de toda uma tradição herdada de suas mães e avós, como que um exemplo a ser seguido. Não como nos moldes do casamento burguês, onde existia todo um ritual de preparação, passando por um prazo de noivado que podia variar ente três semanas a alguns meses.¹⁸² Nesta comunidade, o noivado não era algo relevante. Falam-me em longos anos de namoro, mas não tocam, por exemplo, nas alianças como sinal de compromisso, nem tampouco em noivado. O valor simbólico, como que o signo criado para a percepção de tal compromisso revelava-se quando o na-

¹⁸² Cf: FUGIER, Anne Martin-. Os ritos da vida privada burguesa. In : PERROT, Michelle (org). **História da vida privada** v. 4. São Paulo : Cia das Letras, 1992. p. 239.

morado era aceito no seio da família, no momento em que o namoro “tornava-se sério”, frisando que “quando entrava em casa era pra casar”.

No exercício de suas memórias, compararam seu tempo com os dias de hoje, em que “não tinha esse negócio de ficar”, pois era para casar mesmo, era o real compromisso! Era então chegado o momento de pensar no enxoval, pois toda a moça de família respeitada, que fora vigiada pela mãe, que não envergonhara a família com uma gravidez fora do casamento, tinha que preocupar-se em fazê-lo, ou pelo menos com seus preparativos finais, visto que desde a infância já aprendiam com suas avós e mães a lidar com a costura, com o cerzimento. No cotidiano impunha-se a necessidade de auxiliar a mãe, não pensando necessariamente na formação da futura esposa. Não havia o conselho maternal no sentido de alertar que esta seria a realidade enfrentada após o casamento. No entanto esta relação mãe-filha constrói este perfil feminino, sendo os afazeres domésticos uma aprendizagem. As relações de cunho familiar, que têm na mãe o exemplo, são relevantes para a construção dos gêneros.

As lembranças de Dona Josephina Scarsi¹⁸³ servem para referendar que não havia a preocupação em formar uma boa dona-de-casa, principalmente no tocante aos trabalhos com a máquina de costura. Toda mulher casada tinha que aprender, para costurar as roupas de uso diário, as suas, as do marido e dos filhos. Com dona Josephina não foi assim. Seu sonho era ser costureira e sua mãe não aprovava. Segundo ela, seu lugar era na roça, junto com os irmãos, já que era a filha mais velha. Seu desejo, porém, foi mais incisivo e por iniciativa própria aprendeu a costurar. Ela nos relata: *A mãe tinha uma máquina pequenini-*

nha, à mão. Nós morava lá no Caravaggio e nós vinha trabalhar aqui, em Rio Cedro Médio, quinze dias ela, quinze dias eu, porque nós tinha porco para tratar, tinha uma rocinha (...). Eu pedia sempre pra ela que eu queria costurar, queria cortar uma camisa pra mim, e ela não queria, não quis deixar! Ela dizia que eu ia estragar a fazenda. Aí, uma vez, quando ela veio trabalhar aqui em Rio Cedro Médio, eu fiquei em casa, eu cortei a camisa em cima das outras, era camisa dos meus irmãos e a fazenda era de riscadão. Cortei de manga comprida, punho, gola, costurei tudo. Quando ela chegou em casa eu mostrei a camisa pra ela e ela não disse nada. Dali pra frente, ela me botou a fazer as costuras, e eu tinha que fazer até os próprios vestidos dela para andar em casa. Mas não costurei pra fora, porque tinha que aprender com uma costureira melhor e o pai também não deixava, tinha que ser na roça, né? Eu gostava, mas se ele não deixou, eu também não fui! O que eu podia eu fazia pra mim, né? (risos).

Para outras interlocutoras, as mães demonstravam certa aprovação quanto ao gosto pelo manejo das agulhas. Há que se dizer que tais trabalhos manuais eram feitos fora do horário de trabalho doméstico e da roça, aproveitando igualmente os dias chuvosos. *Em dia de chuva, nós bordava algumas roupinhas, aproveitava que chovia e que não dava pra ir pra roça, não dava pra fazer serviço nenhum, então quase todo mundo pegava as agulhas para bordar as fronhas, os lençóis, pra fazer o enxoval. Às vezes, nós quase que rezava para que chovesse, porque nós queria bordar aqueles panos de parede, tu sabe qual é? Aquele que era bordado pra botar nas paredes, se usava na sala pra ficar bonito e dentro do quarto. O tecido era de algodão bem grosso que nós botava*

¹⁸³ SCARSI, Josephina Vitalli, op. cit.

*quarar. Ficava bem branco, riscava aquele quadro, aqueles ramos de flores e bordava! Botava também aquele na cozinha para por os talheres, os garfos fincado dentro (gestos-risos). E o meu ainda está por aí. Mas vê como faz tempo!*¹⁸⁴

Havia moças que bordavam ao entardecer ou sob a luz da lamparina, criando uma intimidade cada vez maior com linhas e agulhas. *A iluminação nossa era com lamparina de querosene, mas fazia muita fumaça e nós não queria, porque o nosso cabelo ficava meio enfumaçado, olha que pouco chique! Ali nós inventava a banha. Nós botava um pavio de pano (gestos) dentro de uma latinha, botava o pano lá em baixo e não fazia fumaça. Nós fazia claridade e bordava até meia-noite.*¹⁸⁵

Dona Selma enfatiza a utilização do pronome “nós” para rememorar a descoberta de uma iluminação que, sendo eficaz, não prejudicava a visão, e não deixava vestígios de odor em seus cabelos, mesclando o “querer bordar” com seus caprichos de não “esfumaçar” o cabelo. É significativa a presença desse pronome, principalmente por colocar-se juntamente com suas irmãs no momento da rememoração, como sujeito atuante e ao mesmo tempo reforçando a presença de um coletivo.

Entre bordados e crochês, alinhavavam um futuro próximo e há muito esperado: o casamento. Enquanto teciam no escuro da sala, rentes àquela tênue faísca que chamuscava o ar, envoltas em uma fumaça que impregnava as paredes toscas de suas casas, sonhavam com o dia em que poderiam usar seus pe-

¹⁸⁴ LAVEZZO, Júlia Buzanello, op. cit.

¹⁸⁵ MONDARDO, Selma Amboni, op. cit.

quenos e amados trabalhos manuais. Encheriam os olhos de suas visitas, seriam o orgulho de suas mães e, quem sabe, dignas de elogios fervorosos de suas sogras. Era nesses momentos que se permitiam sonhar com o casamento, com nuances que, ao povoarem suas mentes, transportavam-nas para o mundo melhor, fantasioso e exclusivo, para uma casa melhor, “a sua casa”; mesmo que esse sonho permanecesse quietinho, ele expressava seus mais sinceros desejos.

A realidade nua e crua, porém, poderia até futuramente desagradá-las, pois muito tempo poderia transcorrer para a concretização do tão sonhado dia, como o que é retratado no romance “O Quatrilho” , com a personagem Teresa Besana:

... Ela dizia para a irmã que seria a primeira a casar, antes mesmo da Giovana e a Égide, mais velhas. E está aí o que tinha acontecido. A Giovana e a Égide estavam casadas há toda a vida, e com dois filhos cada uma. E não só isso. Também a Aurora e a Matilde, as mais novas, estavam casadas. A cada ano que ia passando, o seu baú de noiva mais se abarrotava com as peças de quarto, sala e cozinha, que ela branqueava, costurava e bordava. A cada colheita de trigo ou de uva que passava, sem que o casamento fosse acertado, sentia-se desapontada e envergonhada. Sabia muito bem o que as amigas e vizinhas cochichavam. Chegara, mesmo a contragosto, a tecer peças do seu enxoval para as irmãs mais novas que iam casando. Pelo menos fazia, assim, lugar para acomodar outros lençóis, fronhas e toalhas, que ia fazendo para renovar suas próprias esperanças.¹⁸⁶

Poderiam decepcionar-se, uma vez que aquilo que as esperava após o casamento talvez fosse bem distante do que almejavam nos sonhos. Porém, enquanto estavam construindo estes sonhos, podiam permitir-se que ele povoasse o seu imaginário!

¹⁸⁶ POZENATTO, José Clemente. *O Quatrilho*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1993 . p.14.

Há que se dizer, tal qual nos coloca Perrot, que o falar de enxoval faz trazer à tona “uma longa história entre mães e filhas”.¹⁸⁷ É lembrar, portanto, laços de amizade que começam a ser estreitados, quando mãe e filha compartilham de uma certa cumplicidade sobre um assunto íntimo e compartilhado somente pelo lado feminino. Os pais somente fazem parte do contexto quando levam suas filhas às compras, muitas vezes após a missa de domingo, pois era o costume, já que o comércio dos Bortoluzzi tinham suas portas abertas para eventuais compras dos colonos que não tivessem tempo durante a semana para deslocarem-se de suas casas, abandonando a lida na roça.¹⁸⁸

As compras para o enxoval eram feitas com muito sacrifício, peças de pano, linhas, agulhas para bordar. Mesmo os panos mais baratos e de qualidade inferior eram motivos de muito orgulho, pois a partir de então seriam pequenos vestígios que transformar-se-iam em suas histórias, memórias reconstruídas, onde, mais que o enxoval em si, importava a simbologia e a representação construída em torno dele.

Minhas interlocutoras, ao falarem do momento que envolve a confecção/elaboração do enxoval como que, desvelam um processo de devaneio e extrema sensibilidade, transformado-o num capítulo único de sua própria história, alicerçando a fantasia vindoura de seu casamento. Elas mostram, em suas falas, estas particularidades, revelando “o mundo mudo e permitido das coisas”, uma espécie de caracteres e segredos místicos, até aquele momento submerso em seu interior, onde o imaginário rouba a cena ...

¹⁸⁷ FINE, Agnes. Apud : PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In : **Revista Brasileira de História**. São Paulo : Marco Zero, v.9, nº 18, ag/set. 1989, p. 14.

Ao folhear o artigo de Anne Martin- Fugier deparei-me com informações acerca do enxoval de uma moça burguesa no século XIX, na França:

Durante o noivado, a moça termina de fazer seu enxoval, que inclui roupas pessoais e a roupa de cama, mesa e banho da casa. A noiva manda bordar a roupa de casa com as duas iniciais: antes a inicial do nome da família do marido e depois a sua. O enxoval, em princípio representa 5% do dote. Segundo Madame D'Alq, em 1881, o valor do enxoval, varia entre 2.000 francos, se for modesto, com três dúzias de cada artigo: lençóis, fronhas, toalhas, guardanapos, aventais, etc.; e 20.000 francos se for muito rico: aí são doze dúzias de cada artigo.¹⁸⁹

Estes indícios referendam a sociedade burguesa na qual as famílias abastadas vêm no enxoval uma pequena parcela do dote, e que garantiria sua permanência na alta sociedade. O que não iria acontecer com as famílias que não dispusessem de tal sorte: sem o dote, suas filhas poderiam permanecer solteiras.

Nas famílias de Nova Veneza, o enxoval era tido como uma obrigação da família da noiva, e poderia ser motivo de desagrado para a sogra, como nos coloca Catarina Feltrin Spillere, quando veio de Nova Belluno (atual Siderópolis/SC): *De enxoval, levei pouca coisa, que o Comó, eu ganhei do meu cunhado que ele trabalhava numa madeira lá em Rio Maina. Não levei bem dizer nada! Cinco lençóis e uma toalha de banho. Oh! dinheiro nem um tostão! A família do meu marido ficou triste que eu levei pouca roupa... principalmente a*

¹⁸⁸ CORAL, Armida Scandolara, op. cit.

¹⁸⁹ FUGIER, Anne-Marti, op.cit., p.241.

sogra.¹⁹⁰ Por menor que fosse o enxoval, as minhas interlocutoras relataram que nunca chegavam à casa da sogra de mãos abanando¹⁹¹.

Quanto aos presentes de casamento ou possíveis dotes, eram geralmente uma máquina de costura manual, um porco e uma vaquinha para começarem a “se virar” para garantir o seu sustento. Neste caso, importâncias em dinheiro nunca foram citadas. Já o futuro marido ganhava ou comprava um pequeno lote de terra perto da casa de seus pais, para garantir o seu sustento. Quanto às roupas íntimas, era um verdadeiro luxo, (quando muito compravam alguma camisola). Suas roupas íntimas, de tecido de algodão, de um tecido bem grosseiro chamado cubana ou até mesmo de saca de farinha que elas ou suas mães costumavam.

Acontecia o mesmo com o enxoval propriamente dito, tudo sendo muito simples, mas com um valor simbólico extremamente forte, já que o nome da família estava em jogo e tudo deveria estar de acordo com a normas instituídas culturalmente: *A mãe fazia questão de dar o enxoval, mesmo simples, porque Deus me livre uma moça sem enxoval, mas era mais pra gente se virar no começo, pra quando a gente tivesse a nossa casinha. Era um cobertor de lã de carneiro, lençóis, roupa para vestir, toalhas de louça, era mais essas coisas.*¹⁹² *O enxoval era a minha mãe que fazia, os lençóis, cobertas, travesseiros, mas no caso, o colchão era o homem que dava ! O travesseiro era feito de pena e marcela galega, o lençol era a mãe que costurava e depois bordava, comprava*

¹⁹⁰ SPILLERi Catarina Feltrin. 95 anos, Siderópolis –Caravaggio/Nova Veneza, 22/04/95.

¹⁹¹ No item “ O eterno recomeçar: Da casa da sogra à sua casa”, veremos que após o casamento as mulheres geralmente vão morar com a sogra.

¹⁹²MATTIA, Regina Trombim de, op. cit.

peça de fazenda de morim e algodão. Nós também ajudava a bordar, até a toalha de louça, tudo bordado. O nosso enxoval foi bom.¹⁹³ O meu enxoval era todo de riscado, roupa de semana de ir prá roça para trabalhar, lençol tudo branco de algodão, mais uma cômoda que era chamada de comó.¹⁹⁴ O meu pai me deu um pouquinho de tudo, um lençol, um acolchado, outras cobertas, e roupa de vestir também. Ganhei de presente uma comodazinha chamada de comó.¹⁹⁵

O que permanecia da tradição herdada desde o tempo de suas avós nos enxovais era o comó, onde guardavam suas roupas e as de seu marido, pois não havia ainda o uso do guarda-roupa. Outro elemento importante do enxoval era a roupa diária que também ganhavam; não eram roupas finas, sofisticadas, eram roupas grosseiras ou, como falaram, “roupas de dia de semana para trabalhar na roça”, como que lembrando de que, mesmo casadas, era esta a realidade a ser vivenciada.

A quantidade de roupas trazidas para o casamento demonstrava as condições financeiras dessas famílias, ao mesmo tempo serviam de indícios de que não tinha havido um tempo necessário para o preparo dos enxovais, já que em plena adolescência transformavam-se em esposas/mães. A preparação do enxoval pode ser comparado ao que Pierre Bourdieu chama de “Ritos de Consagração” :

¹⁹³CORAL, Armida Scandolara, op. cit.

¹⁹⁴MARGOTI, Alzira Formigoni, op. cit.

¹⁹⁵SCARSÍ, Josephina Vitalli, op. cit.

O seu efeito não é tanto o de discriminar classes de idade, ou etapas já vividas nesta moça, mas o de distinguir atores sociais a que o rito concerne, daquelas que estão excluídas, de maneira enfática, dele: as moças de baixo poder aquisitivo, que dentro da tradição de uma população podem ser discriminadas por essa carência, via economia e cultura. Dessa forma, o rito consagra a diferença e com tanto maior eficácia quanto mais “naturalmente” ela for percebida.¹⁹⁶

O reforço deste ritual na comunidade de Nova Veneza, sob o qual as famílias procuravam inserir suas filhas no contexto social esperado, se converteu, pelo habitus familiar, em uma prática cultural, na medida em que ressaltava as atribuições domésticas como sendo femininas. A isso se deve juntar o que foi dito pelas interlocutoras quanto aos vários elementos constituintes do enxoval (o ritual em questão) o que demonstrava o “status” familiar:

...Longe de serem instrumentos de reforço da ideologia da pureza, de alicerçamento de princípios da ideologia da pureza, como parecem à primeira vista, eles se constituem em espaços tipicamente pedagógicos e culturais para aquisição de determinadas competências e habilidades. Competência que será necessária para que as mulheres possam administrar o capital simbólico do nome de sua família, que se expressa através do consumo referente a elementos visíveis do ritual, e que é realmente aspectos de um consumo conspícuo. Prende-se, portanto, a um corpo de valores, atitudes e comportamentos que se liga justamente a esse aparato de roupas, segredos, datas.¹⁹⁷

Assim, por um lado, esse rito de passagem, para estas moças e estas famílias, acaba por acentuar a divisão sexual de papéis, cabendo às moças a lida com a casa. Entretanto, não é uma relação hierárquica e assimétrica entre os sexos nas famílias de Nova Veneza e de toda uma região de descendência itali-

¹⁹⁶ BORDIEU, Pierre. Os ritos como atos de instituição. IN: AGUIAR, N. *As hierarquias em Classe*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 43.

¹⁹⁷ Idem. SILVA, Ana Alice Oliveira e. A pedagogia do feminino. IN : *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (54): p.26, ago., 1989.

ana o que está aí sendo evidenciado. O que se evidencia é a divisão de atribuições com vistas ao mesmo e simples fim, e que poucas destas mulheres ousaram antagonizar - a consecução de um projeto familiar e cultural de ascensão social e de reprodução e fortalecimento das normas e preceitos construídos por esta comunidade.

A elaboração/construção do enxoval, assim ponderado, é espaço de aprendizado, visto que o habitus familiar é fator primordial no sentido de dar continuidade ao modelo de família aí instituída, o qual acaba por definir os papéis sociais de gênero. As mães encarregam-se de manter os preceitos culturais tão necessários a este aprendizado. Por isso envolvem-se nestes assuntos, demonstrando mais uma vez os poderes que exercem...

2

Casamento... significados e sentidos

Ao rememorarem o casamento, minhas interlocutoras reforçaram a idéia de terem realizado seu desejo, principalmente porque escolheram seus maridos, ou seja, por não ter sido uma imposição da família.¹⁷ Sua vontade foi respeitada pois, “se desse certo”, se vissem que “o rapaz era sério”, e se gostassem dele, então casavam-se. O matrimônio acontecia entre 17 e 22 anos, e elas pouco sabiam sobre o casamento, no tocante à sexualidade.¹⁹⁸ Também não conversavam com suas mães sobre a noite de núpcias, sobre a relação sexual, nem mesmo como teriam seus filhos. Novamente encontro a personagem Teresa, do romance *O Quatrilho* :

¹⁹⁸ Ao analisar as mulheres italianas do Rio Grande do sul, Cleci Eulália Favaro percebeu que não fazia parte desta cultura conversarem sobre a sexualidade. Quando falam, sempre usam um ouvir dizer, nunca assumindo sua sexualidade, mesmo que uma de suas depoentes disse não ser mais ingênua, por ter conversado com uma amiga, também não falou nada com suas filhas. Cf: FAVARO, Cleci Eulália, *op. cit.*, p. 343.

(...) Para dizer a verdade, ela também não sabia muito bem o que sentia um homem e o que fazer quando estivesse sozinha, na mesma cama, com ele. (...) Mama Giulieta fazia cara feia só em pressentir certo assunto nas conversas. As irmãs, que quando solteiras dividiam com ela dúvidas e perguntas, faziam-se cheias de mistérios depois de casadas. E com o pai é que ela não teria mesmo coragem de falar nestes assuntos.¹⁹⁹

Foram “aprendendo” na prática com seus maridos. Este assunto de foro íntimo não conseguiram verbalizar. Este silêncio, este não dito foi trazido como herança cultural de suas mães e avós, e nem elas conseguiram romper com esta tradição. Quando suas filhas casaram, também não conversaram, não tinham o “costume” de versar sobre estes assuntos. Muito possivelmente por serem católicas, e como o papel da mulher dentro desta religião é ser procriadora, não havia porque “especularem” tais assuntos. Além do mais, acreditavam que obter estas noções era “pecado”. O sexo entre minhas interlocutoras, nas suas lembranças da época anterior ao casamento, por práticas familiares era um tabu que não tinha sido rompido, sendo motivo de inibição e vergonha. É no seu cotidiano, marcado pelo “não dito” que constroem e reproduzem esta prática. Sendo assim, não tinham outra escolha, senão esperar pela cerimônia do casamento e pela noite de núpcias.

A este respeito, revela Maria Lygia Quartim de Morais:

(...) A cerimônia religiosa era bem significativa: entrávamos na igreja pelas mãos de nossos pais e saíamos de braços com nossos maridos. Não conhecíamos muito deste marido. E ainda por cima nenhuma experiência de vida sexual adulta. Vagas e idealizadas noções de amor. Nada mais de fantasias, de mágica.²⁰⁰

¹⁹⁹ POZZENATO, op. cit., p. 15.

²⁰⁰ MORAIS, Maria Lygia Quartim de. Família e feminismo: o encontro homem/mulher. In: *Perspectivas*. São Paulo: 8: 143-152, 1990.

Preferem falar então da festa de seu casamento, pois é ela sua história, um marco, um acontecimento cultural, social e familiar, para suas afirmações como membros desta comunidade. Há que se ressaltar, aqui, as diferentes formas de recordar este evento social. Ele vai sendo reelaborado, ao mesmo tempo em que ocorre a sua ressignificação, entrelaçando a festa com as condições em que a vivenciaram .

*No meu casamento teve pouca festa, porque fazia quatro meses que o irmão dele tinha morrido. A mãe dele estava sempre doente e ela queria que ele casasse, e que não era pra ele me levar na roça, era pra mim ficar tomando conta da casa que ela não podia. Mas mesmo assim eu gostei do meu casamento, casei toda de branco , com véu comprido até em baixo.*²⁰¹

Dona Josephina recorda de seu casamento a partir de algo triste, a morte do cunhado. Apressado também por sua futura sogra, que precisava de alguém para gerenciar a casa, já que se encontrava doente e como que revelando a importância de ter noutra mulher - a nora - a continuação do seu papel. O seu casamento é determinado por uma necessidade concreta, e reforça a idéia de que ela seria um braço a mais na casa do marido, onde colocaria em prática tudo o que aprendera com a mãe (a lida com a casa). Era chegado o momento em que passaria pela aprovação da sogra.

A nossa festa foi muito bonita, o meu vestido foi a tia Rosa que fez, usava um veuzinho na cabeça. Lembro que tava um dia muito chuvoso que nós

²⁰¹ SCARSI, Josephina Vitalli, op. cit.

*chegamos na igreja tudo molhado. Fomos a cavalo, eu, ele e a nossa família. À noite teve uma festa lá na casa do meu sogro.*²⁰²

Dona Regina recorda do seu casamento dando ênfase ao vestido que fora confeccionado por uma tia. Nos preparativos e na confecção do vestido, havia uma ajuda mútua entre os familiares. Isto porque já era difícil obterem um vestido de festa, quanto mais um vestido de noiva. Era uma única vez que o usariam, e pelo fato de a missa de casamento ser um evento público, fazia-se necessário que uma costureira mais experiente o costurasse. Suas mães possuíam em casa uma pequena máquina, onde costuravam as roupas da família, mas apenas as roupas grosseiras de uso diário. Mas, em se tratando de um vestido de noiva, era diferente. Dona Regina recorreu a sua tia, este seria seu presente. Pode-se inferir também que o fato de ter recorrido a uma tia para costurar seu vestido de noiva estivesse ligado à sua condição financeira.

*Fazia almoço na casa da noiva, na minha casa, né? Depois fazia o casório lá em Veneza e depois vinha todos os convidados pra festa na casa do noivo. Foi o padre Giacca que me casou. E o meu vestido foi uma vizinha minha que era prima do Batista que fez, ela chamava Rosa Marini.*²⁰³

Estas costureiras especializadas, como a mencionada Rosa Marini, eram muito procuradas em toda a região, pois sabiam elaborar trajes para vários ritos femininos - anjinhos, primeira comunhão, artigos para o enxoval, para a noiva. Seu estilo ficava conhecido a partir dos primeiros trabalhos. E procurar seus serviços era um signo de “status” bastante visível. Minhas interlocutoras falam,

²⁰²MATTIA, Regina Trombim de, op. cit.

²⁰³CORAL, Armida Scandolara, op. cit.

em geral, de exímias costureiras, procuradas porque sabiam fazer bons vestidos, usando criatividade, sem forçar os gastos, obtendo o melhor resultado em sua obra. Recebiam, assim, maiores encomendas de vestidos. *Houve uma de Treviso, que durante muito tempo foi a melhor costureira da região. Ia gente até de Veneza lá e vinham para suas festas de noiva a coisa mais linda, e não gastavam muito não*, diz Dozolina Marini, de Volta Redonda, em suas lembranças.²⁰⁴

*Casamo no religioso com o padre Giacca e no civil com o Dionísio Mondardo, tudo no mesmo dia. Sabe, naquele tempo lá a gente não tinha condição de gastar, então a gente fazia tudo em casa mesmo, mas pouco convidado. A gente casava cedo porque a gente almoçava na casa da noiva, depois ia fazer o casamento de tardinha antes de anoitecer porque não tinha luz, era lamparina, então antes de anoitecer era a janta na casa do noivo, na minha casa. E era muita comida, muita cantoria, até de madrugada.*²⁰⁵

Dona Armida e seu Batista relembram de seu casamento com vários pormenores, inclusive o fato de que faziam parte deste ritual os noivos e sua família almoçarem na casa da noiva, antes do casamento acontecer, e após o casamento uma festa na casa do noivo, criando um ambiente de comemoração entre as famílias e seus convidados.

Teve festa pequena, porque não dava pra fazer festa grande, teve vinho, pão macarrão em sopa, macarrão enxuto, tudo na casa do meu marido. Mas,

²⁰⁴ A costureira chamava-se Nair Sangaletti, era uma das prediletas da região, fazendo serviços deste tipo para uma boa clientela. Possuía bom gosto e foi muito prezada. Dozolina Mariani, 66 anos, Volta Redonda, 06/01/1997.

²⁰⁵ Batista Coral, esposo de dona Armida Scandolaro Coral, op.cit.

*sei lá, parecia que casar era a melhor coisa do mundo (pausa), depois não sei a gente vai se acostumando.*²⁰⁶

Dona Alzira em suas recordações, relata o imaginário acerca do casamento, pensava ser a coisa melhor do mundo. Seu silêncio é revelador no sentido de diferenciar a prática de suas vivências cotidianas, denotando uma certa tristeza. No romance o Quatrilho, padre Giobbe também fala de uma certa tristeza ao término de uma cerimônia religiosa :

... Não a tristeza que lhe vinha não tinha nada a ver com a inveja. O que lhe causava mal-estar era o brilho de esperança que via nos olhos dos noivos. Uma esperança que ele sabia destinada a durar muito pouco tempo. Tinha pena principalmente das noivas, atraentes, risonhas como uma rosa desabrochada de manhã, que ele voltaria a ver daí a alguns anos, envelhecidas, feias, com o sofrimento e a resignação escondidos no fundo dos olhos tristes, revelados com lágrimas no confessionário. Por isso é que lhe fazia tanto mal celebrar um casamento.²⁰⁷

*Casemo fui embora pra casa e acabou-se (risos).*²⁰⁸ Seu Herminio usou poucas palavras para expressar seu casamento. Como se este acontecimento fosse algo premeditado. Natural, como se tivesse cumprido sua missão. Já que todo o homem deveria constituir uma família; a exemplo de seus pais, ele assim o fizera.

Nós fomos a cavalo. Aquele tempo lá, da nona, era costume fazer uma comida ali pelas dez, onze horas, fazia uma sopa, com carne. Ficava comendo, eu o Augusto a minha família e a família dele. Depois saímos uma hora da minha casa, a cavalo pra casar aqui no centro da Veneza. Então casamos na igreja e ia tomar uma bebidinha ali onde é a casa da Leonor, que era uma bo-

²⁰⁶MARGOTI, Alzira Formigoni, op. cit.

²⁰⁷POZENATO, op. cit., p.17.

dega, nunca me esqueço! Fui tomar uma bebidinha, ficamos um pouco e fomos no cartório fazer o civil. Depois fomos para casa do Augusto, lá tinha macarrão enxuto, carne. Dançamos a noite inteira e nem os noivos foram dormir. Ai, de dia fomos ver roça, olha só! Fomos ver se era hora de dobrar o milho. A minha lua-de-mel que eu fiz foi segunda-feira lavar roupa, terça-feira plantar feijão, eu o Augusto, o tio Queco, depois quarta, quinta e sexta e sábado, dobrar o milho na roça, pelo amor de Deus! E que bom que era!(risos)²⁰⁹ Dona Selma revela que sua “lua de mel” foi trabalhar na casa da sogra e trabalhar na roça, já que estava quase na época da colheita do milho. Quando a espiga de milho estava quase seca eles/as dobravam²¹⁰ a espiga para não entrar muita água, evitando seu apodrecimento.

Dona Selma fala da festa que ocorreu no sábado, na descrição anterior, e que “nem os noivos foram dormir”. Não comenta o que foi feito no domingo, sua noite de núpcias, a sua primeira noite com seu marido. E retoma a lua-de-mel com todos os trabalhos executados durante a semana. Sua memória está voltada para o trabalho, reforçando que sua vida depois de casada não se modificara. E que fora mais um braço para ajudar na casa do marido. Mas, em suas reminiscências, deixou transparecer um momento único de intimidade, de enlevo secreto e especial : “a lua-de-mel”, “a primeira vez” não teria acontecido, e de forma amorosa, com seu marido, no meio daquele milharal? Quanto de improvisação poderia ser efetuado, em vida tão esquematizada desde pequena, naquele breve momento a aproveitar, entre o trabalho anterior e o milho que

²⁰⁸ Herminio Margoti, esposo de dona Alzira Formigoni Margoti, op. cit.

²⁰⁹ MONDARDO, Selma Amboni, op. cit.

²¹⁰ Os/as agricultores/as de Nova Veneza utilizam esta técnica até hoje.

estava esperando para ser “dobrado”, sob o céu de Nova Veneza? Em pleno e risonho dia? Suas falas guardam, nas entrelinhas, o suspense e a magia que por certo envolveu o seu primeiro dia ao lado do marido.

*Nós casamos antes no civil, uns oito dia, e depois no sábado, no religioso. Teve café com mistura na casa dela, numa mesa bem grande na rua. E a janta foi na minha casa, o meu pai tinha uma casa bem boa, então fizemos a festa na sala, sempre com gaita, muita música.*²¹¹ O fato de seu José ter se casado antes no civil demonstra uma modificação cultural, pois o casamento religioso era tido como o mais importante. Mas permanece o café na casa da noiva, utilizando um outro espaço, a rua, o fora de casa. Entretanto o jantar foi na sala, pois o seu pai tinha “uma casa muito boa”, demonstrando, de certa forma, que havia uma desigualdade financeira e social entre as famílias. Ele, tendo mais posses, tinha um local para abrigar mais convidados. A sua noiva, tal festa não pôde oferecer, por isso o café teve que acontecer na rua.

Primeiro nós casamos no religioso, depois no casamos no civil. A festa foi na casa do pai dele, lá no Rio Cedro Médio, e eu morava no São Bento Alto. Foi muito bom fazer os preparativos do casamento, porque ai se reuniam os vizinhos, um vinha e fazia o bolo, outro vinha e fazia aqueles bolinhos de carne, e as galinhas que naquele época não tinha forno, era tudo assado dentro de um tacho bem grande. Não teve macarrão, teve risoto que era os pedaços de galinha junto com o arroz, cozido dentro destes tachos também. Os bolinho de carne para fazer o molho, não se usava massa de tomate, era colorau. Eles faziam os doces para meia-noite, o bolo de noiva, tudo. Era feito aquelas broi-

nhas que era enfeitado com canela. Churrasco não existia, era tudo cozido naqueles tachos. Casei às dez da manhã, teve almoço no meio-dia, teve dança à tarde, aí continuou o baile até de manhã. Isso tudo na casa do Divilho, a festa foi toda lá. Casei de branco, de noiva, de véu, naquela época eles usavam um véu comprido e depois passou o modelo do véu curto pelas costas. Até tenho a foto ali. Ele também, com seu terno, gravata borboleta que a própria mãe dele fez em casa. O meu vestido, a minha mãe fez com a vizinha lá perto de casa que ela costurava muito bem. Já usei buquê.²¹²

O casamento de dona Deolinda ocorreu na década de 60, mas é um exemplo de permanência cultural, ao mesmo tempo em que realça traços de mudanças. A festa, como uma forma de sociabilidade entre a vizinhança, é mantida, “reuniam toda a vizinhança e cada um fazia uma coisa”. Foi, portanto, um evento social construído a partir da solidariedade. As mudanças ocorreram na moda, na forma de vestirem os noivos. Agora ela usava um véu curto até os ombros, antes era comprido. Os homens utilizam a gravata borboleta, confeccionada pela mãe. O carro para levar a noiva e os convidados até a igreja é um forte indício de que as coisas estavam se modificando, uma vez que antigamente os noivos iam a cavalo ou de carro de boi até a igreja. Ao mesmo tempo reforça um certo “status”. Não era todo mundo que, nessa época, teria um carro. Era até raro. Muito provavelmente ainda na década de sessenta os noivos fossem até à igreja a cavalo ou de aranha²¹³. Outra modificação também deu-se na própria comida. Antes era o macarrão enxuto, agora era o risoto. Uma vez que o cultivo

²¹¹ DUMINELLI, José, op. cit.

²¹² SCUSSEL, Deolinda Coral, op. cit.

de arroz estava dando certo, não teriam que perder tempo fazendo e cozinhando o macarrão, era bem mais simples cozinhar o arroz!

Quero fazer uma ressalva quanto às festas de casamento. Apesar de minhas/meus interlocutoras/es não citarem o nome de Dona Orelinda Bez Bortolotto como uma “festeira de casamento”, ela era especializada no preparo da comida de vários casamentos. Ela era contratada pelas famílias que pretendiam dar uma recepção para muitas pessoas. Possuía o segredo do tempero das galinhas, que eram cozidas em grandes tachos. Sabia fazer a massa de macarrão e seu tempero com manteiga, e também os bolinhos de carne. Na cozinha era ela que mandava! Tinha cuidados especiais para não desperdiçar nem deixar faltar comida. Era detentora de uma grande sabedoria no trato com a cozinha e, segundo seus filhos, tudo tinha que ser do seu jeito! A existência de dona Orelinda demonstra um novo campo de atuação das mulheres, ou seja, levava sua experiência da cozinha para outras casas. Enquanto preparava o ritual culinário, delegava poderes a suas ajudantes. Afinal, “tudo tinha que ser do seu jeito”.

O casamento se coloca então, para estes homens e mulheres, como uma possibilidade de construir a sua família a exemplo de seus pais. Era um prolongamento de suas casas, continuando na roça, nos afazeres de casa. Redimensionando o espaço, as mulheres agora conviveriam com a sogra, com a família do noivo, tal qual acontecera com suas mães. Agora haveria mais uma tarefa: a

²¹³ Aranha era o nome dado a uma charrete, um cavalo cangado, com um assento para três pessoas sentarem. Era o seu carro de passeio.

criação dos filhos, apesar de já terem experiência, pois em sua casa cuidavam dos irmãos menores. Restava-lhes então colocar seus aprendizados em prática..

3

O eterno recomeçar: da casa da sogra à sua casa

Para minhas/meus interlocutoras/es, falar do começo de suas vidas no casamento é falar de momentos alegres, momentos de angústia. Onde o recomeçar é algo constante. Nunca desistem. Sempre ressaltando o trabalho por que passaram, as dificuldades que não foram poucas, mas que ao final de suas vidas, ao olhá-los com os olhos de sua experiência, têm a plena convicção de que valeu a pena, de que não foi em vão o sacrifício. Vida, não raras vezes, “melhor que nos dias de hoje”. Talvez porque falem de sua juventude, embutidos os seus sonhos, que se convertem em alegrias, principalmente de orgulho por ter contribuído para melhorar as condições financeiras da família, por ter garantido aos filhos um lugar para trabalhar na roça. Sentiam-se atuantes, em pleno vigor físico. Não que agora, em plena velhice, sintam inveja daqueles idos tempos. Não, a palavra mais certa talvez seja saudade, proporcionada pelos quadros da memória que começam a ser pintados em palavras, situações, gestos e sentimentos, de um tempo que é pretérito, o qual se encarregou de deixar marcas, cicatrizes. E, que são agora, lembranças, histórias de vida. Falam-me na primeira pessoa, no “eu”, ao mesmo tempo que utilizam o “nós”, ressaltando

a parceria do casal, que, a exemplo de seus pais, também viveu para a família. Não houve, por um momento, diferença entre o trabalho da mulher e o do marido, também aqui, tal qual em suas famílias, era a somatória dos esforços o que contava. Atentemos para suas falas: *Casei em 1937, e fiquei morando na casa de meu pai durante um mês. Depois fomos morar a uns sete quilômetros da casa dele, numas terras que ele tinha, eram 12 hectares, depois comprei mais um pedaço. Nestas terras já tinha uma casa velha, com cozinha separada, o fogão, o fogolaro. Nossa alimentação manteve-se a mesma, polenta, minestra. Depois de casado fazia tudo por minha conta, comprava, vendia. Eu resolvia tudo.*²¹⁴

As lembranças de seu Batista demonstram a preocupação em adquirir mais terras, o que ajudaria a melhorar as condições financeiras da família, pois seu sustento provinha da lavoura, reforçando os papéis normativos nos quais os homens são os provedores. Fruto de uma comunidade que referenda este modelo, absorve o aprendizado ao longo de sua existência.

Casamos aos 3 de julho de 1937, já fazem 57 anos! Pra começar, o meu pai e o pai dele nos ajudavam com a comida, até que nós plantamos uma horta. Fomos morar no Rio Cedro Médio, porque o Batista ganhou umas terras do pai dele, e lá já tinha uma casa. Começamos a criar porco, galinha, sempre na roça. Tive seis filhos, Arnaldo, Iraci, Iracema, Sérgio, Ialita e Nair. Só que nós viemos morar em Siderópolis quando tinha três filhos pequenos. Foram todos para a Escola. E com o dinheiro da venda da nossa propriedade colocamos o

²¹⁴CORAL, Batista, op.cit.

*nosso negócio, que era um bar. Eu ajudava, cuidava das crianças, lavava as roupas.*²¹⁵

Dona Armida relembra a solidariedade que recebeu de sua família, principalmente na ajuda da comida, demonstrando que, mesmo casada, a sua família estaria ao seu lado. Fala do trabalho na roça, de seus filhos. Ressalta a importância de terem estudado, já que quando era pequena não pôde estudar, pois morava muito longe e tinha que trabalhar na roça. Por isso se orgulha de seus filhos. Relembra que mudaram de vida, de cidade. Mas, mesmo que tenham ganhado um novo status, já que se tornaram comerciantes com a venda de sua propriedade, a duras penas, percebe-se ainda como uma ajudante.

Me casei aos vinte anos de idade. O nome do meu marido é Augusto Mondardo, ele já é falecido. Fiquei morando três anos junto com a minha sogra. Tinha a sogra o sogro, o Marcelo, o Vespaziano, o Domingo, a Avelina, O Francisco que a gente chama de Queco junto com a esposa dele, a Linda, eu e o Augusto, e o Lauro. Eu não era acostumada com esta familiarada. Fui morar sozinha quando já tinha a Denir, o Venceslau que a gente chama de Scelau, e o Arlindo, todos pequeninos. A casa ainda não tava pronta, terminamos quando fomos morar lá. Eu ia na roça todo dia, com as crianças, os pequenos eu deixava em casa dormindo, porque plantava bem perto, plantava batata, aipim, trato para as vacas. Começamos a trabalhar para fazer um paiol grande, porque só tinha a casa. Começamos a fazer um dinheirinho, que o primeiro dinheirinho que nós fizemos, nós tinha ganhado uma porca, e ela criou leitãozinho, oito

²¹⁵ CORAL, Armida Scandolara, op. cit.

leitãozinho. Engordamos aqueles oito leitãozinho e vendemos para os Bortoluzzi para comprar as ferramentas para fazer este paiol. Depois fizemos a estrebaria, chiqueiro maior, até que terminamos. Mas eu ia todo dia com ele pra roça, corta mato, com machado, com foice, serra lenha com serrote para fazer lenha para cozinhar as batatas para engordar os porcos. Ali pelas quatro horas da tarde vinha porque tinha que tratar os porcos, chegava em casa, socava o arroz no pilão para fazer a minestra porque o feijão eu deixava cozinhando com pau de lenha. E quando os meninos estavam com fome botava um prato, uma bandeijinha com açúcar grosso e polenta ou pão quando tinha, pra eles comer, porque eles vinham da roça que era perto com fome, coitados! Aí, eu aprontava a minestra, temperava com toucinho, aquele tempo lá fritava o toucinho com cebola e vinagre de vinho, depois botava tudo na panela da minestra. Depois ia tratar os porcos, que tinha setenta porcos e eu carregava aquelas latas pesadas, cheias de batata doce, por isso que hoje eu estou toda estruphada, toda descadeirada. Imagina! Levava duas lata de cada vez, tinha que pular uma cerca bem alta, pulava para botar as batatas no cocho. Quando aqueles porcos estivessem gordos, vendia e depois comprava mais porco. Vendia barato. Dio, Madona! Dois fiorine a arroba! (risos) Com o dinheiro começamos a comprar mais terra, que todo ano tinha que fazer dinheiro para comprar mais terra. Porque o nono, o teu bisavô, deu dez hectares de vargem, mas tivemos que pagar, era sete fiorine e mezzo. Depois compramos mais terra, tinha que ter dinheiro para pagar.

Eu tive seis filhos, a Denir, o Venceslau, o Arlindo, a Dilma, o Arcanjo e a Dilza. Moramos em São Bento Alto, e todas as contas para pagar era pelo

nosso braço, só arado e carpideira. Depois resolvemos morar aqui no centro, na década de sessenta. Eu tinha cinqüenta e seis anos. Plantava tudo no meu quintal, vendia verdura, porque não tinha mercado e muita gente comprava verdura aqui em casa. Tinha três vacas, umas cem galinhas, que eu vendia os ovos. Comprei todos os móveis que tem aqui, geladeira, fogão, mesa, mesinha de televisão, sofá, cama. Tudo com o dinheiro que eu fazia. O Augusto trabalhava na roça, plantava milho, arroz, depois ele trazia o milho para as galinhas. Eu ainda fazia crochê para fora. Porque antes de casar eu já fazia, a minha mãe me ensinou. Quando as crianças eram pequenas eu não tinha tempo, mas fazia as minhas toalhinhas, o meu crochezinho, uma rendinha na toalha. Mas depois eu fiz muito crochê, que nem sei como dava conta, cuidar do quintal, e fazer todo aquele crochê que eu fiz! E ainda costurava, porque aprendi sozinha, eu também aprendi a ler sozinha! Tinha aquela máquina que tocava a mão, costurava de noite, porque de dia não tinha tempo. Por isso que eu te digo: trabalhei, trabalhei! E hoje eu ainda trabalho, você viu que eu rocei o mato para plantar aipim? Segunda-feira tenho que plantar aipim e feijão. Eu vou levando a minha vidinha, hoje em dia eu faço a minha comida, varro a minha cozinha, varro ao redor da calçada, vou no quintal de manhã com a minha enxada, até comprei um cabo novo, agora, porque aquele era muito curto. À tarde faço o meu crochê, à noite assisto novela, e depois vou dormir, faço um sono só.²¹⁶

A palavra que exprime a trajetória de vida de dona Selma, é a palavra orgulho. É imbuída deste sentimento que recorda as passagens de sua vida conju-

²¹⁶ MONDARDO, Selma Amboni, op. cit.

gal. Faz questão de falar sempre na primeira pessoa. Utilizando o pronome “eu”, demonstra a consciência de ter se construído cotidianamente no trabalho, na família. É, portanto, a convicção de que, em sua vida conjugal, ocupa o lugar de companheira. Deixa de freqüentar os bastidores e rouba a cena. Sabe do sacrifício que passou, juntamente com seu marido, para aumentarem a propriedade, para acumularem capital. Numa retrospectiva de sua vida, o trabalho é o fio condutor. Trabalho de sua mãos no cabo da enxada ou no manejo de agulhas. Por isso o orgulho, porque sabe que deixou para seus filhos, netos e bisnetos uma vida repleta de exemplos.

Casamos aos 19 de outubro de 1941. Moramos com a minha mãe e meu pai na Linha Minerva durante três anos. Depois começamos a batalhar por nossa conta. No começo eles ajudavam com comida e roupa. Ganhamos uma junta de boi para poder começar e uns porcos para engordar. Ele emprestou dinheiro para comprar um terreno. Foi difícil o começo, para fazer a nossa casa. Nós pegamos a madeira no mato, mandamos serrar, as estradas eram todas por dentro do mato. Para cobrir, fomos pegar umas palhas de mato. Conseguimos assoalhar uma parte da casa, o resto era chão mesmo. Porque os quartos nós botamos umas caminhas, então tinha que ser de assoalho. Começamos engordar os porcos, depois plantamos arroz, então vendia também. Tivemos nove filhos, Maria, Arnaldo, Ana, Angelim, Laura, Ilária, Antônia. Todos trabalharam na roça, depois viemos para o Caravaggio, e eles trabalham de

*empregado. Eu me aposentei, mas ainda gosto de cuidar da horta. O meu esporte é trabalhar na roça e graças a Deus não me falta nada.*²¹⁷

Em suas lembranças, seu Herminio ressalta as dificuldades por que passou para começar sua vida, após deixar a casa do pai. Para começar, tivera que utilizar todo o seu aprendizado. Momentos difíceis! Tivera que transformar a natureza, tal qual seus pais, para transformá-la em sua morada, em sua roça, com esforço dele e de sua mulher. Num trabalho árduo, uma verdadeira “batalha” para que tudo desse certo. Agora, quando rememora, percebe que valeu a pena. O trabalho fora tão incorporado que se transformara em um “esporte” .

Quando nós fomos morar sozinha, a nossa casa era coberta de palha de mato. Nós trançava ela, botava uma ponta aqui outra ali, depois botava ripa em cima e ia trançando no comprimento da casa (gestos). Não tinha dinheiro para comprar telha! A casa era fechada com tábua, sem plainar, e a cozinha era separada e fechada com costaneira. Os móveis era o comó, que eu tinha trazido da casa da minha mãe, fizemos uma mesa, sabe antigo como era. Eu queria que tu enxergasse as coisas antigas, não era como agora. Agora tem tudo coisa bonita, aquela vez não era. Na cozinha tinha o fogolaro que ele que fez, um caixão de tábua, com quatro pé (gestos), enchia de terra e pendurava as panelas, era o fogolaro, igual ao da casa da minha mãe. Quando eu fui morar sozinha eu fazia como eu queria, as comidas, porque lá na casa da minha sogra eu tinha que comer o que eles faziam mesmo sem vontade. Porque não era eu que fazia a comida, eu ia para roça ou lavava as roupas da família inteira. Eu

²¹⁷ MARGOTTI, Herminio, op. cit.

*e a minha sogra nós nunca se brigamos. Quando moramos lá, tinha cinco moças, a minha sogra mais dois rapazes, eles eram gente muito calma, e ela era muito boa. A nossa roça era longe de casa, tinha que subir um morro, bem alto (gestos), se enxergava a casa lá em baixo. Quando os meus filhos eram pequenos eu levava eles para roça, um dentro de uma caixa e o outro no derlo. Ali pelas dez hora eu descia aquele morro para fazer a comida, deixava as crianças lá com ele. Passei tudo esse trabalho, eu passei trabalho, mas era melhor do que agora! Era só eu e meu marido que trabalhava na roça, nós tinha uma chácara de banana, engordava porco, plantava feijão, vendia um pouco de tudo. Não se gastava dinheiro antigamente, se comprava só o necessário, sal, açúcar, querosene, o resto nós tinha tudo em casa. Em casa decido tudo eu, porque os negócios dele ele sabia, mas os meu ele não sabia. Sabe como é, as mulheres dentro de casa, se não decido tudo eu, porque se falta as coisas ele nem nota!*²¹⁸

Em suas lembranças, dona Alzira faz questão de explicitar sua amizade com a sogra. Como se o seu convívio fosse permeado pela harmonia, pela solidariedade, mesmo que para isso devesse ficar submetida à autoridade da sogra! Posso inferir que tal conduta (da sogra) se reflete na reprodução cultural das mulheres. No convívio com a sogra, ela era a autoridade máxima, a qual testava seu aprendizado - lavar roupas, trabalhar na roça, cuidar dos filhos. Na cozinha ela não trabalhava, não fazia a comida, e, mesmo não sendo o que ela gostasse, teria que comer. A cozinha representava um “altar”, onde a figura central era a dona da casa, outrora sua mãe, substituída depois pela sogra, a qual exercia o

²¹⁸ MARGOTI, Alzira Formigoni, op. cit.

domínio da casa. Era portanto a cozinha um simulacro, sinônimo de alguns poderes femininos. Posso concordar com Cleci Eulália Favaro quando escreve:

Se a casa era o “templo”, seu altar era a cozinha. O fogão, o sacrário. Este universo feminino, povoado de mães, irmãs, e filhas tinha também seu altar, sua mesa de alquimista, seu confessionário, seu tribunal, sua caixa de pandora - onde e de onde emanava o poder doméstico, poder concretizado no fogão. Era em torno dele que a mulher exercia o domínio da casa: enquanto preparava os alimentos para a família (o poder da sobrevivência), ouvia as queixas, dirimia contendas (o poder de julgar), ensinava o catecismo aos filhos menores, transmitia códigos de valores, cobrava comportamentos, controlando a todos os membros da família, especialmente filhas e noras (e, através delas, os filhos e netos).²¹⁹

Quando vai para sua própria casa, tal qual sua sogra, cuida dos negócios da casa, onde constitui-se numa autoridade máxima. Trabalhava na roça mas, “dentro” de casa, quem mandava era ela! Os negócios de “fora”, entenda-se a roça e o comércio, eram o território do seu marido. Esta divisão de papéis entre o “dentro” e “fora” é um exemplo concreto da reprodução cultural, que se processou com base em suas vivências. Primeiro na casa de seus pais, depois na casa da sogra.

Me casei aos oito de maio de 1943. Tive nove filhos, mas três estão mortos. A Carmela, o Vanir, o Albino, o Arnaldo, o Aroldo, dois gêmeos, a Maria Salete e a última, que é a Lourdes. Sobre o casamento, a mãe não me ensinou nada, eu já sabia de tudo mesmo, não precisava ela me ensinar, também porque eu já sabia, imagina eu casei com vinte e cinco anos, fui eu que criei os irmãos, tudo como se fosse meus filhos. Eu ganhei meio lote de terra, ganhei o comó e uns porquinhos. Eu queria casar para construir uma família, assim como que os meus pais tinham construído. Moramos um ano na casa da

²¹⁹ FAVARO, op. cit., p.240.

*minha sogra, depois fomos morar nas terras que o meu pai me deu. Nós saímos com alguma coisa porque nós trabalhava nas terra do sogro mas também fizemos uma rocinha na nossa terra. Porque com aquela rocinha, nós podemos fazer a nossa casa. Era de madeira, com assoalho, a cozinha separada, ainda usava o fogolaro. Fazia sempre a minestra e a polenta não podia faltar era todo santo dia. Os nossos móveis eram tudo feito de madeira, o comó, que eu trouxe com o meu enxoval, fizemos uma mesa, um banco, e as camas. Os filhos sempre trabalharam na roça. Passamos muito trabalho, mas conseguimos criar a nossa família.*²²⁰

Dona Josephina, no trabalho de rememorar, revela que a casa de seus pais transformou-se no palco de seu aprendizado. Cuidar de seus irmãos, dos afazeres da casa e da roça são experimentados por uma imposição cultural, por uma necessidade concreta. O aprendizado se aplica mais tarde, quando constrói sua família.

Quando eu casei, fiquei um ano junto com a minha sogra e o meu sogro. Depois outro ano o sogro deu umas terras em Vila Maria, que ele tinha um terreno. Deu pro meu marido aquele terreno para nós fazer a casa. Eu e ele. Trabalhamos não sei quantos dias em baixo de uma varanda aberta, fazendo comida de noite, morando dentro de um ranchinho que male mal cabia eu e ele. Para nós conseguir fazer porque era um terreno bom. O pai dele também ajudou um pouquinho. Fizemos uma casa de madeira, com telhas, o meu fogão, me deram uma chapa velha, botei quatro pedra e cozinhava ali em cima. Usei o

²²⁰ SCARSI, Josephina Vitalli, op. cit.

fogolaro até fazer a minha casa. Que eu ajudei muito depois, comecei criar umas vacas de leite e vendi muito queijo, fazia um bom dinheirinho. Eu dava todo o meu dinheiro para o meu marido. Dava para comprar muita coisa com o dinheiro que eu ganhava. Eu dizia assim, eu não quero esse dinheiro, mas quando nós formos morar lá em baixo (São Francisco) tu vai me comprar as coisas que precisa. Ele disse que sim, que ia guardar e como foi, ele chegou aqui e comprou. Depois que ele casou comigo ele não fez um negócio sozinho sem vir pedir para mim. Eu dizia assim, pode fechar aquele negócio que vai ser bem feito. Ele pensava um pouco, se dava de fazer, fazia. Ele perguntava tudo pra mim, e fazia negócio bom, que ele nunca perdeu um tostão. Parecia uma coisa! (risos) Eu sempre decidia com ele, nós conversava e se às vezes era um negócio que fosse muito dinheiro eu dizia tu não fecha o negócio porque não temos como pagar. Vamos tirar da onde? Ele pensava, pensava e dizia, sabe que tu tens razão? Das vezes vamos se empenhar. Mas para comprar porcos para a engorda, vacas de leite, quando eu pedia compra três vacas boa de leite, ele comprou lá em Vila Maria. E o queijo que fiz, vaca boa dava dez litros por dia. Nós tirava dinheiro também com as galinhas, que tive uma sorte! Sempre tinha o terreno cheio de galinha. E vendia, que vinha carroceiro de Criciúma comprar galinha, galo, eles iam no terreiro escolher, e vendia também ovos. E com aquele dinheirinho, pelo amor de Deus, comprava muita coisa. Não gastava em nada. Não compramos terra, só aquele terreno que o pai dele deu. Depois vendemos e entramos numa sociedade com o irmão dele. Lá mesmo que nós fomos mal toda vida. (baixa o tom de voz, com muita tristeza) Tava bem lá, que nós tava uma riqueza, vem o irmão dele me tirou ele, o meu

marido para vir para São Francisco, em sociedade, morando na casa dele. Dez anos ficamos em sociedade. Depois fomos à falência, tinha um caminhão, vendemos, botaram um boteco, vendia tudo afiado, não ia para frente, vendemos. Depois voltamos trabalhar na roça, ali que se fizemos de novo. Se tivesse ficado lá em Vila Maria tava rico o dia de hoje! Me lembro sempre, porque o irmão dele dizia, tu tá aqui sozinho, num canto, tem a família lá em São Francisco. Me tirar o meu marido de lá pra fazer sociedade, morar junto com outra família. Ai, meu Deus, eu fiquei tão sentida! Depois venderam o caminhão, se dividiram o pouco que tinha. E nós compramos logo um lote aqui em cima, (gestos), perto do Antoninho Lavezzo, bem no meio do mato. E aí começamos novamente. Era sempre eu e o meu marido. O camarada dele era eu, que até me arrebentei tudo o corpo para levar aquele feixe de arroz que era grosso e pesado, até o carro de boi. Às vezes vinha aquelas tormentas, tinha que fazer ligeiro. Eu me esmorecia as pernas, às vezes eu até caía no chão. Ele dizia, mulher eu vou morrer, mas eu vou me lembrar da força que tu deu, foi tu o meu camarada na roça! E hora pra trabalhar era bem cedo, mas bem cedo e ficava na roça até o meio-dia, eu não descansava o meio dia. Chegava em casa, já acendia o fogo e fazia a polenta com fortaia, e muito radiche. E deixava as louças para lavar quando que eu voltava da roça de noite. Voltava escurinho, já tocava a ave-maria na capela. E fazia minestra de noite, e tinha que tirar leite das cinco vacas. Nós tinha um paiol onde nós colocava as vacas, pendurava a lamparina de querosene, e com aquela claridade eu tirava o leite, enquanto isso a minestra ia cozinhando. Ele ficava na roça, porque nós tinha que vender os produtos, principalmente o arroz. Vinha sempre os compradores aqui em

*casa, aí eles acertavam o negócio. Ensacava o arroz e vendia. E dava para nós se virar, porque filho nós não tinha, muito capital pra quê? Nós adotamos uma menina, que se chama Dirce, hoje ela é casada e tem três filhos. E toda vida trabalhando na roça. Até hoje, viúva, com setenta anos, ainda cuida da minha horta de sol a sol. Nunca parei!*²²¹

Dona Júlia se representa como alguém que acompanha os negócios do marido. Oferece um alento, dá palpite, é escutada. Sua mãe também faziam isso em sua casa. Mesmo que a imagem construída da mãe fosse a de dona de casa, ela também participava dos negócios da família. Dona Júlia rompe com esta imagem, com este estigma, quando se coloca como sujeito de sua história. Pode também ressaltar que era o “camarada” do seu marido. Mas, em suas lembranças, tal fato era sinônimo de orgulho, pois contribuíra para a manutenção da família.

As dificuldades por que passaram as/os descendentes de imigrantes italianas/os, na construção de suas famílias não se modificaram muito. Posso inferi-las por algumas reflexões acerca das permanências e discontinuidades no fazer-se desta cultura.

Quando as moças se casavam, era comum irem morar com a sogra, constituindo-se em um braço a mais dentro de casa e na roça. Era na casa da sogra que elas colocavam em prática todo o aprendizado de sua infância e adolescência. Era onde também referendavam a autoridade da sogra que imediatamente era incorporada à sua prática. Quanto ao seu marido, este continuava num pri-

²²¹ LAVEZZO, Júlia Buzanello, op. cit.

meiro momento (podendo durar até três anos), trabalhando para sua família, para mais tarde ganhar um lote de terra ou comprá-lo de seus pais.

O começo de suas vidas no casamento revela a parceria que existia entre esposo e esposa. Eram os dois, a exemplo de seus pais, a começarem uma nova vida com a “cara e a coragem”. Suas casas eram, na maioria das vezes, uma réplica da casa paterna: cozinha separada, sem assoalho, uso do fogolaro. A alimentação também permanecia: polenta e minestra.

Quanto aos papéis sociais de gênero, o discurso ainda reforça a mulher como ajudante, como “camarada”. Mas, algo é surpreendente, elas não se sentiam inferiores.

Por isso, é comum falarem de si na primeira pessoa. Elas sabiam que tinham que trabalhar, e muito, para comprar terras, por isso nunca estiveram confinadas na cozinha, como que vivendo num mundo à parte, apesar de que na cozinha investiam-se de um poder feminino. Porém as responsabilidades cotidianas eram, em determinados momentos, divididas, uma parte para a mulher - a casa - e outra para o homem - o comércio. São os papéis sociais que, nesta cultura, ainda teimam em ser papéis definidores do masculino e feminino.

Há que se dizer que estas mulheres e estes homens cristalizaram os preceitos culturais amalgamados pela sua existência, construíram-se e foram construídas/os, passaram para os filhos e filhas suas experiências. Suas falas referendam então uma cultura vivida no interior da tradição, regulamentada pelo habitus familiar e pela ética dos costumes. Por isso, suas memórias formam novos quadros, estando eles ligado ao círculo constituído a partir da família.

Isto porque “(...) as experiências dos atores sociais, vividas no ambiente familiar, ou seja, o habitus produzido e adquirido nas relações familiares constituiu uma matriz de recepção e de ação.”²²² Sendo assim, a incorporação do habitus familiar resultou na construção social dos gêneros, por isso, mesmo que houvesse (e houve) uma fluidez de papéis na roça, nos afazeres domésticos e no comércio, eles e elas representam-se a partir do exemplo paterno e materno. Somente a interpretação de suas falas possibilitou-me perceber que tais representações fazem parte da construção sócio-cultural perpassada pelo habitus familiar, do qual foram, ao mesmo tempo, produto e objeto. Per comprehendere bisogna vivere...

²²² MICELLI, Sérgio. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : perspectiva, 1974. p. 203-229.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Orais

AMBONI, Gentile Mondardo. 88 anos. São José - São Bento Alto/Nova Veneza. 25 nov. 1994.

BONETI, Angela Marini. 78 anos. Rio Cedro Alto/Nova Veneza. 23 abr. 1995.

CORAL Armida Scandolaro. 74 anos. Rio Cedro Alto/ Siderópolis. 28 set. 1994.

CORAL, Batista. 78 anos. São Bento Alto/ Siderópolis. 28 set.1994.

DUMINELLI, Guerino. 71 anos. Rio Cedro Médio/Nova Veneza. 23 abr. 1995.

DUMINELLI, José. 70 anos. São Bento Alto- Rio Cedro Médio/Nova Veneza, 19 abr.1995.

GHISLERI, Hélia Ghislandi. 76 anos. Santo Antônio/Nova Veneza. 12 ago. 1992.

GORINI, Alice Bortoluzzi. 87 anos. Centro/Nova Veneza. 24 maio 1994.

LAVEZZO, Rosa Macarini. 67 anos. Meleiro - São Francisco/Nova Veneza 26 maio 1995.

LAVEZZO, José. 71 anos. São Francisco/Nova Veneza, 26 maio1995.

LAVEZZO, Júlia Buzzanelo. 70 anos. São Francisco/Nova Veneza, 23 maio 1995

- MANTOVANI, Hermínia. 89 anos. Jordão-Siderópolis/Nova Veneza, 21 maio1994.
- MARGOTI, Alzira Formigoni. 77 anos. Linha Minerva- Caravaggio/Nova Veneza. 22 abr.1995.
- MARGOTI, Hermínio. 79 anos. Linha Minerva-Caravaggio/Nova Veneza, 22 abr.1995.
- MATTIA, Regina Trombim de. 74 anos. Centro/ Nova Veneza, 10 jan. 1995.
- MONDARDO, Francisco. 83 anos. São José- São Bento Alto/Nova Veneza. 20 maio1995.
- MONDARDO, Selma Amboni. 76 anos. São Bento Alto/Nova Veneza, 11 set. 1993.
- MONDARDO, Isola Amboni. 83 anos. São Bento Alto/Nova Veneza,12 out.1994.
- MONDARDO, Olinda Panatto. 78 anos Rio Cedro Alto/Nova Veneza, 27 set.1994.
- MONSANI, Irma Amboni. 81 anos. São Bento Alto- Rio Cedro Médio/Nova Veneza, 19 abr.1995.
- MORO, Irene de Bona. 84 anos. São Martinho-Siderópolis/Nova Veneza, 13 fev.1995.
- RONCONI, Dora Wamerlati. 57 anos. São Bento Alto/Nova Veneza. 10 set. 1994.
- SCARSI, Josephina Vitalli. 76 anos. Rio Cedro-Caravágio/Nova Veneza. 23 abr. 1995.

SCUSSEL, Deolinda Coral. 58 anos. São Bento Alto/Nova Veneza. 28 set. 1994.

SPÍLLERE, Catarina Feltrin. 95 anos. Siderópolis. Caravaggio/Nova Veneza. 22 abr. 1995.

Fontes Manuscritas

Arquivo particular da família Bortoluzzi, sob os cuidados de Irma Bortoluzzi Crevanzzini:

- Livro K, com mil páginas, referentes à compra de mantimentos dos colonos, bem como o registro da quantidade de suínos ou sacas de arroz comercializados pelos colonos, entre os anos de 1925 `a 1928.

- Livro de registros dos empregados ou operários da firma Indústria e Comércio Bortoluzzi S. A. decreto 19808 de 28 de março de 1931.

- Livro de registros de compra de arroz e suínos do ano de 1948.

- Certidões de casamento entre as décadas de 1920 à 1950, pesquisadas no cartório municipal de Nova Veneza.

Fontes Impressas

ALVIN, Zuleica M. F. **Brava gente! Os italianos em São Paulo.** São Paulo : Brasiliense, 1986.

ARNS, Otília (cord). **Criciúma 1880-1980 : A Semente Deu Bons Frutos.** Obra aprovada pelo Conselho estadual de Cultura. Florianópolis, 1985.

- BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes : Nova Veneza- Urussanga. sua história, costumes e tradições.** Brasília, ed. autor, 1991.
- BONI, Luís A. de & COSTA Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Escola superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Universidade de Caxias do Sul, Correio Rio Grandense, 1984.
- BORTOLOTTO, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza.** Nova Veneza : Prefeitura Municipal, 1992.
- BIFF, Claudino. **Morro da Fumaça e sua divina e humana comédia.** Tubarão : Coan indústria gráfica. s d
- CURI, José. **Racconti de Rio Cedro (in dialeto).** Florianópolis : edição da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão, 1984.
- DALL'ALBA, João Leonir. **Imigração italiana em Santa Catarina.** Documentário. Florianópolis : Lunardeli, 1989.
- GROSSELI, Renzo M. **Dove cresce l'araucaria dal primeiro a Novo Tirol.** contadini trentini (Veneti e Lombardi nella foreste brasiliane). Trento, EFFG & ERRE, 1989.
- LEDRA, Victório. **Cancioneiro do imigrante italiano.** Blumenau : FURB, 1989.
- LORENZI, Zeide Carminatti de. **Treviso ano cem.** Siderópolis : Prefeitura Municipal, 1991.
- MARZZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil.** Florianópolis : UFSC, 1985.

Bibliografia Geral

ACCARDO, Alain. **Initiaton à la sociologie de l'illusionine social : invitati-
on à la lecture des ouvres de Pierre Bourdieu..** Bordeaux: Macaret, 1983.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro :
Zahar, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo : Hucitec,
1992.

_____. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento : O
contexto de François Rabelais.** São Paulo : Hucitec, 1993.

BARBIERI, Teresita de. Sobre la Categoria Gênero. Una introdución teórico-
metodológica. In : AZERESO, Sandra & STOLCKE, Verena (coord). **Di-
reitos Reprodutivos.** São Paulo : FFC/DPE, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** São Paulo : Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa : Difel, 1989.

_____. Os ritos como Atos de Instituição. In : AGUIAR, N. **As hierar-
quias em classe.** Rio de Janeiro : Zahar, 1982.

_____. **Coisas ditas.** São Paulo : Brasiliense, 1990.

_____. **Sociologia.** ORTIZ, Renato (org.). Coleção grandes cientistas
sociais. São Paulo : Ática, 1983.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** Lembranças de velhos. São Paulo : EDUSP, 1987.

BURK, Peter & PORTER, Roy (org.). **Linguagem, indivíduo e sociedade.** São Paulo : UNESP, 1991.

BURK, Peter. **A escrita da história.** Novas Perspectivas. São Paulo : UNESP, 1992.

_____. **Cultura popular na Idade Moderna.** São Paulo : Companhia das letras, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano : artes de fazer.** Petrópolis : Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações.** Lisboa : Difel, 1990.

COLLOMP, Alain. Famílias. Habitações e coabitações. In : ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (org). **História da vida privada V. 3.** São Paulo : Companhia das Letras, 1991. p. 501-541.

COSTA, Albertina (org). **Uma questão de gênero.** São Paulo : Rosa dos Ventos, 1989.

DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos.** Rio de Janeiro : Graal, 1986.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo : Brasiliense, 1984.

_____. Mulheres sem história. In : **Revista da História** (Nova Série). nº 114, jan-jun/ 1983. USP. p.31-38.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens.** São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

- FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências.** Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul- 1875-1950. Porto Alegre, 1994. Tese de Doutorado. PUC-RS.
- FOSTER, Thomas. History, critical theory and women's social practices : women's time and "housekeeping" . **Signs-** journal of women's in culture and society, 1988, v.14, p1-17.
- FOUCAULT, Michel. **Micro-física do poder.** Rio de janeiro : Graal, 1992.
- FUGIER, Anne Martin. Os ritos da vida privada burguesa. In : PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada v. 4.** São Paulo : Cia das Letras, 1992. p.194-261.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- GINSBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo : Companhia das Letras, 1989.
- _____. **Mitos, emblemas e sinais.** São Paulo : Companhia das letras, 1990.
- _____. **A micro-história e outros objetos.** Lisboa : Difel, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo : Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de janeiro : Paz e Terra, 1992.
- HOBBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1984.
- HUNT, Lin (org.). **A nova história cultural.** São Paulo : Martins Fontes, 1992.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo : Ática, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo : Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Míriam Moreira. **Retratos de família**. São Paulo : EDUSP, 1993.

LOBO, Elisabete de Souza. Os usos do gênero. **Relações sociais de gênero X relações sociais de sexo**. São Paulo, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, 1985. p. 76-87.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo : Siciliano, 1995.

MICELLI, Sérgio. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1974.

MICHEL, Andréa. **Não aos estereótipos**. São Paulo : Conselho Estadual da Condição Feminina. Paris: UNESCO, 1969.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Imagens da Infância no Brasil : Crianças e infantes no Rio de Janeiro imperial**. São Carlos, 1992. Dissertação de Mestrado, UFSCAR.

OSTETTO, Lucy Cristina. Por entre “fontes orais” e “fontes escritas”, a tessitura das relações de gênero. In : **Esboços**: nº 3, 1º semestre 1996. Curso de Pós-Graduação em História-UFSC. p.53-64.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas : uma questão de classe**. Florianópolis : UFSC, 1994.

_____. Relações de gênero na pesquisa histórica. In : **Revista Catarinense de História**. nº 2. Florianópolis : Terceiro Milênio. 1994. p.35-45.

PERROT, Michelle & DUBY, Georges. (org.). **História das mulheres**. Vol.2: A Idade Média. São Paulo : EBRADIL/Porto : Afrontamento, 1990.

PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada v.4**. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

- _____. **Os excluídos da história : operários, mulheres e prisioneiros.** São Paulo : Paz e Terra, 1992.
- _____. Práticas da memória feminina. In: **Revista Brasileira de História.** São Paulo : Marco Zero, v.9, nº 18, ag/set. 1989. p. 9-18.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In : **Estudos Históricos.** 1992/10.
- POZZENATO, José Clemente. **O quatrilho.** Porto Alegre : Mercado Aberto, 1993.
- RUBIN, Gayle. A circulação de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In : REITER, Rayna R. (ed). **Towards an anthropology of women.** New York : Monthly Review Press. 1975 p. 57-210.
- SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. **A terra prometida : tese e antítese.** Os jornais do norte da Itália e a emigração para o Brasil (1875-1899). São Paulo, 1995. Tese de Doutorado. USP.
- SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In : A história em quadro negro. **Revista Brasileira de História.** São Paulo : ANPHU/Marco Zero. v.9,nº 19, set/ 89 fev/ 90. p. 219-243.
- SARTI, Cyntia. Cotidiano feminino, lugar dos outros. In : **Perspectivas.** São Paulo, 12/ 13: 73-120,1898/ 1990.
- SCOTT, Joan. Uma categoria útil para a análise histórica. In : **Revista da História - nova série- nº 14, Janeiro/junho, 1983, USP.** p. 31-38.
- SILVA, Ana Alice Oliveira e. A pedagogia do feminino. In : **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo (54) : 26, agosto 1989.
- STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa.** São Paulo : Ática, 1992.
- SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui - O narrador, a viagem.** São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

THOMPSON, Eduard Paul. **A miséria da teoria : ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Lisboa : Difel, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade- na história e na literatura.** São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da colônia Blumenau- cotidiano e trabalho (1850-1900).** São Paulo, 1991. Dissertação de Mestrado. PUC

ANEXOS



Anexo I - Lei Glicério- decreto 528 de 28 de junho de 1890.

Anexo II - Planta da Colônia Nova Veneza.

Anexo III - Panfleto divulgando a colônia “Nuova Venezia”.

Fonte: BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992. p. 237-245, 34, 251-255.

DECRETO Nº 528 – DE 28 DE JUNHO DE 1890

Regularisa o serviço da introdução e localisação de immigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O Generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação:

Considerando a conveniencia de regularisar o serviço da immigração na Republica, de modo que os immigrantes tenham segura garantia da effectividade dos auxilios que lhes forem prometidos para o seu estabelecimento;

Considerando que da adopção de medidas adequadas e tendentes a demonstrar o empenho e as intenções do Governo, relativamente a immigração, depende o desenvolvimento da corrente immigratoria e a segura applicação dos subsidios destinados àquelle serviço, ao qual se acha intimamente ligado o progresso da Nação;

Considerando que a protecção dada aos immigrantes e as medidas que assegurem a sua prompta e conveniente collocação concorrem efficazmente para interessal-os na prosperidade dos estabelecimentos em que forem localisados;

Considerando que faz-se conveniente a concessão de favores que animem a iniciativa particular e auxiliem o desenvolvimento das propriedades agricolas, facilitando-lhes a acquisição de braços, de modo, porém, que seja attendida a conveniente collocação dos immigrantes; decreta:

PARTE PRIMEIRA CAPÍTULO I DA INTRODUCCÃO DE IMMIGRANTES

Art. 1º. É inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.

Art. 2º. Os agentes diplomaticos e consulares dos Estados Unidos do Brazil obstarão pelos meios a seu alcance a vinda dos immigrantes daquelles continentes, communicando immediatamente ao Governo Federal pelo telegrapho quando não o puderem evitar.

Art. 3º. A policia dos portos da Republica impedirá o desembarque de taes individuos, bem como dos mendigos e indigentes.

Art. 4º. Os commandantes dos paquetes que trouxerem os individuos a que se referem os artigos precedentes ficam sujeitos a uma multa de 2:000\$ a 5:000\$, perdendo os privilegios de que gozarem, nos casos de reincidencia.

Art. 5º. Sómente terão passagem integral ou reduzida, por conta do Governo Federal:

1º. As familias de agricultores, limitados aos respectivos chefes, ou aos seus ascendentes os individuos maiores de 50 annos;

2º. Os varões solteiros maiores de 18 annos e menores de 50, uma vez que sejam trabalhadores agricolas;

3º. Os operarios de artes mecanicas ou industriaes, artezaões e os individuos uue se destinarem ao serviço domestico, cujas idades de acharem comprehendidas entre os limites do parographo precedente.

Os individuos enfermos ou com defeitos physicos, sómente terão passagem gratuita, si pertencerem a alguma familia que tenha pelo menos duas pessoas válidas.

Art. 6º. Nos contractos para o transporte de immigrants serão limitados ao maximo de 50 % do numero total os individuos comprehendidos na 2ª e 3ª classificacão do art. 5º, sendo os desta na proporção maxima de 33 % dos daquella.

Art. 7º. O Estado concederá ás companhias de transporte maritimo que o requerem a subvenção de 120 francos pela passagem de cada immigrant adulto que ellas transportarem da Europa para os portos da Republica e proporcionalmente, na razão da metade daquella quantia pelos menores de 12 annos até 8 inclusive, e a quarta parte pelos desta idade até 3 annos, uma vez que as mesmas companhias se obriguem a preencher as formalidades constantes deste decreto, e a não receber dos immigrants mais do que a differença entre a citada quantia e o preço integral das passagens; o que deverão provar com as declarações por elles firmadas, as quaes serão aqui verificadas no acto da chegada.

Art. 8º. Todos os immigrants que forem introduzidos em virtude de contractos deverão vir acompanhados de um attestado de agente consular da Republica, residente no porto da procedencia, no qual se ache especificado o nome, idade, estado e profissão, e bem assim o grão de parentesco dos individuos que compuzerem cada familia.

Art. 9º. Nenhum immigrant terá o auxilio do art. 5º, sem que declare expressamente qual o destino que pretende tomar chegando á Republica; e se acham certos, os que se destinarem ao serviço agricola, que do Governo sómente poderão reclamar o transporte para o ponto de seu destino e a respectiva collocacão em algum nucleo colonial á sua escolha, no qual terão os auxilios e favores de que alli gozam todos os immigrants na forma deste decreto.

Os operarios mecanicos, industriaes, etc. deverão igualmente assignar a declaracão de que para a sua collocacão nenhum favor solicitarão do Governo, além da protecção deste e das autoridades, bem como o transporte para as localidades onde desejarem fixar-se.

Todas estas declarações, que deverão ser feitas perante o agente consular e por este authenticadas, ficarão archivadas na Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão.

Art. 10. Os immigrants nominalmente indicados, ou aquellos que forem solicitados para o serviço de estabelecimentos particulares, não poderão ter o favor do art. 5º, sem que preceda declaracão firmada pelos individuos que os chamarem ou solicitarém, obrigando-se a prestar-lhes os auxilios precisos para a respectiva manutenção durante o tempo necessario, até que elles o possam obter pelo seu trabalho.

Esses documentos, que serão igualmente archivados na Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão, sujeitam os seus autores á affectiva responsabilidade, na falta de cumprimento da promessa feita.

Art. 11. Os proprietarios agricolas, assim como os bancos, companhias ou particulares proprietarios de núcleos, que desejarem receber immigrants, deverão apresentar á Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão o respectivo pedido, declarando o numero de individuos ou de familias que desejarem, a respectiva nacionalidade, e bem assim as vantagens que lhes offerecem, conforme a especie do serviço que for indicada.

Uma cópia deste pedido será enviada ao contractante do transporte, o qual a fará verter para o idioma do paiz a que pertencerem os immigrants solicitados, sendo indicado na competente moeda o valor do salario offerecido.

Esse documento, passando em duas vias, será assignado pelo immigrant, com a declaracão de que fica sciente das condições propostas. Uma das vias ser-lhe-ha entregue e a outra apresentada á Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão na occasião da sua chegada.

Art. 12. Os immigrants ficarão sob a protecção especial do Governo e das Inspectorias Gerais e Especies de Terras e Colonisacão durante os seis primeiros mezes que decorrerem após a sua chegada.

Aquelles que, collocados em estabelecimentos particulares, quizerem transferirse para os nucleos colonias particulares ou do Estado, poderão fazel-o dentro daquelle prazo, sujeitando-se ao disposto no art. 5º.

Igualmente poderão os que ficarem nas cidades do litoral da Republica solicitar no mesmo prazo a respectiva transferencia para qualquer outro ponto até onde chegarem communicacões regulares, por via maritima, fluvial ou terrestre.

Art. 13. Serão somente tomadas em consideracão as reclamações feitas pelos immigrants dentro daquelle prazo, cumprindo á Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão na Capital Federal, ás Inspectorias Especies ou aos agentes officiaes de colonisacão ou immigracão, nos logares onde houver estes funcionarios, e, finalmente, aos presidentes das Municipalidades, Intendencias, ou da corporacão de eleição popular, que for creada para substituir as antigas Camaras Municipaes, verificar as allegações dos reclamantes, promover os inqueritos que forem precisos, dando de tudo conhecimento ao Ministerio da Agricultura, por intermedio dos governadores, quando a reclamação se fizer directamente aos funcionarios dos Estados, ou por intermedio da Inspectoria Geral das Terras e Colonisacão, quando o inquerito for por esta autorizado;

PARTE SEGUNDA CAPÍTULO II DAS PROPRIEDADES AGRICOLAS

Art. 20. Todo o proprietário territorial, que de-sejar collocar immigrants europeus em sua propriedade, tem direito aos favores constantes deste decreto, desde que sejam preenchidas as condições aqui estipuladas.

Art. 21. As propriedades destinadas á localisação de immigrants deverão ser inscriptas no registro a que se refere o decreto n. 451 B de 31 de maio proximo findo, e não poderão ter área inferior a 500 hectares estando incultas, ou 300 hectares, si estiverem cultivadas.

A sua distancia dos centros de consumo, ou de uma estação da mais proxima via-ferrea, não deverá exceder de 13.200 metros, contados do centro da propriedade.

Art. 22. As propriedades deverão ser descriptas em um memoria, contendo informações precisas sobre a qualidade das terras, a salubridade e aptidão para a cultura, os cursos de agua que as banham, e bem assim sobre a especie de lavoura a que se prestam.

Outrossim, quando se tratar de propriedades já cultivadas e em exploração, serão igualmente indicadas as estradas que já possuirem, bem como os edificios, machinas e aparelhos que tiverem para o beneficio dos productos.

Art. 23. As propriedades deverão ser divididas em lotes, convenientemente providos de agua, e de alguma matta para os misteres domesticos.

Nas propriedades incultas, a área dos lotes será de 15 hectares; nas que já tiverem cultura, os lotes poderão ser de cinco hectares no minimo, devendo estes ter, pelo menos, metade da área já cultivada.

Os lotes deverão ter as necessarias picadas para se communicarem entre si, e com a estrada geral existente, ou que for projectada.

CAPÍTULO III DA VENDA DOS LOTES E MODO DE PAGAMENTO – AUXILIOS AOS IMMIGRANTES – TITULO DE PROPRIEDADE

Art. 24. Os lotes contendo uma casa provisoria, de valor não inferior a duzentos e cincoenta mil réis, conforme o typo approvado pelo Governo, serão vendidos a immigrants com familia pelo preço maximo de 25\$, por hectare, estando as terras incultas, ou 50\$, estando as terras cultivadas.

Nestes preços não está incluído o custo da casa provisoria.

O pagamento será feito por prestações annuaes, a contar do primeiro dia do segundo anno do prazo, que não será menor de 10 annos, adicionando-se á importancia de cada prestação o juro nunca excedente a 9% ao anno.

cumprindo aos referidos funcionarios dar o seu parecer sobre a procedencia da reclamação.

Art. 14. O proprietario ou gerente do estabelecimento particular, que for convencido de ter faltado aos compromissos contrahidos com os immigrants, será compellido a satisfazel-os pelos meios legaes, e perderá o direito de havel-os por intermedio do Estado, durante o prazo de seis mezes a dous annos, conforme as circumstancias do caso.

Art. 15. Os contractantes do transporte de immigrants ficarão incursos nas multas estabelecidas nos respectivos contractos, si, nas averiguações a que se proceder na forma dos artigos precedentes, verificar-se que não são agricultores os immigrants sobre que versar o inquerito, uma vez que como taes tanham sido introduzidos.

Nos casos de defficiencia dos contractos, a multa será igual á metade do preço das passagens de toda a familia, ou unicamente da passagem do immigrant, si elle tiver vindo só.

Art. 16. As companhias de navegção, que houverem transportado, durante o anno 10.000 immigrants pelo menos, sem que tenha havido reclamação alguma a respeito das bagagens e do tratamento dado aos mesmos immigrants, terão direito a um premio de 100.000 francos.

Art. 17. Somente terão direito a ser repatriados por conta do Estado:

1º. As viúvas e orphãos, que tiverem perdido seus mandos ou paes dentro de um anno, após sua chegada aos portos da Republica;

2º. Os immigrants que ficarem inutilizados em consequencia de desastre soffrido no serviço a que se dedicaram, uma vez que não tenham ainda um anno de residencia na Republica;

Os immigrants, que se acharem nestas circumstancias, terão, quando sollicitarem, além da necessaria passagem, o auxilio de 50\$ a 150\$, conforme o numero de pessoas da familia, para as despezas de viagem e installação.

Nestas disposições, somente se comprehendem os immigrants que tiverem sido introduzidos no paiz com passagem paga pelo Estado.

Art. 18. Os governadores tomarão as medidas necessarias no intuito de proteger os immigrants morigerados e laboriosos, contra qualquer especulação nos respectivos Estados.

Art. 19. Todas as reclamações relativas ás bagagens deverão ser dirigidas á Inspectoria Geral das Terras e Colonisação, á qual cumpre adoptar as providencias necessarias para que as mesmas cheguem com os respectivos donos a seus destinos.

Art. 25. Os proprietários adiantarão aos imigrantes, que forem localizados, as ferramentas, sementes, etc.; bem assim os meios necessários para a subsistência d'elles e de suas famílias até o prazo de nove mezes, emquanto não tiverem resultado as suas culturas.

A importância dos adiantamentos será adicionada ao valor do lote que, com todas as bemfeitorias, ficará hypothecado ao proprietário, até final pagamento.

Art. 26. O imigrante receberá, no acto do seu estabelecimento, um título provisório de sua propriedade, no qual serão lançados, com o preço do lote, os adiantamentos que receber.

Neste mesmo título serão igualmente registrados os pagamentos que forem effectuados.

Logo que terminarem os pagamentos devidos pelo imigrante, será este título trocado por outro de caracter definitivo, onde lhe seja dada plena quitação e se achem indicadas todas as vantagens estabelecidas no citado decreto n. 451 B, de 31 de maio.

CAPÍTULO IV

DA FALTA DE PAGAMENTO E ABANDONO DO LOTE - TRANSFERENCIA - AVALIAÇÃO DAS BEMFEITORIAS

Art. 27. No caso de atraso nos pagamentos por dous annos successivos, poderá o proprietário reclamar o despejo do lote, pagando ao imigrante as bemfeitorias que houver feito e metade das prestações já realizadas, depois de deduzida desta importância a que lhe for devida pelos adiantamentos que houver feito.

Art. 28. No caso de abandono do lote, antes do completo pagamento, nenhum direito terá o imigrante á indemnização de qualquer natureza.

Art. 29. É permitido ao imigrante transferir o seu lote, antes de haver o pago, uma vez que a isso acceda o proprietário.

Art. 30. Nos casos de desacordo na avaliação das bemfeitorias existentes nos lotes, o juiz de paz do districto, onde estiver a propriedade, nomeará um arbitro, decidindo o laudo deste a duvida que houver.

CAPÍTULO V DOS FAVORES CONCEDIDOS PELO ESTADO

Art. 31. Todos os proprietários ou empresas, que satisfizerem as condições indicadas nos artigos precedentes, terão direito a receber do Estado os seguintes favores, na proporção que segue, conforme a categoria em que for classificada a respectiva propriedade.

Art. 32. São de tres categorias as propriedades a que se refere o artigo precedente.

Art. 33. Pertencem á 1ª categoria: as propriedades, em estado de cultura, onde puderem ser estabelecidas pelo menos 30 familias.

Pertencem á 2ª categoria: as propriedades nas condições precedentes que puderem admitir 200 familias no minimo, e já possuirem estradas viaveis no interior, e com communicações com os mercados de consumo, ou estação de via ferrea, ou portos maritimos ou fluviaes, e bem assim fabricas e machinas para o beneficiamento dos productos.

Pertencem a 3ª categoria: as grandes propriedades, como sejam: engenhos centraes, fabricas de qualquer especie, que possuirem territorio já cultivado, ou inculto, onde puderem ser collocadas pelo menos 500 familias de trabalhadores agricolas e que tiverem preenchido as condições estabelecidas para as de 2ª categoria; e em geral os territorios adquiridos pelas empresas que se formarem para o povoamento das terras devolutas da União, ficando obrigadas a preencher as condições do art. 23, e bem assim a collocar, pelo menos, aquelle numero de familias, e a estabelecer os engenhos e fabricas precisas para o beneficiamento e aproveitamento dos productos e materias primas, e bem assim casas para escolas e enfermarias.

Art. 34. Os favores a que teem direito as propriedades comprehendidas na 1ª categoria consistem no premio de 200\$, por familia que for collocada, e bem assim no de 250\$, para a casa provisoria.

As propriedades comprehendidas na 2ª categoria terão, além dos favores precedentes, mais a quantia de 1:500\$, por kilometro de estrada que for necessaria, para ligar a séde da propriedade á mais proxima estação de via-ferrea, ou a um centro de consumo.

As propriedades de 3ª categoria terão não só os favores já mencionados para as duas primeiras, como tambem o auxilio de 800\$ para a construção de caminhos intermos; e bem assim a concessão de terras devolutas que forem precisas para o estabelecimento do dobro do numero minimo de familias que deverem ser estabelecidas nos termos do art. 33.

Si o governo julgar conveniente, poderá o auxilio para a construção da estrada ligando a séde á estação mais proxima de via-ferrea, ou centro de consumo, ou porto fluvial, ou maritimo, ser substituido pela garantia de juros de 6% sobre o preço maximo de 15:000\$ por kilometro de via-ferrea economica, durante o prazo de 20 annos, segundo as condições que forem estabelecidas.

Art. 35. O proprietario que tiver em sua propriedade cem familias regularmente localizadas, receberá o premio de 5:000\$.

Este premio se repetirá tantas vezes, quantas for proporcionalmente preenchida aquella condição, effectuando-se o respectivo pagamento, depois de feitas as necessarias verficações.

CAPÍTULO VI

DA EFFECTIVIDADE DOS FAVORES - MODO DO PAGAMENTO

Art. 36. Uma vez classificada a propriedade, serão os premios relativos á casa provisoria e á localisação pagos á proporção que forem se estabelecendo os imigran-

tes, por grupos nunca menores de 10 famílias, 90 dias depois do estabelecimento da ultima familia, á vista do attestado do fiscal designado, declarando que as familias estão devidamente localizadas e installadas nas casas provisionarias, conforme o typo adoptado.

Na mesma proporção será feito o pagamento das prestações relativas aos caminhos vicinaes, á vista da medição feita na planta geral da propriedade, e dos lotes occupados.

O pagamento da subvenção arbitrada para as estradas geraes effectuar-se-ha á vista dos estudos approvados, depois que se achar estabelecida a quarta parte do numero de familias que deve contar a propriedade.

Art. 37. Sempre que se retirar uma ou mais familias, pelas quaes já tenham sido pagos os respectivos premios, deverá o proprietario comunicar ao fiscal nomeado, a fim de que os retirantes não vão receber novos favores em outra propriedade.

Nos pagamentos subsequentes será abatida a importancia da casa provisionaria existente no lote abandonado.

CAPÍTULO VII DA HABILITAÇÃO DOS PROPRIETARIOS PARA RECEBER OS FAVORES MENCIONADOS

Art. 38. Os proprietarios que desejarem receber os favores consignados neste decreto deverão apresentar á Inspectoria Geral das Terras e Colonisação o seu requerimento, instruido na conformidade dos art. 20, 21 e 22, acompanhado pela planta da propriedade.

Art. 39. Depois de effectuadas as necessarias diligencias, será o requerimento apresentado ao Ministro, que, em despacho, declarará si a propriedade é accocita, e qual a categoria que lhe cabe, entrando desde logo a referida propriedade no gozo dos favores que lhe pertencerem, ficando subentendido que o proprietario subordina-se ás disposições deste decreto.

Art. 40. Os pretendentes á formação de emprezas, na forma do final da ultima parte do art. 33, deverão instruir os seus requerimentos com documentos que provem a sua idoneidade e os recursos de que dispõem para realizar a sua pretensão.

Depois de deferidos, deverão, no prazo maximo de um anno, effectuar a medição das terras que lhes forem concedidas, recolhendo a respectiva importancia á razão de 1.\$033 por hectare, conforme os termos da concessão, ao Thesouro Publico, ou ás Thesourarias dos Estados.

Art. 41. Sómente depois de preenchida esta formalidade poderá o concessionario entrar no gozo dos demais favores.

CAPÍTULO VIII DISPOSIÇÕES GERAES

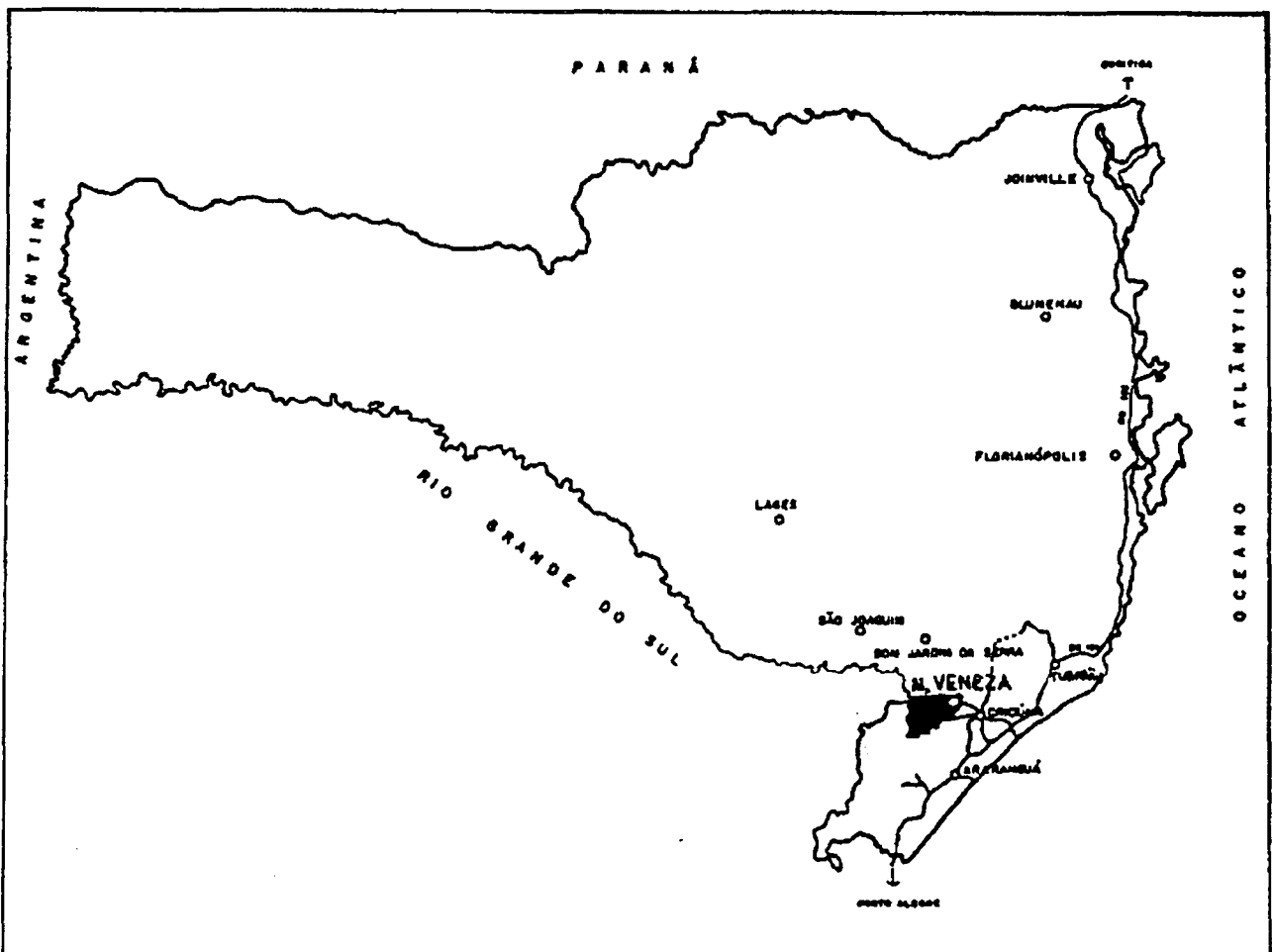
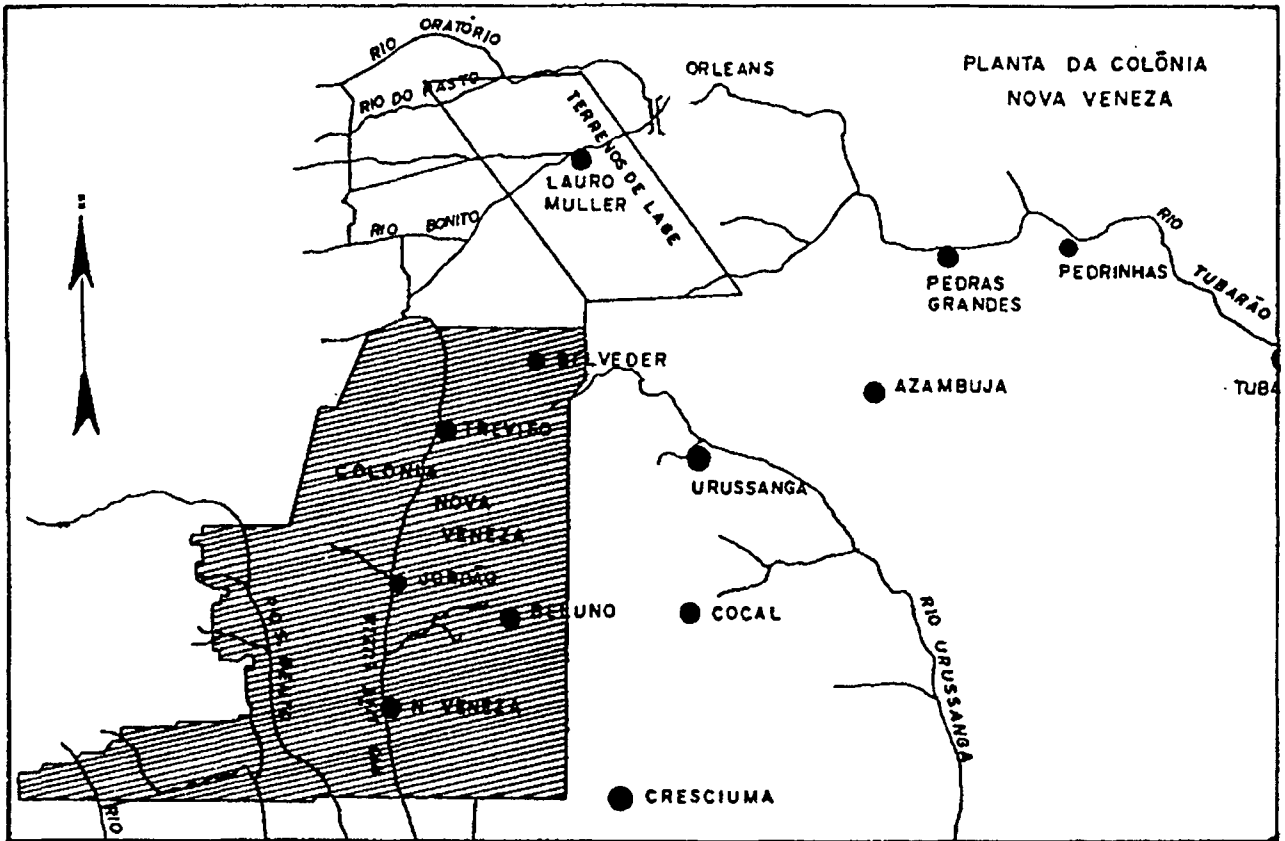
Art. 42. Sobre o numero total das familias de immigrants que forem localizados, poderão ser admittidos 25% de nacionaes, comtanto que sejam morigerados, laboriosos e aptos para o serviço agricola, os quaes terão direito aos mesmos favores concedidos áquellas.

Art. 43. Em tudo o mais que for relativo ao fornecimento de immigrants, observa-se-ha o disposto no presente decreto.

Sala das sessões do Governo Provisorio, 28 de junho de 1890, 2.ªda República.

MANOEL DEODORO DA FONSECA.

Francisco Glicério

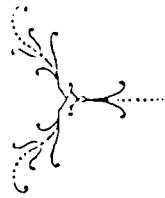


Brevi Notizie



CONDIZIONI

sulla



COLONIA "NUOVA VENEZIA"

IN

Santa Catharina

BRASILE



COLONIA "NUOVA VENEZIA"

IN

Santa Catharina

(BRASILE)



BREVI NOTIZIE E CONDIZIONI



— 1891 —
Tipografia-La Patria - Rua Sete de Setembro n. 83
Rio de Janeiro

COLONIA "NUOVA VENEZIA"

BREVI NOTIZIE

Questa Colonia, testé fondata sulla vallata del rio Araranguá, nello Stato di Santa Catharina, é situata a poche leghe dal Comune di Araranguá, e limitrofa alle fiorenti colonie italiane di Cresciuma, Accioli, Urussanga, Azambuja e Armazen. I suoi terreni bagnati dal detto fiume, dal Mãe Luzia e da una infinitá di altri piccoli corsi d'acqua, abbondanti di pesce, sono universalmente riconosciuti pei piú ricchi di questo Stato, sia per la fertilitá del suolo come per la dolcezza del clima. Sono tuttavia ricoperti di boschi vergini, e il solo legname é bastante a pagare il valore del suolo.

Vi si trovano molti minerali, grande quantitá di piante medicinali, e vi si caccia in abbondanza la *anta* (tapiro), il cinghiale, il *veado* (cervo), la lontra, la *pacca*, il *coaty*, la lepre, il *tatú* e i volatili piú preziosi del Brasile.

Questa grande colonia, che non conterrà meno di 2000 famiglie, avrà una bella chiesa, amministrata da un prete italiano, due scuole per ambo i sessi, una farmacia e un' infermeria, oltre ad un comodo asilo appositamente destinato agli immigranti.

Nella Nuova Venezia, oltre all'agricoltura, fioriranno le industrie; i prodotti della terra subiranno tutte le modificazioni; i grani diverranno buone farine, a mezzo d'apposito mulino; le uve si cambieranno in ottimi vini, mercé uno stabilimento enologico; la cannamela in zuccheró ed acquavite; una segheria a vapore darà modo di utilizzare l'immensa quantitá di legnami, ecc.

L'impresa, come é facile rilevare dal presente progetto, proponesi d'ausiliare il colono con tutti i mezzi piú acconci, affinché dalla prosperità di lui possa trarre la propria. Lo guiderá, consiglierá e conforterà dal di che lo accoglie sino a renderlo indipendente; lo accompagnerá passo passo con cure sino a farne un piccolo proprietario; gli faciliterá e soavizzerá l'esistenza, fondando stabilimenti industriali per beneficiare e utilizzare i suoi prodotti, promovendo commerci e industrie; gli tomerá, in una parola, il distacco dalla patria meno penoso e la vita il piú felice possibile.

CONDIZIONI

I. OBBLIGHI DELLA COMPAGNIA

1. - I coloni godranno per legge del passaggio gratuito dall'Europa sino alla colonia, dove vengono ospitati e alimentati in apposito asilo; percipito dell'impresa, sino a prender possesso del lotto di terra che loro si destina.

2. - Avranno diritto al lotto di terra tutti i coloni la cui età non sia minore di 18 anni, né maggiore di 60.

3. - Ogni singolo lotto, misurato, demarcato e numerato, avrà un'area che varierá fra i quindici e i trenta ectari, a seconda della natura della terra e della forza attiva della famiglia cui verrà destinato.

a)... Il valore dei *lotti-urbani* (quelli cioè situati nella sede della colonia) é di 80\$000 (200 lire) cadauno.

b).... Il valore dei *lotti rustici* (cioé fuori della sede della Colonia) varierá fra i 18\$000 (L.45) ei 25\$000 (L.62,50) l'ectara, a seconda la natura e la localitá della terra.

4. - Ogni lotto di terra conterrà una casa provvisoria, costruita secondo l'esigenza dell'igiene, e abbastanza comoda per una famiglia di sei persone.

5. - Con la casa il colono riceverá una vacca, una bestia da soma, due porci e quattro galline, come pure le ferramente inerenti al ramo d'agricoltura al quale intenderá dedicarsi, e le rispettive sementi.

6. - Il colono, preso appena possesso del proprio lotto, sará impiegato 15 giorni al mese, per 6 mesi almeno, in lavori d'ordine generale, percipendo la retribuzione di 1\$500 reis (lire 3.75) al giorno. L'altra metà del mese l'occuperà in lavori della propria terra.

7. - Il colono, impossessandosi del lotto, riceverá un titolo provvisorio, ove saranno espresse tutte le presenti condizioni, e sará firmato dal Direttore della colonia. Riceverá pure un libretto cho lo porrá in conto corrente con l'amministrazione della colonia. In esso verranno notati:

a) il valore del lotto di terra;

b) il costo della casa;

c) il prezzo della ferramenta, degli animali e delle sementi, nonché degli ausilii di cui potrebbe aver bisogno;

d) i pagamenti fatti in conto dal colono fino al saldo totale del suo debito.

8. - Appena il colono si sará posto in pari coll'amministrazione della colonia, mediante il saldo d'ogni suo debito, riceverá il titolo definitivo con la rispettiva quitanza da cambiarsi col titolo provvisorio.

II. OBBLIGHI DEL COLONO

9. - Il colono sará obbligato a sdebitarsi coll'impresa mediante prestazione del terzo di tutte le sue rendite annuali, qualunque sia il ramo d'agricoltura o d'industria ch'egli imprendá a esercitare, compreso anche l'allevamento del bestiame e i lavori manuali.

10. - L'impresa offresi di comprare tutti i raccolti del colono al prezzo stesso del piú vicino mercato; essendo obbligo di preferirla quando non abbia compratori a prezzi maggiori.

11. - L'impresa riserbasi sempre il diritto, ove lo credesse conveniente, di esigere dal colono il pagamento del lotto e di tutt'altri crediti nel tempo e nel modo contemplati dall'artº 24 del decreto Nº 528 del 28 giugno 1890, cioè, con la dilazione di 10 anni c

in rate annuali, a principiarsi dal primo giorno del secondo anno della dilazione, col frutto a scalare del 7 per % all'anno.

12. - Il colono, che, un mese dopo aver preso possesso del lotto, non avesse iniziati i lavori di coltivazione senza giustificame il motivo, perderà *de jure* il diritto del lotto stesso.

13. - Il colono, ove abbandonasse il lotto prima del pagamento totale, non avrà diritto a indennizzo di nessuna specie.

14. - Il colono non può trasferire, permutare vendere, affittare, ipotecare o costituire anticresi sul lotto, senza prima averne ottenuta speciale autorizzazione dal Direttore. Tale autorizzazione dovrà risultare da scrittura.

15. - Il colono, per gli effetti di che ai paragrafi 9°, 10. e 12, deve rendere esatto conto dei raccolti; è obbligato a trasportare in natura o pagare in contanti, la prestazione del terzo annuo, nella località all'uopo indicata dal Direttore, nei giorni e nelle ore a ciò destinati.

16. - L'amministrazione ha diritto di far sorvegliare e fiscalizzare i lavori agricoli e di raccolta del colono, e ove questi li trascurasse senza motivi giustificabili, o sottraesse in tutto o in parte i raccolti, l'amministrazione potrà risarcirsene valendosi all'uopo dei mezzi legali più opportuni.

17. - Il colono non potrà rifiutare di lasciare aprire nel suo lotto strade di comunicazione, canali d'acqua, od opere di qualsivoglia altra natura, reputate di pubblica utilità.

III. DISPOSIZIONI GENERALI

18. - Il colono, che volesse pagare il lotto all'atto della presa di possesso, godrà dello sconto del 7 %.

19. - I lotti urbani saranno venduti per contanti e potranno essere acquisiti da cittadini di qualsiasi nazionalità e provenienza.

20. - Tutti gli anni saranno stabiliti due premi, a criterio del Direttore, a vantaggio dei due coloni che, durante l'anno, si siano segnalati per buona condotta e per diligenza ai lavori del lotto.

Colonia Nuova Venezia, 1 gennaio 1891.

L'Impresa Il Direttore-Capo

A. FIORITA e Ca. MICHELE NAPOLI